

IARA PEREIRA DA SILVA SANTANA

**MANIFESTAÇÕES SOBRE A ASSOCIAÇÃO DE
MORADORES ‘BURITI LAGOA’ NA PERSPECTIVA DO
DESENVOLVIMENTO LOCAL**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
- MESTRADO ACADÊMICO -
CAMPO GRANDE
2008**

IARA PEREIRA DA SILVA SANTANA

**MANIFESTAÇÕES SOBRE A ASSOCIAÇÃO DE
MORADORES ‘BURITI LAGOA’ NA PERSPECTIVA DO
DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Local - *Mestrado Acadêmico*, à Banca Examinadora, sob orientação do Prof. Dr. Vicente Fideles de Ávila.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
- MESTRADO ACADÊMICO -
CAMPO GRANDE/MS
2008**

Ficha Catalográfica

Santana, Iara Pereira da Silva

S232mr Manifestações sobre a Associação de Moradores 'Buriti Lagoa' na perspectiva do desenvolvimento local / Iara Pereira da Silva Santana; orientação Vicente Fideles de Ávila. 2008
123 f. + anexos

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Mestrado em desenvolvimento local, 2008.
Inclui bibliografia

1. Associações comunitárias - Manifestações 2. Desenvolvimento local
I. Ávila, Vicente Fideles II. Título

CDD-338.98171

Bibliotecária responsável: Clélia T. Nakahata Bezerra CRB 1/757

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: Manifestações sobre a associação de moradores ‘Buriti Lagoa’ na perspectiva do desenvolvimento local

Área de concentração: Territorialidade e Dinâmicas Sócio-ambientais

Linha de pesquisa: Dinâmica Territorial, Cooperação Social e Uso Sustentável de Recursos Naturais

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local - Mestrado Acadêmico - Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Dissertação aprovada em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador - Prof. Dr. Vicente Fideles de Ávila
Universidade Católica Dom Bosco - UCDB

Prof. Dr. Reginaldo Brito da Costa
Universidade Católica Dom Bosco - UCDB

Prof. Dr. Antonio Hilário Aguilera Urquiza
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Dedico à Fernanda, ao Henrique, ao
Diogo e à Vitória Maria, incentivadores
incondicionais.

AGRADECIMENTOS

À Luz maior que nos ilumina: DEUS e todos os Santos e Seres Superiores que me conduzem.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para o desempenho desta pesquisa, cuja amplitude vai além dos que particularmente agradeço, os quais trago intimamente à luz de minha mais profunda gratidão.

Ao Professor Dr. Vicente Fideles de Ávila, meu Orientador, a quem atribuo, indiscutivelmente, a dominação do conteúdo e formatação do que é Desenvolvimento Local, mesmo que em contínua construção.

À minha família: à filha Fernanda, ao filho Diogo, ao neto Henrique, à sobrinha neta Vitória Maria, ao meu marido Antonio, à minha mãe Guaracyaba, de 79 anos, e ao meu pai Antonio, de 90 anos, minha gratidão eterna.

Aos Professores do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco: Dr^a. Cleonice Alexandre Le Bourlegat, Dr^a. Maria Augusta de Castilho e ao Dr. Reginaldo Brito da Costa, cujas menções, estendo aos demais.

Ao Professor Dr. Antonio Hilário Aguilera Urquiza, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, muito obrigada pela atenção.

Ao Ministério de Estado das Cidades, à Prefeitura Municipal de Campo Grande/MS e à Caixa Econômica Federal, pela oportunidade.

À Professora Mestre Assistente Social Raimunda Luzia de Brito, que me iniciou na Academia. À colega Assistente Social Antonia Magali Lorencinho Lins, amiga de ontem, hoje e sempre.

Às colegas Assistentes Sociais: Kleyd Junqueira Taboada e Idê de Almeida Crispim.

Ao Senhor Mariano Pereira Nunes e sua esposa, Dona Madalena Nunes, pessoas detentoras do conhecimento popular, determinantes para este estudo, pela amizade e pelas pessoas maravilhosas que são.

À Associação de Moradores da ‘Comunidade Buriti Lagoa’.

Aos moradores da Comunidade Buriti Lagoa.

“Personalizando de vez, já fiz várias apresentações sobre *Desenvolvimento Local* a mestrandos, graduandos e comunidades de pelo menos quatro municípios do Mato Grosso do Sul. E a primeira pergunta de quem nunca ou pouco ouviu falar sobre isso é infalivelmente esta: *quê é Desenvolvimento Local?*”

(ÁVILA, 2003)

SANTANA, Iara Pereira da Silva. *Manifestações sobre a associação de moradores 'Buriti Lagoa' na perspectiva do desenvolvimento local*. 123p. 2008. (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local - Mestrado Acadêmico - Universidade Católica Dom Bosco/UCDB).

RESUMO

Esta pesquisa propõe-se a refletir sobre as manifestações no contexto da 'Comunidade da Associação de Moradores do Buriti Lagoa', entre os anos de 2004 a 2006, quanto às suas *performances* e seus relacionamentos internos e externos, passíveis de aproveitamento para a formação e endogeneização comunitária de cultura e iniciativas de Desenvolvimento Local. A fundamentação teórica do trabalho compõe-se de textos que expõem os pontos de vista de seus autores sobre os aspectos gerais que estão no bojo do Desenvolvimento Local. Os dados aqui apresentados foram coletados por meio de pesquisa de campo, realizada com a Associação de Moradores (agentes internos), comunidade (agentes externos) e parceiros institucionais (agentes externos), atores deste estudo. A pesquisa é um produto científico aberto, foi estruturada em quatro capítulos que versam sobre as performances daquela 'Comunidade'. Observa-se que o resultado encontrado na comunidade alvo propicia e revela os fenômenos que culminam, a partir da 'ruminação' do auto-conhecimento dessas 'comunidade', em iniciativas para o Desenvolvimento Local. Merece destaque o emergir das grandes lógicas que, com o intuito de favorecer e fomentar futuros estudos que complementarão e enriquecerão o "processo de teorização e exercitação" do que é Desenvolvimento Local.

Palavras-chave: Comunidade. Performances. Desenvolvimento local.

SANTANA, Iara Pereira da Silva. *Buriti Lagoa Association about Residents Expressions towards a local development*. 123p. 2008. (Local Development Program - Academic Masters Degree - Dom Bosco Catholic University/UCDB).

ABSTRACT

The present research tends to reflect upon the every day expressions of the Buriti Lagoa Association of Residents Community between 2004 and 2006 in relation to its performances and internal and external relationships which can be taken in advantage to the formation and establishment of a common culture and also to local development initiatives. The theoretical foundation of this research paper is based on texts that show the point of view of their authors about the general aspects of the local development. The information arranged here was collected in a searching work which took place with the Association of Residents Community (internal agents), community (external agents) and institutional partners (external agents), authors of this project. This research paper is an open scientific work and its structure is composed of four chapters related to that "Community". It can be seen that the result from the work developed in the community tends to and reveal the facts that lead to the initiatives to the local development; it happens as soon as this community reaches the highest knowledge ever. As a matter of fact, it is important to point out the expression of the huge logic trying to provide and benefit the future studies that will complement and implement the "theoretical and exercising process" of what a local development is.

Key words: Community. Performance. Local development.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do Projeto Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS	45
Figura 2 - Mapa de localização da intervenção em Campo Grande/MS	46
Figura 3 - Universo pesquisado junto à Associação de Moradores do Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS	53
Figura 4 - Figura 4 - Panorama estrutural-funcional da pesquisa/dissertação	85
Figura 5 - Sinais, sintomas e variáveis	86

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Membros da Associação de Moradores da Comunidade Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS	54
Foto 2 - Pesquisa de campo - Estrato B Junto à Comunidade Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS	55
Foto 3 - Associação de Moradores da 'Comunidade' Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS	61
Foto 4 - Núcleo do grupo mulheres sem limites/parceria ONG Moradia e Cidadania, em Campo Grande/MS	63
Foto 5 - Centro comunitário da Comunidade Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS	65
Foto 6 - Biblioteca comunitária do Centro Comunitário do Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS	74
Foto 7 - Capacitação das lideranças pela consultoria DEPHES - Centro Comunitário do Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS	77
Foto 8 - Cursos de culinária - Centro Comunitário do Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS	78
Foto 9 - A galinhada.- Centro Comunitário do Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Famílias atendidas do Buriti Lagoa na Região do Lagoa, em Campo Grande-MS	47
Tabela 2 - Índice de escolaridade dos componentes das famílias da Comunidade Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS	48
Tabela 3 - Faixa etária dos dirigentes da Associação de Moradores do Buriti Lagoa, à época, em Campo Grande/MS	68
Tabela 4 - Situação empregatícia dos dirigentes da Associação de Moradores do Buriti Lagoa, à época, em Campo Grande/MS	68
Tabela 5 - Participação dos dirigentes da Associação de Moradores do Buriti Lagoa, à época, em Campo Grande/MS	69

LISTA DE SIGLAS

ABC	- Associação Brasileira de COHABs
AM	- Associação de Moradores
BDL	- <i>Best Practices and Local Leadership Programme</i>
BID	- Banco Interamericano de Desenvolvimento
CAIXA	- Caixa Econômica Federal
CNPq	- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COHAB	- Cooperativa Brasileira de Habitação
COTS	- Caderno de Orientação Técnica Social
DEPHES	- Desenvolvimento do Potencial Humano, Empresarial e Social.
DL	- Desenvolvimento Local
DnL	- Desenvolvimento no Local
DpL	- Desenvolvimento para o Local
EMHA	- Empresa Municipal de Habitação
FUNSAT	- Fundação Municipal do Trabalho
HBB	- Habitar Brasil BID
IBAM	- Instituto Brasileiro de Administração Municipal
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPCAE	- Índice de Preços ao Consumidor Amplo Especial
MS	- Mato Grosso do Sul
ONG	- Organização Não Governamental
ONU	- Organização das Nações Unidas
PLANURB	- Instituto Municipal de Planejamento Urbano e Meio Ambiente
PMCG	- Prefeitura Municipal de Campo Grande
PPC	- Projeto de Participação Comunitária
PRONAGER	- Programa Nacional de Geração de Renda
SAS	- Secretaria Municipal de Assistência Social

SEDU/PR	- Secretaria de Desenvolvimento Urbano da Presidência da República
SEHAB	- Secretaria Estadual de Habitação
SESAU	- Secretaria Municipal de Saúde
SESOP	- Secretaria Municipal de Serviços e Obras Públicas
UCDB	- Universidade Católica Dom Bosco
UFMS	- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UNIDERP	- Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
1.1 TÓPICOS CONCEITUAIS	20
1.1.1 Comunidade	20
1.1.2 <i>Performance</i> informal interna de comunidade	24
1.1.3 Cidadania	24
1.1.4 Potencialidade interativa	26
1.1.5 Sinais, sintomas e variáveis	28
1.1.6 Território e territorialidade	30
1.1.7 Comunitarização	33
1.1.8 Desenvolvimento local	34
CAPÍTULO 2 - ANTECEDENTES DA COMUNIDADE BURITI LAGOA	37
2.1 O PROGRAMA HABITAR BRASIL BID/HBB E O PROJETO BURITI LAGOA	38
2.1.1 O Programa Habitar Brasil BID/HBB	38
2.1.2 A situação do local anterior à intervenção	39
2.1.3 A intervenção	40
2.1.3.1 Os produtos das ações interventivas	41
2.1.3.2 O trabalho social	42
2.1.3.3 Êxito da intervenção	43
2.1.4 Caracterização da área e da população	44
2.1.5 Perfil socioeconômico	47
2.2 TERRITORIALIZAÇÃO - PRIMÓRDIOS DA COMUNIDADE PELOS PRIMEIROS HABITANTES	49
2.3 O UNIVERSO PESQUISADO	52
CAPÍTULO 3 - <i>PERFORMANCES</i> INTERATIVAS DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA ‘COMUNIDADE’ BURITI LAGOA’	57
3.1 <i>PERFORMANCE</i> INTERATIVA INFORMAL	57

3.2 ASSOCIAÇÃO DE MORADORES	58
3.3 O PROCESSO DE MOBILIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO - INFORMAÇÕES COLHIDAS JUNTO AOS DIRIGENTES INTERNOS	60
3.3.1 Presidente e membros da diretoria da associação de moradores	61
3.3.2 Processo construtivo de identidade da associação de moradores	64
3.3.3 A estrutura endógena	67
3.3.4 Destaques dos fenômenos referentes ao questionário aplicado	70
3.3.5 Comentário geral	71
3.4 PERCEPÇÕES DAS PESSOAS QUE FREQUENTAM A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES	72
3.4.1 Visão externa, vivência	72
3.4.2 Participação para unir potenciais	73
3.4.3 Comentário geral	74
3.5 PERCEPÇÕES DETECTADAS JUNTO AOS PARCEIROS	75
3.5.1 Coordenadora Nacional da Área Social do Programa Habitar Brasil BID/HBB	76
3.5.2 Agente Externo, Secretário Municipal de Habitação à Época	78
3.5.3 A Visão da Organização Não Governamental (ONG) Moradia e Cidadania	80
3.5.4 Contribuição para o aperfeiçoamento	81
 CAPÍTULO 4 - MANIFESTAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES PARA INICIATIVAS COMUNITÁRIAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL	 84
4.1 RELAÇÃO ENTRE RESULTADOS E REFERENCIAIS	86
4.2 RELAÇÃO ENTRE SINAIS, SINTOMAS E VARIÁVEIS NESTE ESTUDO	88
4.2.1 Como a Associação de Moradores se vê	89
4.2.2 Como a Associação de Moradores foi vista pela Comunidade do Buriti Lagoa	92
4.2.3 A Associação de Moradores vista pelos parceiros públicos e privados	95
4.3 MANIFESTAÇÕES QUE CONVERGIRAM PARA A FORMAÇÃO, ENDOGENEIZAÇÃO E INICIATIVAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL	97
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 100
 REFERÊNCIAS	 103
 APÊNDICES	 107
 ANEXO	 120

INTRODUÇÃO

Os movimentos sociais surgidos a partir da década de 70, imprimiram ao processo da inserção popular vivido pela sociedade brasileira, nas últimas décadas, diversas reflexões sobre a construção da cidadania no Brasil. A ampliação de espaços de participação tem se difundido na esfera da sociedade civil. Dentre esses espaços, merecem destaque as associações de moradores, consideradas as instâncias mais próximas fisicamente do cotidiano das comunidades, reconhecidas como um espaço público de interlocução e de deliberação não estatal.

A Associação de Moradores ‘Buriti Lagoa’, formada há quatro anos, chamou a atenção por sua organização social, capaz de despertar este estudo, instigando-nos a descobrir a importância e as influências fenomenológicas em seu âmbito, assim como ela se vê e como foi vista.

O estudo em questão fez parte do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local, da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, cujo interesse desta Mestranda pelo tema, foi evidenciado quando do seu ingresso no Grupo de Pesquisa coordenado pelo Dr. Prof. Vicente Fideles de Ávila e pelo Prof. Dr. Sérgio Martins, denominado “Essência Constitutiva de Comunidade no Prisma do Desenvolvimento Local”, cujo objetivo é o de estudar as comunidades a partir de suas diversas faces no prisma do Desenvolvimento Local. Vale informar que o Grupo está inserido no CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Brasília-DF.

Para explanar melhor as idéias aqui apresentadas, buscou-se respaldo nas disciplinas estudadas no Programa de Pós-graduação do Mestrado em Desenvolvimento Local, principalmente, e merecendo destaque, a de Desenvolvimento Local, Comunidade e Comunitarização, ministrada pelo Orientador deste estudo. Enfocou-se ainda as Práticas e os Seminários Integradores, atividades presenciais obrigatórias na grade pedagógica e nas atividades não presenciais (reuniões do grupo de estudo, identificado no parágrafo anterior),

as quais se mostraram fundamentais e substancialmente determinantes para a apreensão de conhecimentos acerca do Desenvolvimento Local.

O desafio atual pautou-se pela construção de subsídios empíricos que propiciou romper paradigmas e compatibilizar saberes, no período compreendido entre os anos de 2004 a 2006, contextualizada na Comunidade Buriti Lagoa, Bairro São Conrado, Região do Lagoa (2ª maior em densidade populacional do município/fonte Prefeitura Municipal de Campo Grande/MS, 2005), pois este estudo não pretende e nem se caracteriza como fim em si mesmo.

Contextualizar o problema impulsionador desta investigação, ou seja, - **que performances de relacionamentos, internas e externas, bem como explícitas e implícitas, ao âmbito da Associação de Moradores da Comunidade Buriti Lagoa, podem ser configuradas como manifestações passíveis de aproveitamento para efeito de planejamento de iniciativas de Desenvolvimento Local na área de influência dessa Associação?** – a priori complexo, porém desafiador.

Com base no problema em questão e no intuito de buscar as respostas referentes a ele, estabeleceram-se como objetivos: **identificar, analisar e caracterizar, na Associação de Moradores da Comunidade ‘Buriti Lagoa’, manifestações de seus relacionamentos internos e externos, passíveis de aproveitamento para a formação e endogeneização comunitária de cultura e iniciativas de Desenvolvimento Local nessa “comunidade”.**

O Desenvolvimento Local, processo em construção segundo Ávila (2003), destaca o homem como o seu eixo central, conforme se apresenta nos referenciais teóricos expostos no Capítulo 1 deste estudo. Por essa linha de pensamento, ao pesquisar a dinâmica da Associação de Moradores do Buriti Lagoa, observou-se os fenômenos que levaram determinadas pessoas daquela comunidade a se associarem para organizar e enfrentar os desafios pertinentes ao seu cotidiano. Elas deixaram de lado a passividade para tornarem-se ativas, transformando-se, a partir do desabrochar de suas qualidades endogeneizadoras, e fazendo a diferença à medida que as competências entre si foram multiplicadas, potencializando interativamente os conhecimentos para esferas maiores, o que comunga com que Ávila (2006) chama de comunitarização.

Mediante o problema e os objetivos deste estudo, a opção pela pesquisa participante foi providencial. Segundo Marques (2006), por ser um processo investigatório

qualitativo, com participação do pesquisador, cuja coleta de dados, a partir de fontes primárias e secundárias, buscou utilizar a análise qualitativa descritiva, a qual procurou descrever e caracterizar os fenômenos encontrados, revelando as variáveis apresentadas no Capítulo 4 deste documento.

Como recurso investigatório, utilizou-se a pluralidade de fontes documentais e informantes específicos (do local), com base nos arquivos da Prefeitura Municipal de Campo Grande/PMCG e da Associação de Moradores. Foi necessário organizar os dados de interesse da pesquisa, o que permitiu conhecer o universo a ser pesquisado.

Posteriormente, *in loco*, recorreu-se à observação como método qualitativo para se obter dados a partir do ambiente construído. A observação livre resultou na coleta e registro dos fatos, sem necessidade de se fazer perguntas, conforme apresentado no Capítulo 3.

Os dados obtidos foram discutidos com os integrantes da Associação de Moradores (visão de dentro para fora). Este método, de caráter informal e introspectivo, tornou possível e agregou mais informações, as quais enriqueceram este trabalho.

A discussão no campo das idéias, com a população alvo desta pesquisa, resultou na análise descritiva que pode ser vista no Capítulo 4. Baseada em requisitos e critérios oriundos de características científicas, esta pesquisadora organizou e classificou os dados coletados, estabelecidos em sinais, sintomas e variáveis do Desenvolvimento Local, apresentando-os em quadros, no Capítulo 4, em que, resumidamente, descreve o resultado obtido.

Como objeto de estudo empírico e como campo particular do associativismo urbano, apresentamos o trabalho realizado sobre as Manifestações da Associação de Moradores 'Buriti Lagoa', delimitando suas fronteiras (territoriais e outras), seus relacionamentos internos e externos, as potencialidades enquanto pólo de integração social e enquanto agente mediador entre o Poder Público e a Comunidade, para efeito de planejamento ou de iniciativas na perspectiva do Desenvolvimento Local/ DL.

Essa pesquisa é um produto científico aberto, em que se expõem a comentários, sugestões e ajustes. Foi estruturada em quatro Capítulos, a seguir:

O Capítulo 1 apresenta o estudo e a concepção do Desenvolvimento Local a partir de pilares relevantes para o objetivo desta investigação, como: comunidade, *performance*

informal interna, cidadania, potencialidades interativas, território, sinais, sintomas e variáveis, territorialidade e comunitarização.

A contextualização da Comunidade Buriti Lagoa na malha urbana é abordada no Capítulo 2, apresentando a caracterização da área, sua população e os primórdios da comunidade alvo, o que leva ao entendimento do local para o global.

No Capítulo 3, o enfoque diz respeito à metodologia utilizada e a análise dos dados coletados com o intuito de organizar o entendimento e consubstanciar a sua correlação com as potencialidades e influências para as iniciativas comunitárias, conforme versa o Capítulo 4.

O Capítulo 4 revela as potencialidades encontradas e as influências exercidas sobre as iniciativas comunitárias, oportunizando a comunidade de se ver e ser vista, de dentro para fora (endógeno) e de fora para dentro (exógena), por meio das suas potencialidades endogeneizadoras no prisma do Desenvolvimento Local. O aprendizado compartilhado entre os quatro capítulos e as grandes lógicas, revela-se como o ponto alto do processo deste trabalho, explicado pela Figura 4, a qual versa sobre a relação dos resultados e os referenciais teóricos apresentados no Capítulo 1.

As considerações finais contextualizam a concepção de que a Associação de Moradores da Comunidade Buriti Lagoa a partir das suas manifestações que convergiram neste estudo, teve o discernimento de escolher, a competência em discutir e a vontade consciente de decidir sobre o seu rumo que revelou sua formação e endogeneização comunitária de iniciativas para o Desenvolvimento Local.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente Capítulo buscou auxílio na compreensão teórica, conceitual e metodológica do Desenvolvimento Local/DL e da ‘Comunidade da Associação de Moradores do Buriti Lagoa’, na construção dessa análise investigativa.

O conceito de Desenvolvimento Local instiga a pesquisa para se saber sobre o que ele é realmente. Essa contenda tem sentido. Quanto mais lhe atribuímos um significado preciso, mais se estabelece a alteração entre as várias reflexões sobre o que é DL, justamente por ele ser complexo (no sentido da riqueza de sua essência) e estar em construção.

Este Capítulo destaca a organização bibliográfica, a seleção documental consultada sobre os conceitos temáticos que vêm no contexto do DL.

1.1 TÓPICOS CONCEITUAIS

1.1.1 Comunidade

Vários autores como Ávila (2000b), Pierson (1969), Castiel (2004), Tönnies (*apud* DEFLEM, 2001) e Le Bourlegat (2000), somente para citar alguns nomes, convergem ou divergem em suas idéias ao conceituarem comunidade.

Como a gama de autores vai além dos acima citados, optamos por confrontar os pensamentos de Ávila, predominantemente fenomenologista (essência da existência emancipadora), com os de Pierson e Tönnies, ambos de visão sociológica (estudam os homens em sociedade), sobre a temática. Não adentraremos nessa discussão, por essa analogia conceitual se desdobrar em outras considerações que merecem maior destaque; não é esse o caso desta pesquisa.

Ávila (2000a, p. 68) reforça a idéia de que:

Comunidade existe "onde quer que os membros de qualquer grupo, pequeno ou grande, vivam juntos de tal modo que partilham, não deste ou daquele interesse, mas das condições básicas de uma vida em comum". O que caracteriza comunidade é que a vida de alguém pode ser totalmente vivida dentro dela e todas as suas relações sociais podem ser encontradas dentro dela [...].

O mesmo Autor destaca:

[...] a comunidade média ideal para efeito do desenvolvimento local é aquela *stricto sensu* em que haja certa (não exagerada) preponderância dos relacionamentos primários e secundários ou no máximo se constate o equilíbrio entre duas categorias [...] (ÁVILA, 2000a, p. 70-3).

Segundo Ávila (2000a), a comunidade é espontânea pelo simples fato de existir, porém, é regida minimamente por regras de conduta, de organização. As categorias comunidade e sociedade se interagem, tendo em vista que uma não vive sem a outra, isso quando se trata de comunidade de pessoas/grupos. Na societária, uma poderá viver sem a outra. A relação predominante na comunidade é a primária (simbiótica¹), e na sociedade, é a secundária (normativa²). É a predominância desta ou daquela relação que ratifica o grupo como comunidade ou sociedade. Ambas são e estão inter-relacionadas.

Ávila (2006) destaca que em tudo há equilíbrio. Entendemos que o desenvolvimento está nas pessoas, na maneira como vivenciam os fenômenos dinamizadores do local. A falta mínima de regras em uma comunidade poderá ocasionar “bagunça”, da mesma forma que se em uma sociedade não houver um mínimo de espontaneidade poderá estabelecer-se a “ditadura” (exemplos bastante radicais, porém, reais). Portanto, a comunidade pode ser entendida como o tecido ativo, de transformações constantes, não estático, onde as coisas acontecem mesmo sem que ela as perceba.

De acordo com o pensamento de Pierson (1969), “[...] a comunidade é objeto de estudo da ecologia humana, enquanto sociedade é o da sociologia”. Ambas apresentam alguns requisitos que as distinguem uma da outra, porém, se estabelecem como organização humana.

¹ Simbiótica: Segundo Ferreira (1986, p. 1586): Associação entre dois seres vivos que vivem em comum.

² Normativa: Segundo Ferreira (1986, p. 1198): Estabelecimento de normas.

Pierson (1969, p. 114) destaca: “A organização humana, por outro lado, se baseia não só em simbiose ou diferenças biológicas, como também em consenso (isto é, nas expectativas comuns de comportamento)”.

A primeira apresentação sociológica do conceito de comunidade foi realizada por Tönnies, sociólogo alemão, em 1887, segundo Castiel (2004), que a define a partir de uma perspectiva dialética, em oposição à sociedade. A base de sua argumentação é a contradição existente em cada indivíduo, que busca identificar-se com as pessoas ao seu redor, por meio da adoção de pontos de referência comuns ao mesmo tempo em que procura estabelecer uma personalidade própria, pela diferenciação.

Castiel (2004) descreve:

Ao se realizar um rastreamento conceitual de 'comunidade', um dos teóricos seminais das ciências sociais que trabalhou com tal noção foi Ferdinand Tönnies, sociólogo alemão, que publicou em 1887, "*Gemeinschaft und Gersellschaft*" (Comunidade e Sociedade). Tönnies, um acadêmico tributário de uma proposta humanista que procurava enfrentar a tradição durkheimiana de instituição de uma sociologia como ciência aos moldes galilaicos. '*Gemeinschaft*' ou 'comunidade' podia, assim, ser entendida como um tipo ideal, uma propriedade característica das organizações onde predominava um espírito de comunhão ou comunalidade. Isto ocorreria com mais frequência em contextos sociais-rurais, em pequenos povoamentos onde as relações se regeriam por vários traços distintivos da '*Gersellschaft*' ou 'sociedade' —, modo de relação social próprio do individualismo capitalista da época e que agora atinge formas paroxísticas. Em síntese, a idéia de comunidade pode ser demarcada como estando ligada à alguma localidade geográfica, com altos teores de homogeneidade, compartilhando interesses, afinidades, trocas simbólicas e laços relacionais solidários.

Pode-se entender que numa comunidade os indivíduos estão unidos, apesar de tudo, que os separa; numa sociedade, eles estão separados, a despeito de tudo, daquilo que os une. Ainda segundo essa teoria, comunidade e sociedade seriam formas de associação que não se encontrariam isoladas na natureza: todo tipo de organização social teria aspectos de ambas as formas. Sua separação só seria possível em âmbito da ação individual.

Tönnies, segundo Castiel (2004), apresenta uma série de manifestações típicas de cada estado de associação: na comunidade, prevaleceria a cooperação, na sociedade, a competição; na comunidade, predominaria o sentimento, na sociedade, a razão; na comunidade, o espaço seria íntimo, na sociedade, ele seria público; na comunidade, as ações seriam espontâneas, na sociedade, elas seriam calculadas.

O consenso desse apanhado teórico estabelece que a comunidade possa ser entendida como o conjunto de seres vivos inter-relacionados que habita um mesmo lugar. Ou o conjunto de pessoas com interesses mútuos, que vivem em um mesmo local e se organizam dentro de um conjunto de normas. Os estudantes que vivem no mesmo dormitório formam uma comunidade, assim como as pessoas que vivem na mesma aldeia, cidade, ou no mesmo bairro.

A comunidade, segundo Le Bourlegat³, é espaço com forma e conteúdo compartilhado em ações comunicacionais, e é reproduzido de acordo com a nossa percepção.

Em se tratando de comunidade, é necessário se ter pelo menos um ponto em comum de interesse. Devido à vasta dinâmica norteadora existente com relação às divergências nas definições, não há um conceito específico sobre esta temática.

Na comunidade a que referimos como objeto de nosso estudo - a comunidade formada pela Associação de Moradores do Buriti Lagoa -, é importante mencionar, por exemplo, a identidade cultural local, afinal, trata-se de pessoas que sentem, pensam, criam e reproduzem por meio de capacidades *sui generis* não gessadas. É fundamental, portanto, desvendá-la, contribuindo com “[...] trabalhar para que a própria comunidade conheça o que é e o que tem e, com base nisso e em sua capacidade metabolizadora de fatores externos, se desenvolva de dentro para fora” (ÁVILA, 2000a).

Finalmente, por comunidade entende-se o grupo de pessoas ligadas muito intimamente por valores e comportamentos comuns, que se vêem e são vistas como parte de um corpo único e relativamente homogêneo. Pode ser constituída por homens fortemente solidários e unidos.

É possível qualificar a comunidade pelo tipo de relação social predominante em seu interior: a comunidade apresenta predominância nas relações do tipo afetiva e tradicional, enquanto na sociedade prevalecem as relações racionais, com referência a fins ou a valores.

³ Cleonice Le Bourlegat mencionou a idéia em sala de aula do Programa de Mestrado em D.L., durante sua disciplina Territorialidades e Dinâmicas Sócio-Ambientais, 1º semestre de 2006.

1.1.2 *Performance* informal interna de comunidade

A relação da associação de moradores versus comunidade, pode se constituir por meio do conjunto de atividades que se materializam, mediante o uso de uma série de instrumentos e estratégias comunicacionais. Essa relação é estabelecida no âmbito da Associação comunitária e fora dele, com os agentes externos públicos ou privados e conforme o modo que esses agentes se comunicam com essa associação ou com a comunidade.

Desse modo, cabe à associação cuidar da comunicação do agente externo e do relacionamento da instituição com a "comunidade". A associação passa a desempenhar o papel de mediador entre a comunidade e as instâncias externas.

Sob essa ótica, pode-se incorporar ao nosso entendimento o enfoque de que a associação de moradores é fundamental para a mediação da relação com a comunidade entre si, e esta com as esferas externas públicas ou privadas, interagindo ou convergindo para que a população dessa comunidade se torne capaz de exercer a cidadania.

1.1.3 Cidadania

Segundo Bueno (1989, p. 149) cidadania é “[...] a qualidade ou nacionalidade do cidadão. Entende-se por cidadão o indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado”.

A cidadania esteve e está em permanente construção; é um referencial de conquista da humanidade, o seu significado confunde-se com a história dos direitos humanos, com as lutas de afirmação dos mais diversos valores, como os éticos, a liberdade, a dignidade e a igualdade de todos os humanos indistintamente. Mas, pressupõe que deveres também estejam agregados enquanto parte de um complexo de responsabilidades que engloba a coletividade.

Na Grécia antiga, cidadania era compreendida apenas por direitos, identificados por meio da participação nas decisões sobre a coletividade. Àquela época somente aqueles que não precisavam trabalhar para sobreviverem, eram considerados cidadãos, os quais habitavam “livremente” a cidade. As mulheres, escravos, estrangeiros, artesões e

comerciantes eram excluídos, pois, entendia-se que como detinham algum tipo de “ocupação”, não lhes era concedido a condição de cidadãos.

A cidadania contemporânea pode ser entendida como a regulamentação das relações entre os homens, que define até onde cada um é livre para agir sem prejudicar o outro. São estas liberdades limitadas que chamamos de direitos de base (chamados de direitos humanos, conceito universal para a reconstituição da estrutura social e política da humanidade), e que nos dias de hoje são amparados por garantias legais incluídas na própria Constituição Federal de 1988.

Conforme Santana (2008):

Citando Sabine, Quintão Soares explica que, em consonância com a assertiva de que cidadania é um mecanismo de representação política que permite relacionamento pessoal entre governantes e governados [...].

A cidadania, expressão em moda usada por todas as correntes de pensamento, deve ser definida de acordo com o contexto social à qual é direcionada, para que adquira características próprias que se diferenciam conforme o tempo, o lugar e, sobretudo, as condições sócio-econômicas existentes.

O nosso momento civilizacional reveste-se, desse modo, de grande complexidade, apresentando contradições e paradoxos inquietantes. Isso releva sobremaneira a importância da reflexão sobre o papel que a educação/formação⁴ desempenha, relacionando-se dialeticamente entre si para definir a cidadania, determinantemente, como na comunidade da Associação de Moradores do ‘Buriti Lagoa’.

A idéia nos remete a Ávila (2003, p. 32-33), que cita:

Portanto, cada ciclo - inclusive o primeiro - abre ganchos e fornece insumos para o início do próximo, do segundo a todos os demais da cadeia, mas nem sempre de maneira linear, isto é, um ciclo pode abrir ganchos e insumos tanto para desencadear o próximo como para despertar ou subsidiar inúmeros outros de natureza e em escala de tempos diferentes.

⁴ A educação e a formação não deverão circunscrever-se à escola como instituição dedicada ao ensino. Será desejável que muitas outras instituições (autarquias, museus, associações e centros culturais e desportivos, centros científicos, empresas), e a sociedade como um todo, assumam e valorizem a educação e a formação como um desígnio essencial para o desenvolvimento humano ao longo de toda a vida.

A formação educacional em Desenvolvimento Local, vertente para a cidadania, pode ser vista, com base em Ávila (2003), de espiral progressivo-expansiva do conhecimento, remetendo-nos à concepção de que ela continuará implementando-se por toda a vida, ora avançando, ora recuando, em grau diferente, em tempo diferente, com valores diferentes, dependendo de pessoas e situações, porém enriquecendo-se e sempre progredindo. E, à medida que o tempo avança, os ciclos dos conhecimentos do ser humano tornam-se mais rápidos, mais complexos, mais ricos, mais significativos que os anteriores, possibilitando o aprender ao apreender o entendimento do conhecimento da vida.

A cidadania só poderá acontecer quando se modificarem as estruturas sociais, as atitudes, a mentalidade, as significações, os valores e a organização psíquica. Para isso, a interligação com um processo educacional permanente é imprescindível.

1.1.4 Potencialidade interativa

Pierson (1969, p. 164-65) diz que as forças de um sistema fechado quando em movimento, interagem entre si. É o que ele chama de “interatuando” as forças existentes no sistema, ocasionando perturbação em seu equilíbrio inicial e, quando imobilizadas, obtém-se um novo equilíbrio. Interação, portanto, é a influência das forças sobre forças, ou seja, de todas sobre todas. A interação de forças, especificamente dos seres vivos, produzem, de acordo com Pierson (1969): “crescimento, reprodução, personalidade, grupo social e cultura”.

As forças exemplificadas neste contexto podem ser atribuídas, na comunidade, ao líder que interage com as pessoas componentes da ‘comunidade’ e vice-versa, ou seja, havendo interação entre ambas as forças, a comunidade alcança o êxito pretendido.

De acordo com a enciclopedia virtual Wikipédia (2007), interação é:

A interação é uma ação de um objeto físico sobre outro - os objetos físicos podem ser considerados desde partículas pontuais até campos quânticos. Além da interação puramente física, o termo designa a ação conjunta humano-humano e humano-máquina. Em termos simples, ocorre interação quando a ação de uma pessoa desencadeia uma reação em outro ser (humano ou não). Essa interação pode ter diversos níveis, desde a simples bidirecionalidade até a interatividade.

Percebe-se que os dois conceitos acima expostos são convergentes quanto à definição de interação. É importante salientar que todo tipo de grupo, comunidade e sociedade são frutos constantes de negociação entre preferências, que se pode entender como autêntica construção coletiva, num jogo constante de sugestões e induções à própria dinâmica a que se pertence. Por essa razão, o fato de se estar interconectado uns com os outros implica se ter confrontos. A movimentação a que se refere Pierson (1969), no primeiro parágrafo deste item, sugere o que Ávila (2001, p. 23) escreve:

No processo de desenvolvimento, o alvo central é o ser humano como artesão do seu êxito ou fracasso, pois se requer que cada um, ao se tornar responsável pelo seu próprio progresso, de toda ordem e em todas as direções, influencie o seu entorno como fonte irradiadora de mudanças, de evolução cultural, de dinamização tecnológica e de equilíbrio meio - homem, à luz da hierarquia de valores, em sua integridade como pessoa humana, membro construtivo de sua comunidade e agente de equilíbrio em seu meio geofísico.

As manifestações das potencialidades e habilidades influenciam a concepção de como as pessoas constroem a dinâmica da comunidade. Esta resulta da interação com diversos fatores endógenos e exógenos, que muito contribuem para atenuar os efeitos das desigualdades locais. A interação, no entanto, provoca movimentos que resultam em mudanças.

Quanto menor o grupo/comunidade, maior o poder de relacionamento e de obtenção do pretendido, o que reverte em facilidades interativas. Quanto maior o grupo/comunidade, mais complexo o processo de se almejar o objetivo desejado, convertendo-se em dificuldades nos relacionamentos.

Para entender potencialidade é preciso entender o que é ato. Segundo Ávila (2000a, p. 59) é “[...] o real estado no qual os seres são o que são[...]”. Ao focalizar o ser, consideramos conjuntamente as suas formas de apreender os estímulos do meio físico e social, o seu nível operatório de pensamento, os modelos de representação cultural que interferem no seu processo de socialização e as suas condições motivacionais, afetivo-sociais e psicomotoras. Sendo assim, as justificativas que as pessoas oferecem às respostas que dão têm um valor inestimável para a compreensão de seu desenvolvimento.

Potencialidade pode ser compreendida, de acordo com Ávila (2000a, p.58-9), como:

- a) Potência é a real capacidade, porém em estado virtual, de todos e quaisquer entes concretos, que compõem a natureza do universo, de poderem ser no todo, em parte ou de alguma forma algo que ainda não o são de fato;
- b) Potencial é a idéia, mais ou menos explícita, que se tem a respeito do cabedal dimensional de potências concernentes a elementos concretos que compõem o universo, individualizado ou agrupadamente de acordo com as naturezas e os tipos dos mesmos. [...];
- c) Potencialidade é o termo que expressa à idéia de precisão, mais ou menos aprimorada, de cada capacidade de ser, que integra o dimensionamento potencial acima referido, em termos de características, essência, qualidade, estado, situação e/ou quantidade da mesma. [...].

1.1.5 Sinais, sintomas e variáveis

O aporte literário refere-se a sinais como comunicações codificadas, que requerem certo entendimento mínimo para a sua compreensão. Estão presentes em todas as manifestações vivas, sejam humanas ou não. Estão na Bíblia (exemplo: grandes enigmas da humanidade), na Matemática (exemplo: os teoremas), na Medicina (exemplo: alteração da pressão cardiovascular), na Biodiversidade, como podemos exemplificar a seguir:

Costa (2003, p.53) escreve:

Em diversas regiões, como na Mata Atlântica e no domínio do cerrado, na região Centro-Oeste, áreas intensivamente cultivadas ao longo das últimas décadas, a vegetação tem sido intensamente fragmentada. Cada vez mais, fragmentos pequenos e isolados representam uma proporção maior da área nativa remanescente. Quanto mais fragmentadas e perturbadas as paisagens, maiores são os desafios para a conservação ou utilização racional dos recursos genéticos.

A observação dos sinais a nossa volta constitui instrumento de apoio e gestão para decodificar as mensagens que o objeto alvo emite. No caso da natureza, por exemplo, a largamente denunciada postura humana, que afetou e ainda afeta os processos ecológicos e genéticos naturais, a faz emitir essa comunicação cotidianamente.

Para detectar e compreender melhor os sinais e dar-lhes respostas pertinentes e diferenciadas é preciso localizá-los no tempo e no espaço, ou seja, quando e como eles se manifestam.

Sinais e sintomas são nomenclaturas particularmente utilizadas na Medicina, mas isso não quer dizer que não se pode utilizá-las e adaptá-las para outro objeto de estudo,

obviamente atribuindo-lhes significados próprios. Pode-se dizer que esta aculturando-se, ou seja, adaptando-se parcialmente a uma outra cultura, utilizando, no caso, a linguagem da cultura médica com o intuito de ampliar a maneira de se fazer compreendido, modificando-nos para modificar o nosso derredor.

A Enciclopédia virtual Wikipédia (2008) diferencia sintomas de sinais em: “Diz-se que a diferença entre sintoma e sinal é que o sinal é aquilo que pode ser percebido sem o relato ou comunicação do paciente, e o sintoma é a queixa relatada [...]”.

O sintoma surge frente a um conflito de forças e tende a ser positivo ou negativo. É a reação a um sinal. Pode ser a solução particular que atende a dois interesses simultaneamente: mantém o que gerou o sinal, fazendo oposição à ‘comunicação’ emitida, ou forma a reação em substituição da ‘comunicação’ decodificada, ou seja, sintoma pode ser um sinal, mas nem sempre o sinal pode ser um sintoma.

Os sinais e sintomas, para efeito desta pesquisa, caracterizam-se como elementos sociais. É preciso estimar os efeitos desses elementos sociais, relacionados aos aspectos ideológicos (sentido, pressuposições) e hegemônicos (orientação econômica, política, cultural) na instância discursiva analisada.

Entender o uso de sinais e sintomas implica compreendê-los como um modo de ação historicamente situado, que é constituído socialmente, mas eles também são constitutivos de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e de reprodução destes.

A opção e a escolha do uso da nomenclatura sinais e sintomas e do significado que cada um representa neste contexto permitiu e facilitou a construção e a compreensão da dinâmica da Associação de Moradores, suas *performances* e seus relacionamentos internos e externos, passíveis de aproveitamento para a formação e endogeneização comunitária, de cultura e iniciativas de Desenvolvimento Local, pontuando e revelando as variáveis encontradas por meio da pesquisa.

Segundo Ferreira (1986, p. 1754), variável significa:

Sujeito a variações; mutável, incerto, instável, inconstante: tempo variável; [...].
Que pode ter ou assumir diferentes valores, diferentes aspectos, segundo os casos particulares ou segundo as circunstâncias: Os hábitos e costumes são variáveis segundo os povos.

Para melhor compreensão e entendimento do termo, nota-se a diferença entre variável e constante. A variável pode ter seu valor alterado conforme e de acordo com determinada atribuição ou emprego que lhe é imposto. E a constante, conforme Ferreira (1986, p. 460), é “1. Que não se desloca; inalterável; imutável. 2. Incessante, [...]. 3. De valor fixo; inalterável”.

Essa conotação vem demonstrar como, em cada momento, em cada ponto da história, um determinado elemento, ou um conjunto deles, pode mudar de papel e de posição no sistema espaço-temporal. Para entender esse movimento é preciso levar em consideração que o valor de cada parte está diretamente relacionado com a sua relação com os demais elementos do todo.

Assim, os elementos são variáveis (quantitativas e qualitativas) que devem ser admitidas não como elas próprias, mas como os estados ou condições com as quais se apresentam. Nesta perspectiva, não é a técnica por si só que deve ser analisada, mas um estado, uma condição, uma qualidade relevante que, em determinado momento, venha atribuir ao sistema no qual está inserida. Como variáveis, os elementos do espaço mudam de valor de acordo com o ‘movimento da História’ e com o lugar em que se encontram. É preciso estimar os efeitos desses elementos na comunidade, os quais variam diferentemente em cada uma delas (por isso são chamados de variáveis).

1.1.6 Território e territorialidade

Demo (1988) menciona que o ser humano valoriza a realidade social sobre a individual como forma de sobrevivência, essencial ao fenômeno ‘vida’, resultando no despertar de sua diferença e relacionamento com a natureza e a influência de sua presença no meio em que vive, em espaço e tempo, percebendo-o e agindo sobre ele. Dessa maneira, o ser humano sempre agiu modificando o mundo e a si mesmo, participando da construção social do mundo.

Tuan (1993) compara as idéias e os sentimentos do ser humano em relação ao lugar com os animais, sem cunho depreciativo, e sim como avaliação da conscientização do homem, ratificando-o como ser pensante, com capacidade de refletir sobre o que apreende, abstraindo e reproduzindo a configuração de território vivido, territorializando-o.

O lugar é a base territorial; é nele que acontecem as relações entre pessoas e local e onde se forma a identidade de lugar e a identidade coletiva enquanto espaço organizado. Nessa delimitação, as pessoas vivem o cotidiano, suas alegrias, tristezas, descobertas etc. Na maioria das vezes, essas relações são compartilhadas com as outras pessoas que vivenciam a mesma rotina.

De acordo com as concepções de Ávila (2006), o território se destaca enquanto condição e fator de desenvolvimento, qualquer que seja a realidade considerada. Le Bourlegat (2000) enfatiza “[...] a força do lugar (ordem local) reside no território compartilhado e identificado por uma consciência social e comunitária no entorno, cuja essência é a própria história vivida em comum”.

O sentimento de pertença se revela como a apropriação natural e espontânea do ambiente vivido cotidianamente. Pode-se exemplificar referindo-se à comida mineira (Minas Gerais), tida por muitos como a melhor culinária do Brasil, ou a cidade das personalidades, em que se associa a cidade à pessoa ilustre que lá nasceu. ‘A força do lugar’, Santos (1996), configura e traduz o espaço humanizado, da essência da vida vivida, do pertencimento.

O espaço é uma abstração mental, é um local de possibilidades e de empoderamento, segundo Raffestin (1993). Para Lefébvre (apud CORRÊA, 1995, p. 25-26) “[...] o espaço é o local de reprodução da sociedade”.

Para Santos (1996, p. 51):

[...] a configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne materialidade e a vida que a anima [...] o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá [...].

Le Bourlegat (2000, p. 17) destaca o lugar como suporte concreto para o ser humano existir (morar, produzir, circular, amar, conflitar-se com outro) e fonte de recursos naturais vitais. É onde se vive o cotidiano. É o lugar como existência. Cria identidade. O ‘não-lugar’ é caracterizado por ser de fluxo, não cria identidade, é terra de ninguém, como: aeroportos, *shopping*, auto-estrada.

A apropriação do espaço resulta na criação do território a partir das relações cotidianas vivenciadas. O que se manifesta no território é a territorialidade, que nasce de uma rede de relações sociais que usa o mesmo espaço com finalidade comum. Território é objeto

de reprodução permanente dos atores, produzindo herança histórica e cultural. Segundo Le Bourlegat (2000), não se ocupa território, ele é construído.

Para Raffestin (1993, p.161):

A territorialidade aparece então como constituída de relações mediatizadas, simétricas ou dissimétricas com a exterioridade. [...] A territorialidade se inscreve no quadro de produção e do consumo das coisas. Para ele, ‘a territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais’.

O território é o espaço onde acontecem as inter-relações de um grupo social, portanto é resultado dos atores sociais e no aporte de Santos (2002, p. 16) “[...] o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado”.

Quando uma família, ao imigrar, reproduz os usos e costumes do país de origem em qualquer outro que se instala, é porque se apropriou daquele lugar e o reproduz em outro espaço. Cria seu território não sob a ótica da obtenção de terras, mas por instituir um espaço organizado, complexo e multidimensional em razão das relações cotidianas vividas no espaço anterior, constituindo um campo de forças de poder com conhecimento de limites. Se não existir o campo de força-poder, não é um território.

Raffestin (1993, p. 143) acrescenta:

Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator ‘territorializa’ o espaço. [Henri] Lefévre mostra muito bem como é o mecanismo para passar do espaço ao território: A produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que aí se instalam. [...] O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder.

A territorialidade é reconhecida pelas relações sociais existentes entre pessoas, grupos, comunidades, empresas e redes, pelo histórico, pela especificidade cultural para apropriar, influenciar ou controlar o espaço. Nessa trama das relações fortalecidas pelos vínculos histórico e cultural de uma sociedade, condicionando um conjunto de padrões de comportamentos, emerge a consciência e um espaço organizado e delimitado por normas.

1.1.7 Comunitarização

Como já observado no item 1.1 deste texto, a comunidade é fundamental para o Desenvolvimento Local. Com tudo o que vem em seu bojo, no caso específico da Associação de Moradores do Buriti Lagoa, o ‘grupo/comunidade’ revela as condições e busca melhoria de vida em todos os seus aspectos. Estes por sua vez, estão relacionados com o processo contínuo de concepção, entendimento e gestão da dinâmica dessa ‘comunidade’.

A comunitarização, segundo Ávila (2000a), é o deixar de ser passivo para ser ativo. É o desabrochar, que depende de fatores externos que faça o papel de reagente. Objetiva fazer eclodir, transformar.

Nesse sentido, Ávila (2005, p. 4) menciona:

[...] a expressão **‘comunidade ativada para Desenvolvimento Local’** significa que, em termos concretos, ninguém achará por aí nenhuma “comunidade pronta para o Desenvolvimento Local”, ou seja, poderá até se deparar com contingentes populacionais localizados (os caracterizados como “comunidades tradicionais” ou outros meios com menos vínculos “primários” de agregação) mais ou menos propícios a projetarem e assumirem o próprio desenvolvimento, mas jamais em condições ideais para tanto. Isso enseja a interferência, sem medo de erro, de que investir na **‘comunitarização’ visando o Desenvolvimento Local** já é real atitude implementadora do mesmo, na verdade em sua expressão mais importante, porque esse tipo de investimento uma vez iniciado nunca mais poderá ser interrompido, não importando se por consórcios de iniciativas e esforços de agentes externos e internos ou elevação da capacidade de auto-suficiência de permanente conquista pelos próprios agentes internos [grifos do autor].

De acordo com Ávila (2003), a comunitarização é a capacidade da comunidade organizada de “ruminar”⁵, “metabolizar” para “desabrochar” a partir da apreensão de conhecimentos e experiências individuais que, adicionadas a outros conhecimentos e experiências, constituirão o que chamamos de comunitarização, ou seja, a multiplicação de entendimentos, o consenso dos saberes reportando-se sempre do local para o global.

⁵ A idéia de “ruminar” os conhecimentos, difundida pelo autor em sala de aula (2006), exemplifica a noção do produzir conhecimentos a partir dos fenômenos convergentes e divergentes naquela comunidade, portanto e a partir de dentro para fora. As pessoas dali são úteis umas às outras se complementam, contribuindo para o benefício de todas.

A comunidade é o foco principal para o Desenvolvimento Local. Ressalta Ávila⁶ (2006): “sem a comunidade não existe Desenvolvimento Local, sem ela, nada sobra”. Isso nos leva a repensar comunidade e seu viés no entendimento dessa nova maneira de pensar o que é Desenvolvimento Local.

1.1.8 Desenvolvimento local

O Desenvolvimento Local nos leva a associar equivocadamente a idéia de desenvolvimento econômico ligado ao progresso material, acúmulo de renda e outros indicadores econômicos, visando à lucratividade, sobrepondo-se ao homem e às suas necessidades.

Martín (1999) relata:

[...] durante los años 80, el crecimiento de las experiencias de Desarrollo Local esta reforzado por el proceso de descentralización político-administrativa, las políticas de creación de empleo, las políticas europeas y el creciente protagonismo de las sociedades locales en la gestión del desarrollo [...] como una estrategia adecuada a las demandas sociales de mayor bienestar social y de creación de empleo [...]

O conceito de Desenvolvimento Local está em construção, “[...] começou a ser disseminado principalmente a partir de 1996 [...]”. Muito se tem falado em desenvolvimento local, sob conotações das mais variadas, entretanto “[...] o significado desta expressão ainda é objeto de contínua análise e discussão, em virtude de sua ainda muito curta trajetória histórica [...]” (ÁVILA, 2003, p. 16).

Segundo Martín (apud ÁVILA, 2003, p. 17):

[...] a Europa começou a se interessar pelo desenvolvimento local, ‘como una estrategia adecuada a las demandas sociales de mayor bienestar social y de creación de empleo’ há pouco mais de vinte anos, intensificando-se significativamente na Espanha durante os anos 80 [...].

⁶ Discussão em sala de aula do Mestrado, durante a disciplina ‘Comunidade e Comunitarização’, 2º semestre de 2006.

De acordo com Le Bourlegat⁷, o “Desenvolvimento Local é novo no Brasil, começou por volta de 1996, tornando-se um Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB (delineado em meados de 1997)”.

Ávila (2006)⁸ destaca:

O Desenvolvimento Local é um processo conceitual em construção. Parte dos princípios que o regem são bastante confundidos por estarem presentes, e ainda estão, em outros conceitos antigos, como é o caso do DLIS - Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável, ou desenvolvimento comunitário. Por esta razão, é um desafio transpor a essência conceitual do Desenvolvimento Local, sem o seu entendimento mais profundo. Estudiosos buscam elaborar um conceito para essa nova concepção de ‘Desenvolvimento Local’, ‘em que a realidade mundial se apresenta por meio de desafios inéditos e de dimensões jamais pensadas. Neste sentido, à base na comunidade se acrescentam a perspectiva territorial e multiescalar’.

O Desenvolvimento Local parte do âmago da comunidade, de dentro para fora, endógeno e/ou de fora para dentro, exógeno. Aflora o sentimento de pertença, do território vivido, de territorialidade, desconstruindo o entendimento para apreendê-lo, INPUT (de fora para dentro) e OUPUT (de dentro para fora).

Segundo Rozas (apud MARTINS, 2002, p. 53):

Desenvolvimento Local é a organização comunitária em torno de um planejamento para o desenvolvimento, por uma perspectiva de construção social, consistindo assim em um instrumento fundamental, de caráter orientador e condutor, de superação da pobreza. Não se trata, contudo, de buscar tão somente atendimento às carências materiais, mas à identificação e a aprovação das qualidades, capacidades e competências existentes na comunidade e no lugar.

Isso reforça o entendimento de que Desenvolvimento Local não é exclusivamente voltado para as comunidades pobres, ou seja, ele poderá ser identificável em diversas ‘comunidades’, como: a Estudantil, a Empresarial, a Médica, de Engenheiros, de Advogados, de Assistentes Sociais etc.

Ávila (2000a, p. 68) enfatiza:

O desenvolvimento local consiste no efetivo desabrochamento das capacidades, habilidades e competências de uma comunidade definida e

⁷ Explicação e apresentação aos mestrados da nova turma, no 1º semestre de 2006, por Le Bourlegat, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local/DL, em sala de aula;

⁸ Explicação e apresentação do Programa de Mestrados em D.L. em sala de aula, 1º semestre de 2006, durante a disciplina Teoria do Desenvolvimento Local.

delimitada com presença intrínseca de interesses próprios, identidade coletiva, identidade cultural, solidariedade, colaboração e confiança para que verdadeiramente as amarras sejam rompidas a fim de que a comunidade utilize suas potencialidades locais (endógeno), desmistificando o modelo antigo que enfatiza o assistencialismo e o paternalismo como instrumento fundamental para uma comunidade desenvolver-se (exógenos).

Em uma comunidade, os fatores exógenos, de fora para dentro, são de valor indiscutível, contribuindo e auxiliando no incentivo e no despertar das potencialidades de seus membros. Quando metabolizados servirão de intermediadores, fortalecendo a comunidade. Quando não metabolizados, não reproduziram os entendimentos e conhecimentos, “adestrando” essa comunidade, alimentando a cultura da dependência, conforme ratifica Ávila (2000a, p. 70), que:

[...] há que se somarem e necessariamente interajam estratégias de dinâmicas exógenas e endógenas, senão, serão mecanismos de puro isolamento societário, não alcançando os objetivos concretos, que são a superação da carência e vida digna para o homem.

O Desenvolvimento Local não é mera questão conceitual, não está pronto, não é um receituário, não é padronizado. É uma questão de vivenciar, de querer, de criar, de participar, de entender, de informar, de conhecer, de apreender, de propor, de discutir, de somar, de consenso; tudo se retroalimentando continuamente resulta em cultura.

CAPÍTULO 2

ANTECEDENTES DA COMUNIDADE BURITI LAGOA

Este Capítulo procura apresentar o Projeto e situar o leitor antes e após a intervenção, localizando espacialmente a ‘Comunidade Buriti Lagoa’, na cidade de Campo Grande, assim como apresentar o perfil populacional *in loco*, contextualizando-a com a malha urbana.

O presente estudo foi realizado com o apoio da Empresa Municipal de Habitação/EMHA, por meio da Coordenação do Projeto de Participação Comunitária/PPC/Trabalho Social, Projeto Mudando para Melhor Buriti Lagoa/Programa Habitar Brasil BID/HBB, executado entre os anos de 2001 e 2005, com recursos financeiros do Governo Federal (Ministério de Estado das Cidades, supervisionado pela Caixa Econômica Federal/CAIXA) e Prefeitura Municipal de Campo Grande/MS.

Os dados ora apresentados foram coletados em documentos disponibilizados precisamente pela Coordenadoria da Área Social do Projeto de Participação Comunitária/PPC Buriti Lagoa, o qual expôs a territorialidade, a história e a dimensão do território construído.

Nesta preliminar, para melhor entendimento, tem-se o antes e o depois da intervenção, em especial o antigo perfil da população do Buriti Lagoa. Supõe-se que se trata de uma comunidade, principal condição para o DL, como descreve Ávila (2006) nesta Dissertação. A partir deste estudo, pode-se discernir se naquele período houve ou não o DL na ‘Comunidade’ da Associação dos Moradores do Buriti, conforme descrito no Capítulo 4.

2.1 O PROGRAMA HABITAR BRASIL BID/HBB E O PROJETO BURITI LAGOA

2.1.1 O Programa Habitar Brasil BID/HBB

O Programa Habitar Brasil BID/HBB foi idealizado como projeto piloto, com parceria entre o Governo Federal e o Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID, em setembro de 1999, firmando contrato, até 2005, (quando foram encerradas as inscrições para as outras cidades), com 119 municípios brasileiros. Parte do pressuposto de que o direito à habitação digna transcende a idéia de abrigo. Não é mera questão setorial; compreende a integração do homem com a malha urbana, resultante da possibilidade de acesso à infraestrutura e da acessibilidade ao mercado de trabalho e aos equipamentos e serviços públicos, o que propicia condições necessárias à proteção física de seus moradores, ao convívio familiar e à integração do indivíduo na sociedade como pré-requisitos para o exercício da cidadania.

No aporte da Caixa (2003, p. 7), tem-se:

[...] o Programa Habitar Brasil BID acrescenta o pressuposto de que é essencial considerar, em qualquer política de governo, a participação popular como forma de afirmação da cidadania e também como estratégia de democratização e controle social da gestão pública.

No Programa HBB, o foco fundamental é o homem, seu bem-estar material, social e espiritual. Na concepção de aglomerado subnormal inclui: a irregularidade da terra (moradia situada em lugar impróprio), a condição de habitabilidade (inadequação ambiental) e a condição precária da moradia (tipologia construtiva). Portanto, incrementar a capacidade municipal para resolver problemas habitacionais urbanos, elevar a qualidade de vida da população de baixa renda e potencializar a utilização de recursos para atenuar problemas em assentamentos subnormais complementam a finalidade a que se propôs o Programa.

Conforme o regulamento do Programa Habitar Brasil BID/HBB (1999, p. 2):

O Programa tem como objetivo contribuir para elevar a qualidade de vida das famílias de baixa renda, predominantemente na faixa de até 03 (três) salários mínimos mensais, que residam em aglomerados subnormais - favelas, mocambos, cortiços, entre outras - localizados em regiões metropolitanas, pela capacidade de estados e municípios de atuar no controle e recuperação desses núcleos e na adoção de medidas para evitar novas ocorrências.

O Programa orientou para o incentivo e o desenvolvimento da comunidade, nos diversos níveis de representação e interlocução tanto de dentro para fora como de fora para dentro, estimulando e promovendo, no âmbito do Projeto Buriti Lagoa, a propagação deste desenvolvimento. Segundo a coordenação do Trabalho Social/PPC/HBB da EMHA (2005), a cultura da cooperação e da participação popular foi ampliada e consolidada como fator principal para o êxito do empreendimento. A responsabilidade civil pela preservação dos benefícios conquistados, a busca de novos parceiros para a ampliação das conquistas, a independência no diálogo com as instâncias governamentais e não-governamentais e a integração definitiva da população com a cidade formal foram pretensões exequíveis para as quais este Projeto contribuiu.

2.1.2 A situação do local anterior à intervenção

A “cidade que queremos tem como unidade de referência o olhar das pessoas que nela vivem”⁹. É preciso ter orgulho do lugar onde se mora e com ele estabelecer uma relação afetiva; mas como se chega esse estágio? Por meio da participação ampla, em que as pessoas se reconhecem como responsáveis por construir soluções, tornando-se de fato cidadãos inclusos, o que permite a sustentabilidade das intervenções.

Segundo o estudo realizado pelo IBAM/Instituto Brasileiro de Administração Municipal¹⁰ (2007):

A Região Urbana do Lagoa, onde se insere a área de projeto, tem apenas 39,19% de sua área parcelada, sendo o restante de uso rural ou institucional (grandes áreas militares, além do aeroporto internacional). Concentra grandes loteamentos implantados nas décadas de 60 e 70, que somam mais de 10.000 lotes. Apesar de decorridas décadas desde a sua implantação, ainda não atingiram 50% de ocupação. Apesar disso, é a segunda região urbana mais populosa de Campo Grande, com bairros com densidades muito altas se comparadas à média da cidade, e a que apresenta a terceira maior taxa de crescimento, registrando um grande número de pedidos de diretrizes urbanísticas para a implantação de novos loteamentos (EMHA, s/d).

O conjunto de moradias irregulares compreendia o equivalente a 765 casas, 88% das quais eram precárias e insalubres. Do quantitativo total, 350 foram remanejadas, pois

⁹ Projeto de Participação Comunitária/PPC/EMHA, 2001.

¹⁰ Estudo de Caso, parte do Prêmio Melhores Práticas em Gestão Local Caixa/2005, cujo Projeto Mudando para Melhor Buriti Lagoa foi agraciado. Fonte: EMHA/2007.

estavam situadas em áreas de risco (na faixa de proteção à rede de alta tensão ou em áreas inundáveis), o restante, ou seja, as 415 moradias foram regularizadas segundo a Lei municipal pertinente. A dotação de infra-estrutura era precária, principalmente no relativo ao esgotamento sanitário, sendo adotadas fossas negras; lançamento de esgotos diretamente no córrego e esgotos a céu aberto. Exatamente 34 moradias não dispunham de nenhuma instalação sanitária. As famílias viviam em extrema miserabilidade material, humana e espiritual.

Sem arruamento, a Região era de difícil acesso, especificamente nas áreas alvo da intervenção, a falta de acessibilidade resultava em segregação das famílias ali residentes, o local propiciava a instalação de gangues.

2.1.3 A intervenção¹¹

A intervenção na Região do Lagoa em Campo Grande foi a primeira executada em Mato Grosso do Sul por meio da parceria entre o Programa Habitar Brasil BID/Ministério de Estado das Cidades, Prefeitura Municipal de Campo Grande e Caixa Econômica Federal. O Projeto de Participação Comunitária – foi proposto para acompanhar, subsidiar e esclarecer as estratégias e ações do Projeto Integrado Mudando para Melhor BURITI LAGOA.

Sua implantação teve início pela pesquisa censitária realizada *in loco*, em abril de 2001, abrangendo as favelas Buriti, São Conrado, Bom Jardim e Major Juarez e o Loteamento Interpraia seguida pela apresentação da proposta às lideranças formais e informais e posteriormente à comunidade, só então, com o aval da população local (termo de adesão coletivo¹²), elaborou-se o Projeto Mudando para Melhor Buriti Lagoa, o que tornou clara e transparente a intenção da intervenção na Região do Lagoa, haja vista que o foco do Programa HBB foi o trabalho social, sendo a urbanização consequência deste, sem omitir a sua importância. As ações executadas pelo Projeto em questão consistiram em:

- 1) Na promoção da urbanização das favelas citadas e de sua regularização;
- 2) No remanejamento das 350 famílias residentes na margem dos córregos e na faixa de servidão da linha de alta tensão;

¹¹ Todas as informações são provenientes dos Relatórios Trimestrais do Projeto de Participação Comunitária/ PPC/HBB Buriti Lagoa, EMHA, 2005.

¹² Documento elaborado pela Equipe Social do PPC (instrumental de exigência do Programa HBB) que as famílias assinaram aderindo à proposta do executivo municipal. Fonte EMHA 2001.

- 3) Na expansão e melhoria viária;
- 4) Na promoção de recuperação ambiental da área;
- 5) E, principalmente, tendo como ponto fundamental e diferencial a execução de um trabalho social que envolveu a participação comunitária, a geração de emprego e renda e a construção da cidadania ativa - transformadora da realidade local - compromisso da Prefeitura Municipal com a justiça social.

2.1.3.1 Os produtos das ações interventivas

- Construção de 350 unidades habitacionais de 32m², sendo duas de 45m², adaptadas para Portadores de Deficiência (cadeirantes), construídas no Bairro São Conrado;
- Ocupação dos vazios urbanos, com o remanejamento das famílias da margem do Córrego Buriti e da Faixa da linha de alta tensão, áreas de risco;
- Regularizações permitidas em Lei, para as moradias situadas a mais de 50 metros das margens dos córregos Buriti e Lagoa e fora da linha de alta tensão.
- Mitigação das margens dos córregos Buriti e Lagoa, na contenção do espaço invadido, por meio da construção do Parque Linear;
- Construção de Centro de Educação de Múltiplas Atividades - CEMAS - (atendimento a crianças de 07 a 14 anos);
- Construção de um Centro Comunitário: “Centro Social Nosso Progresso”;
- Construção de infra-estrutura com a ampliação e implantação de um novo traçado viário, pavimentando 48.557 m²;
- Construção de Fábrica da Gente - (fabricação de ciblocos e manufaturados). Incentivo à qualificação profissional e a geração de renda;
- Ênfase no Trabalho Social durante e após conclusão (por 01 ano) da obra física;
- População beneficiada: diretamente: 2.770 pessoas (Fonte: EMHA, 2001); 24.600 pessoas (poligonal); 91.000 pessoas (região) - (Fonte: PLANURB, 2001). Não estão nas referências

2.1.3.2 O trabalho social

O Programa HBB foi pioneiro no destaque e relevância para o componente social. A participação ativa da comunidade local, desde o planejamento da proposta até a conclusão da execução física das obras e um ano após sua ocupação foi ponto basilar para o sucesso da intervenção. Para tanto, foram executados projetos de apoio, orientação e mobilização da comunidade, de capacitação profissional, de geração de trabalho e renda, de educação sanitária e ambiental.

- Preparou as 350 famílias por meio de reuniões específicas para o remanejamento, objetivando informar e orientar a ocupação adequada das novas moradias;
- Manteve, no centro comunitário plantões de atendimento personalizado à comunidade, quatro vezes por mês, durante os anos de 2001 e 2006;
- Realizou 8.256 visitas domiciliares entre 08/2001 e 08/2005;
- Fortaleceu a população alvo por meio da formação das comissões e grupos¹³, ciclos de palestras, *Workshops* em Educação Sanitária e Ambiental, Treinamento de Lideranças¹⁴, Fortalecimento dos Agentes Jovens¹⁵ e Fortalecimento dos Agentes Comunitários de Saúde (multiplicadores em potencial);
- Cursos ministrados - dez cursos em parceria com o Programa Nacional de Geração de Renda/PRONAGER e Fundação Municipal do Trabalho/FUNSAT, com 254 pessoas capacitadas;
- Elaboração e execução das filmagens para a confecção de um Vídeo sobre a intervenção;
- Parcerias conquistadas: Universidade Católica Dom Bosco/UCDB e Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal/UNIDERP; Instituições Locais (associação de moradores, clubes de mães, etc.); Secretarias Municipais: de Serviços e Obras Públicas/SESOP, de Saúde/SESAU, Instituto de Planejamento Urbano e Meio Ambiente/PLANURB, de Assistência Social/SAS; Comércio locais e centrais

¹³ Comissões de: Remanejamento, Regularização, do Jornal Comunitário “Falando Sério”(edições trimestrais), Pró-Parque Linear. Grupos: de Mulheres (Mulheres sem Limites), Idosos, Jovens, Gestantes e Mães amamentando,

¹⁴ Capacitação realizada pela DEPHES Consultoria: ênfase em desenvolvimento de comunidades e lideranças

¹⁵ Programa Federal “Agente Jovem”, qualifica o jovem para o mercado de trabalho.

(Conveniência do Alemão, Rede de Farmácias São Bento), Clubes Recreativos (União e Rádio Clube); Fundações: Municipal de Trabalho/FUNSAT e ZAHARAN; Projeto Viva o seu Bairro, que começou a ser executado na Região do Lagoa após o HBB, outra iniciativa da Prefeitura Municipal de Campo Grande;

- Monitoramento e avaliação sistemática;
- Registro comprobatório das ações por meio de relatórios mensais e trimestrais, fotos, filmagens, atas, reuniões etc.
- O Projeto Buriti Lagoa inovou ao oferecer três alternativas de amortização aos moradores, instituindo parcelas mensais equivalentes a 15, 20 ou 25 por cento do salário mínimo. O valor das prestações é corrigido anualmente, tendo como referência a variação do Índice de Preços ao Consumidor Amplo Especial - IPCAE, não podendo ultrapassar 25% do valor do salário mínimo vigente, que era o teto fixado anteriormente. Essa inovação se incorporou à Política Habitacional do Município, estendendo-se aos demais programas executados pela EMHA.

2.1.3.3 Êxito da intervenção¹⁶

O êxito do Projeto Integrado BURITI/LAGOA, de acordo com a EMHA, foi mensurado nos relatórios mensais da equipe técnica social, nas reuniões preparatórias, nas reuniões das comissões, na satisfação e no entendimento da população beneficiária sobre o empreendimento. Tudo isso revelado na ânsia de se *querer mudar realmente para melhor*. Este Projeto recebeu os seguintes prêmios:

1. Associação Brasileira de Cooperativas Habitacionais /COHABs/ ABC, **Prêmio Selo de Mérito** como uma das dez melhores Práticas Nacionais em Habitação/2004;
2. Caixa Econômica Federal - **Prêmio Melhores Práticas em Gestão Local/ 2005** - Configurado como uma das 10 melhores práticas nacionais e indicado para o Prêmio *Best Practices and Local Leadership Programme* - BLP (Global de Excelência de Melhores Práticas para a Melhoria do Ambiente de Vida) -

¹⁶ O Projeto Integrado Buriti Lagoa foi foco temático das Dissertações, em estudos distintos, de mais dois colegas Mestrando da turma de 2006, da qual esta Mestranda é integrante.

oferecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), realizado na Municipalidade de Dubai, Emirados Árabes Unidos/2006;

3. Referendado nacionalmente pelo excelente desempenho, inclusive do IBAM/Instituto Brasileiro de Administração Municipal ao realizar o estudo de caso em 2007.

Segundo o IBAM (2007):

A base institucional de sustentação do Projeto é formada pela Prefeitura Municipal de Campo Grande, representada pelos seus diversos órgãos com participação direta na elaboração, execução, financiamento e acompanhamento das ações; pela Caixa Econômica Federal, através do aporte de apoio técnico, institucional e financeiro; e pelos beneficiários do Projeto, representados não só pela sua Associação de Moradores, mas pelos diversos grupos que se formaram ao longo do processo (grupos de mães, de idosos, de jovens, Grupo Mulheres sem Limites, entre outros). É premissa do Projeto que os moradores não se restrinjam ao papel de meros espectadores, mas que participem de forma ativa ao longo de todo o processo.

O Projeto Integrado¹⁷ teve o mérito de enxergar nessas situações as oportunidades para reverter a ocupação indevida, precária e predatória do solo, por meio da aplicação conseqüente e criativa da legislação vigente, que contribuiu de forma decisiva para a consecução dos objetivos perseguidos. Com este sentido, o Trabalho Social foi considerado como o diferencial incentivador das potencialidades locais, tendo na comunidade parceria indispensável, fundamental e determinante.

2.1.4 Caracterização da área e da população

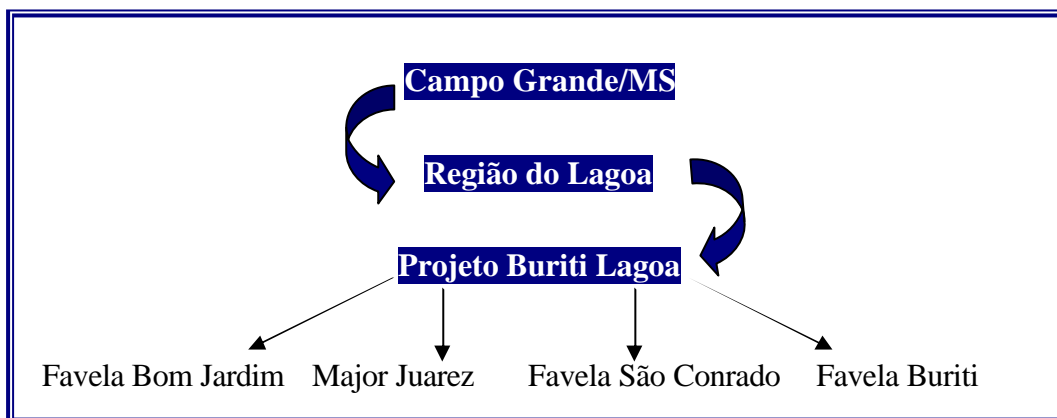
A área, objeto de intervenção do Projeto Integrado Mudando para Melhor Buriti Lagoa, situa-se na Região Urbana do Lagoa¹⁸, conforme Figura 1, Localização do Projeto Buriti Lagoa e Figura 2, Mapa de Localização da Intervenção. Essa região é cortada pelos Córregos Lagoa e Buriti, distantes em média 8 km do centro da cidade, e têm como principais

¹⁷ Refere-se aqui ao Projeto como um todo, incluindo as frentes: Física (Projeto Arquitetônico) e Social (Projeto Social/Trabalho Social).

¹⁸ O Plano Diretor divide a cidade de Campo Grande/MS em nove regiões urbanas, sendo sete no eixo do perímetro urbano central (Anhanduizinho, Bandeira, Centro, Lagoa, Prosa, Segredo e Imbirussu e duas rurais (distritos de Anhanduí e Rochedinho). A área alvo localiza-se no Bairro São Conrado, Região do Lagoa e hoje, apesar de não ser oficial, é reconhecida pela população local como Região do Buriti Lagoa. (EMHA, 2007).

acessos as Avenidas Marechal Deodoro e Tiradentes, importantes artérias do sistema viário local.

Figura 1 - Localização do Projeto Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS.

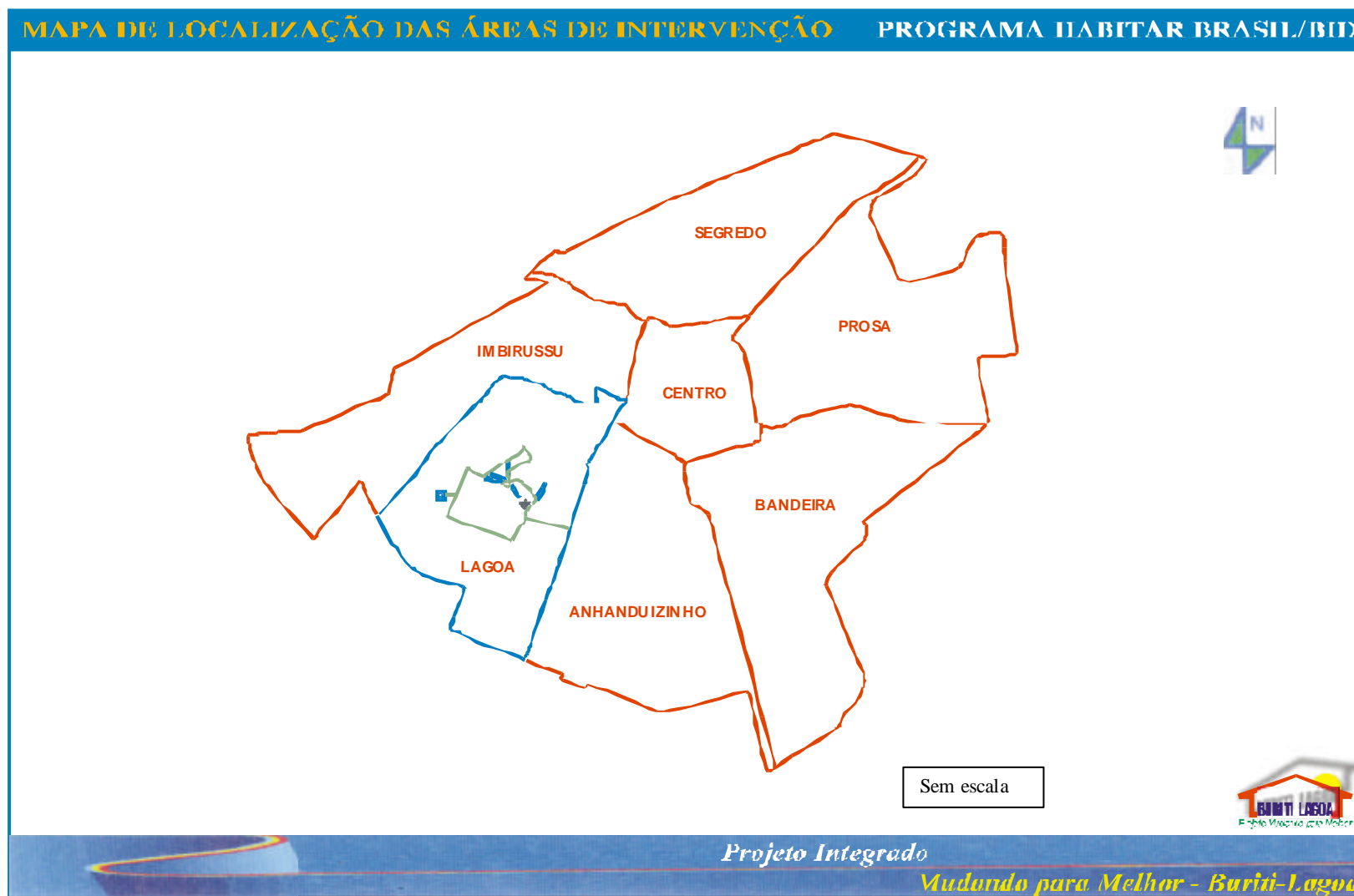


Fonte: Projeto de Participação Comunitária/PPC/EMHA/2001.

O município de Campo Grande, com 8.114,4 km², está localizado geograficamente na porção central de Mato Grosso do Sul, ocupando 2,27% da área total do Estado.

Capital do Estado de Mato Grosso do Sul, Campo Grande é sua maior cidade, concentrando 31,93% de sua população. Segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2000 (Fonte: EMHA), a população do município é de 662.534 habitantes, sendo que a urbana é de 653.217 habitantes, representando 98.83% do total municipal.

Figura 2 - Mapa de localização da intervenção em Campo Grande/MS.



Fonte: Projeto de Participação Comunitária/PPC/EMHA/2001.

2.1.5 Perfil socioeconômico

Foi realizada uma pesquisa censitária na área alvo da intervenção, Região do Lagoa, e uma outra pesquisa por amostragem, esta última com a área receptora¹⁹. Os resultados das pesquisas representaram instrumento de suma importância para todos os que participaram do processo. A partir deles, propostas concretas de atuação foram formuladas, tendo como embasamento a realidade verificada.

Foram atendidas 764 (setecentos e sessenta e quatro) famílias, alvo do Projeto Buriti Lagoa, na Região do Lagoa, discriminadas na Tabela 1.

Tabela 1 - Famílias atendidas do Buriti Lagoa na Região do Lagoa, em Campo Grande-MS.

Área	Quantidade
Área da regularização e melhorias habitacionais	450
Área do remanejamento	314
TOTAL	764

Fonte: Projeto de Participação Comunitária/PPC/EMHA (2001).

É importante mencionar a realização de duas pesquisas: a censitária, com as 764 (setecentas e sessenta e quatro) famílias alvo - (2.770 pessoas) e a por amostragem, com a população do entorno, com o objetivo de medir o impacto da ação nas famílias da área receptora - 387 (trezentas e oitenta e sete) famílias - (1.556 pessoas). Vê-se aqui a preocupação e o cuidado para com as pessoas, tanto com as que foram remanejadas, como as que já estavam na área a ser ocupada.

A informalidade é caracterizada por 40,63 % dos economicamente ativos. Sem qualificação profissional, e com pouca escolaridade, a grande maioria da população se mantém por meio de subempregos ou do trabalho informal (biscateiros, sucateiros, diaristas etc.). A qualificação por meio dos diversos cursos ministrados *in loco* foi fundamental, ratificando a importância das parcerias.

A população é constituída, em sua maioria, por adultos jovens em idade produtiva. Foi expressivo o quantitativo de crianças e adolescentes, tendo como agravante, conforme

¹⁹ Área receptora: área do entorno para onde as famílias foram remanejadas.

Tabela 2, o índice baixo de escolaridade dos componentes das famílias alvo. Sem informação e sem formação, as pessoas ficam mais suscetíveis às influências, tanto negativas como positivas, dependendo de cada um.

Tabela 2 - Índice de escolaridade dos componentes das famílias da Comunidade Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS.

Universo pesquisado: 2770 pessoas		
Escolaridade	Qtde	%
Analfabeto	299	10,79
Fundamental	1705	61,56
Médio	243	8,77
Superior	06	0,22
Antes da idade escolar	398	14,36
Alfabetizado	119	4,30
TOTAL	2770	100,00

Fonte: Projeto de Participação Comunitária/PPC/EMHA (2001).

Nesse sentido, de acordo com o pensamento de Ávila (2001), que atribui a cada ser humano a responsabilidade de ser o artesão de seu êxito ou fracasso, aquela população²⁰ pode ter revertido para positivo, o que a princípio poderia ser visto como negativo. A falta de escolaridade formativa circunscrita à escola não a impediu de se potencializar e fazer desta, o diferencial.

Em relação a gênero, a população é constituída, nas duas áreas, de 52,05% de mulheres e 47,95% de homens, o que demonstra equilíbrio e ratifica os dados do IBGE (2000).

Devido ao equilíbrio acima mencionado, os idosos com mais de 62 anos estão assim distribuídos: 50,88% feminino contrabalançando com 49,12% masculino.

A falta de infra-estrutura, aliada ao baixo poder aquisitivo, é determinante na questão da saúde. Os contatos com a insalubridade são prejudiciais à saúde e ao desenvolvimento do ser humano. Segundo a Organização Mundial da Saúde,

²⁰ Nesta população incluíram-se os Dirigentes da Associação de Moradores da Comunidade Buriti Lagoa.

aproximadamente 50 (cinquenta) tipos de infecção podem ser transmitidos por diferentes caminhos, envolvendo os excretas humanos. Os esgotos podem contaminar a água, o alimento, os utensílios domésticos, o solo. As bactérias advindas deles podem ser transportadas por moscas, baratas e roedores.

A informação mencionada acima, priorizou na escolha daquela localidade para a intervenção do Projeto Buriti Lagoa, a qual abrangeu duas formas de atuação: uma regularizando e outra remanejando famílias mediante a localização espacial que cada uma ocupava em relação aos córregos e as áreas de risco e/ou de preservação ambiental.

2.2 TERRITORIALIZAÇÃO - PRIMÓRDIOS DA COMUNIDADE PELOS PRIMEIROS HABITANTES²¹

Para que se tenha uma melhor percepção do processo histórico de ocupação da área, foram ouvidas seis pessoas que participaram desse processo. Entre os relatos, destacamos o da primeira liderança comunitária, por considerá-lo de suma importância e significativa contribuição para o resultado deste estudo.

Os referidos relatos foram levantados por técnicos da área social do Projeto de Participação Comunitária/Projeto Buriti Lagoa/HBB/EMHA em 2001. A intenção de resgatá-los foi por se entender que a esses indivíduos deve-se atribuir a consciência de que construíram e foram os partícipes da sua própria história. Histórias que nem sempre foram registradas, mas permaneceram no mapa mental daqueles que a vivenciaram, oportunizando aos indivíduos atuais a reflexão acerca de conhecer o passado para entender o presente, criando elos da memória social anterior com a atual. Os relatos são cópias dos arquivos do Projeto de Participação Comunitária/PPC (2001), com a grafia *ipsis literis*²² das pessoas envolvidas.

Relato 1:

Por volta de 1976, o local apresentava uma vasta área onde se plantava arroz e criavam-se vacas. As mulheres utilizavam as águas limpas para lavar as

²¹ As histórias aqui relatadas revelam os primeiros sinais que deram aos indivíduos em questão a condição de sujeito social, tendo em vista que contribuíram para a produção da história daquele espaço urbano, ajudando a explicar o significado da vida cotidiana presente.

²² Textualmente com as mesmas letras (Pequeno Dicionário Jurídico de Expressões Latinas, 2007).

roupas, as louças e para beber; as crianças brincavam livres, segundo relato de alguns moradores, como do Sr. L.A.S., o mais antigo morador.

Às margens dos córregos morava-se com certa qualidade de vida, apesar de não se ter a posse legal da terra. Havia preconceitos em relação ao local, por não possuir arruamento e luz. O transporte coletivo não atendia a população. Para se deslocarem até o centro da cidade, as pessoas andavam até a Avenida Bandeirante, distante 5 km. Quando chovia, devido à lama, *“tinha que levar outra roupa para trocar no ponto de ônibus, pois a lama era muita”*, diz o Sr. L.

Como não havia arruamento, a travessia sobre o córrego era feita por uma pinguela. Onde hoje é o Conjunto Habitacional Buriti (edificado e regulamentado pelo Poder Público antes do Projeto Buriti Lagoa), era uma mata fechada, com muitos buritizais e outras espécies, de onde o Sr. L. extraía lenha para cozinhar e vender: era seu meio de sobrevivência. Vale mencionar que a casa em que até hoje mora foi construída com madeira da tal mata.

Os primeiros habitantes da área de intervenção disseram que o local fazia parte de uma fazenda, de propriedade do Sr. E.M. (a partir de 31/julho/1978, a área foi comprada e parcelada por uma construtora).

Relato 2:

A escola se resumia em duas peças construídas de ‘tábua’, onde se estudava até o 4º ano do primário (hoje: 4º ano do ensino fundamental) e, para prosseguir nos estudos, os alunos procuravam as escolas em outros bairros (a mais próxima era no Conjunto Bonança, pois o Conjunto Buriti não existia na época).

Em 1977, já se vendia a posse da terra, segundo o Sr. P. (70 anos): *“comprei o direito do terreno por 60 contos”*. O Sr. P. é viúvo, mora só e quer sair o mais rápido possível. Trabalha vendendo acerola no centro da cidade. Em relação ao valor das prestações, antes de informá-lo sobre a quantia, ele disse: *“só pago se a prestação não passar de cinquenta reais”*.

Segundo o Projeto de Participação Comunitária/PPC (2001), o fato de 90,31% das 764 famílias pesquisadas não terem conhecimento de como e quando se iniciou a ocupação local pode refletir certa apatia e desorganização comunitária com relação ao assunto. Foi importante acentuar a atenção no aspecto cultural, na herança da propagação da necessidade da organização para se alcançar um fim comum, mesmo que timidamente.

Relato 3:

A organização da comunidade teve início já naquela época. *“A Senhora A.S. (falecida), 1ª Presidenta do bairro, juntamente com J. e M., organizaram-se para arrecadar dinheiro para os doentes da comunidade, fez-se assembléia também para ninguém sair do local”*, conforme disse a Sra. D.

Foi possível se notar a tímida organização comunitária que já se instalava, mesmo sem a noção, ou a preparação para tal, por parte dos envolvidos dessa dimensão. Verifica-se que realmente não existe um prontuário estabelecido quando os fenômenos se manifestam na dinâmica de um grupo, uma comunidade, uma sociedade.

Nessa perspectiva, salienta Ávila (2005, p. 4):

[...] ninguém achará por aí nenhuma ‘comunidade pronta para o Desenvolvimento Local’, ou seja, poderá até se deparar com contingentes populacionais localizados (caracterizados como “Comunidades Tradicionais” ou outros com menos vínculos ‘primários’ de agregação) mais ou menos propícios a projetarem e assumirem o próprio desenvolvimento, mas jamais em condições ideais para tanto.

Essas histórias orais²³ exerceram o papel de unirem os princípios da população do início da comunidade com o do período de nosso estudo, revelando, e isto é o que interessa, as variáveis como a cooperação, a sociabilização, a pró-atividade, a confiança, o respeito e o entrosamento.

O encadeamento das idéias que compõe os relatos apresentados se faz necessário para se entender a intervenção social realizada *in loco*, por meio do Trabalho Social do Projeto Buriti Lagoa.

A intervenção por meio do Trabalho Social, integrante do Projeto de Participação Comunitária/PPC formou, organizou e capacitou um grupo de pessoas do local para assumir formalmente a Associação de Moradores da Comunidade Buriti Lagoa. As alterações sociais promovidas com as novas possibilidades de expansão nas relações e *performances* internas e externas daquela gente são inegáveis. A Associação teve como presidente, no período entre 2004 e 2006, o Sr, M.P.N., liderança local que auxiliou na implantação e na co-gestão do Projeto citado.

O êxito do fortalecimento comunitário teve início a partir das proposições planejadas do local para o global, e com o apoio dos agentes externos (no caso as equipes técnicas envolvidas) que, aliados aos agentes internos que a vivenciaram (a população), foram os principais atores da transformação desta realidade.

²³ De acordo com Meihy (2000, p. 29): história oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

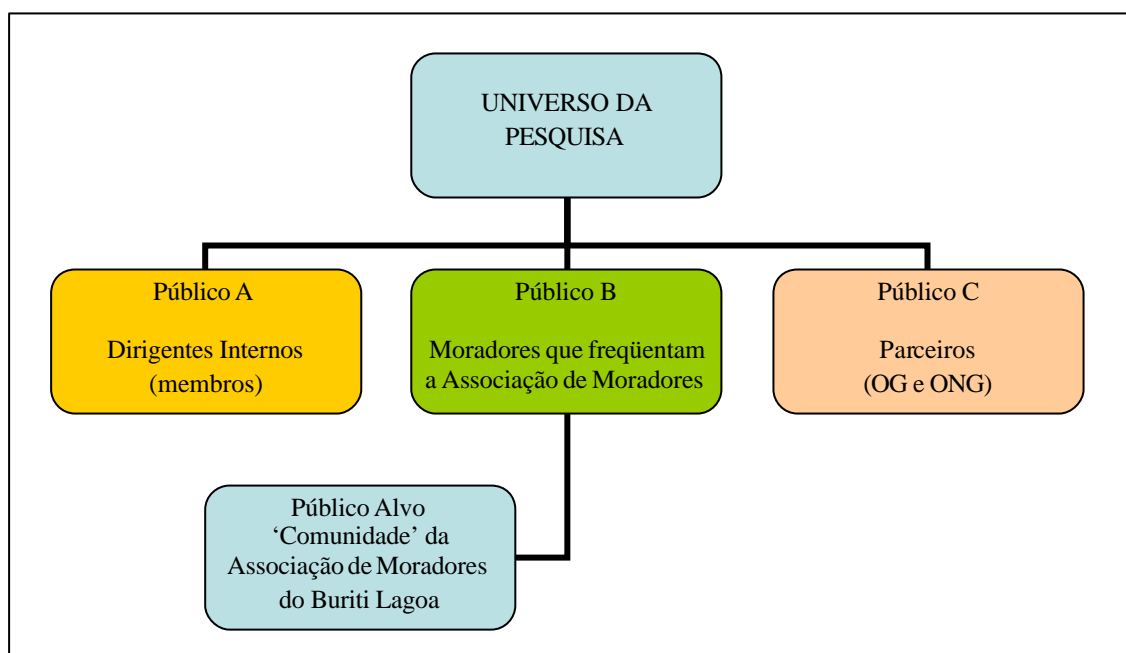
Para que haja Desenvolvimento Local, é preciso que as pessoas de uma comunidade tenham conhecimento da própria comunidade e que desabrochem por meio de suas potencialidades, habilidades e capacidades individuais e coletivas, transpondo os obstáculos. Só isso, porém, não levará a nada e a lugar algum. É preciso a intermediação de agentes externos. Não há receita para ser aplicada aqui ou acolá; ela é única para determinada comunidade, em determinado tempo.

Pode-se entender que a execução do Projeto Buriti Lagoa, ao estimular e evidenciar as potencialidades locais como ponto fundamental em sua operacionalidade, promoveu a sua interconexão no prisma do Desenvolvimento Local, mesmo sem o devido conhecimento real, à época, do que seria o Desenvolvimento Local (DL), como a que estudada e construída pelo Programa de Pós-Graduação, no que tange à abrangência do seu significado.

2.3 O UNIVERSO PESQUISADO

Para melhor entendimento do universo pesquisado, vale explicitá-lo de forma concisa. O foco do estudo desta dissertação foi a ‘comunidade’ existente na Associação de Moradores do Buriti Lagoa, ou seja, os membros que compõem aquela Associação. A pesquisa foi direcionada a três públicos distintos que mais se configuraram com o objeto pesquisado, representada pela Figura 3, a seguir.

Figura 3 - Universo pesquisado junto à Associação de Moradores do Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS.



O **público A** corresponde aos dirigentes da Associação de Moradores do ‘Buriti Lagoa’²⁴, ou seja, as oito pessoas das doze eleitas por meio de votação pela comunidade como seus legítimos representantes. Sob a perspectiva da visão endógena (de dentro para fora), a pesquisa com esse público foi censitária, salvo, obviamente, com as quatro que não mais fazem parte: três que mudaram da cidade e uma (a vice-presidente) que faleceu. O instrumental utilizado foi o questionário²⁵, aplicado entre agosto e setembro de 2007. (Apêndice A). A Foto 1 retrata parte dos Dirigentes da Associação de Moradores, juntamente com a autora.

²⁴ A sede da Associação de Moradores está situada na Rua José Hélio de Macedo, esquina com José Ignácio de Souza, Bairro São Conrado.

²⁵ Um questionário é um instrumento de investigação que visa recolher informações baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo. Para tal, coloca-se uma série de questões que abrangem um tema de interesse para os investigadores, não havendo interação direta entre estes e os inquiridos. O recolhimento de informações tem base, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo (AMARO, 2004, p. 3).

Foto 1 - Membros da Associação de Moradores da Comunidade Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS.



Foto: Madalena de Castilho (2005).

O Público B diz respeito aos moradores/filiados que freqüentaram na época, a Associação de Moradores (Foto 2). O critério adotado como medida para a aplicação do questionário, ocorrida de setembro a outubro de 2007, valeu-se da prerrogativa de que, a princípio, todos os moradores residentes no perímetro, ou que se sentiram parte da Região do ‘Buriti Lagoa’, são filiados da Associação de Moradores, porém, para efeito de selecionar um estrato que permitisse atingir os objetivos do estudo e obter a visão de fora para dentro (exógena) optou-se por entrevistar os que corriqueiramente participaram das atividades executadas na e/ou pela Associação de Moradores. A escolha desse estrato se explica pelo fato de que, apesar dessas pessoas pertencerem à comunidade, a visão é a de fora do público alvo e sobre o público alvo, em que este foi a ‘comunidade’ existente na Associação de Moradores. Quando da abordagem desta pesquisadora, o morador informava se participou, em algum momento, das atividades da Associação em questão. Se a resposta fosse negativa, a atenção era agradecida e nova tentativa se fazia na próxima casa, por que entendemos que a visão desse estrato em relação à Associação de Moradores é a do não lugar, conforme Capítulo 1, na introdução: trata-se de um espaço de fluxo de ir e vir, porém sem o sentimento de ‘aquilo’ lhe pertencer, fato que em si explica também o desinteresse de participar, de fazer parte de algo ou de algum evento que envolvia a Associação (Apêndice B).

Foto 2 - Pesquisa de campo - Estrato B Junto à Comunidade
Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS.



Foto Antonio Santana (2007).

O Público C referenda as parcerias conquistadas pela Associação no período de 2004 e 2006, algumas ainda em vigor. Vale mencionar que o envolvimento desses agentes externos credibilizou a gestão da Associação de Moradores junto ao restante da comunidade e do poder público, possibilitando o intervir positivamente nas resoluções em prol da coletividade, conforme veremos adiante. Para esse Público, optou-se por realizar entrevistas semi-estruturadas, utilizando formulários e gravações (com transcrições das falas), no período de outubro de 2007 a janeiro de 2008 (Apêndice C).

O Público alvo foi a ‘Comunidade’ da Associação de Moradores do “Buriti Lagoa”, que foi o eixo central do estudo desta dissertação, sendo que o Público A é sua essência como comunidade, de acordo com a idéia de Ávila (2000a, p. 31) “A comunidade se configura por grupos de pessoas que se convergem, articulam e interagem através de relacionamentos primários”. Essa idéia de Ávila é complementada pelo mesmo autor (2000, p. 70-3), conforme se lê no subitem 1.1 Comunidade, do Capítulo 1 desta dissertação, “[...] em que há preponderância dos relacionamentos primários e secundários ou o máximo equilíbrio entre as duas categorias [...]”.

O primeiro estrato buscou retratar a visão de dentro da ‘Comunidade Buriti Lagoa’ (endógena), no tocante à maneira como ela se via. Os dois últimos objetivaram evidenciar como a ‘comunidade’ era vista, ou seja, a visão exógena, de fora para dentro.

O estudo foi desenvolvido numa abordagem qualitativa, junto ao contingente de 15 pessoas distribuídas nos estratos A (8), B (4) e C (3). Os dados foram coletados em entrevistas²⁶, com a utilização de questionários e por observação participante. A observação participante é uma técnica de coleta de dados com origem na Antropologia e Sociologia, segundo Minayo (2000).

Com base nas técnicas acima expostas e após a coleta do material, seguiu-se a análise dos dados, organizada nas seguintes etapas:

- a) Leitura dos registros das observações participantes e das transcrições das entrevistas;
- b) Organização do material por público alvo contextual;
- c) Identificação e classificação das dimensões em sinais e sintomas, apresentando 7as variáveis;
- d) Identificação das contradições;
- e) Síntese dos resultados.

²⁶ Técnica mais usada em pesquisa social, segundo Minayo (2000).

CAPÍTULO 3

PERFORMANCES INTERATIVAS DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA ‘COMUNIDADE’ BURITI LAGOA

Este Capítulo tem a incumbência de retratar a ‘Comunidade’ formada pela Associação de Moradores, tendo em vista que ela foi parte da “Comunidade Buriti Lagoa”, a partir de suas relações endógenas e exógenas, proporcionadas por meio de seus agentes internos e externos, evidenciando sua dinâmica endogeneizadora.

3.1 *PERFORMANCE* INTERATIVA INFORMAL

Por meio do referencial teórico retratado nos Capítulos 1 e 2, procurou-se analisar teoria e prática para, no Capítulo 4, apresentar o resultado da pesquisa investigatória, de modo a reportar àquela ‘Comunidade’ para o Desenvolvimento Local e vice-versa.

Foi nosso desafio a descoberta e entendimento dos fenômenos e fluxos de interações convergentes e divergentes a partir da ação bipolar dos ‘relacionamentos primários e secundários’, ‘exógenos e endógenos’, na dinâmica organizacional e funcional da Associação de Moradores da ‘Comunidade Buriti Lagoa’, por meio das suas potencialidades endogeneizadoras no prisma do Desenvolvimento Local.

Segundo Pierson (1969, p. 164), o processo fundamental estudado por todas as ciências - as ciências físicas, químicas, biológicas e sociais - é o de interação.

De acordo com Portugal (2005):

Nossa interação com o mundo ocorre tanto de forma física como de forma comunicacional. A partir da linguagem, interagimos uns com os outros e nos fazemos entender, gerando informação e conhecimento. As novas tecnologias podem diminuir barreiras de tempo e de espaço e tornar mais rápida a interação entre os indivíduos e entre estes e as instituições.

Por interação entende-se o conjunto de medidas que almejam promover a aproximação e, eventualmente, a união entre duas ou mais pessoas em vista de determinado objetivo.

As capacidades e potencialidades dos homens são agregadas e organizadas ao longo de sua existência, estabelecidas e vividas por meio da complexa rede de relações e interações estabelecidas neste processo.

De acordo com o referencial teórico exposto no Capítulo 1, nesta rede instituída é desenvolvida a capacidade de aprender e ensinar, como a de produzir e reproduzir conhecimentos. Esta, por sua vez, é ligada ao processo de educação, interligando-se às questões de transformação dos homens por meio da globalização, que pode ser resultado também da competitividade natural.

No Capítulo anterior, observou-se que há, nos relatos dos primeiros moradores do local, importante caracterização quanto à necessidade de busca por melhores condições de vida. Percebe-se a vontade de se organizarem, mesmo sem saber por onde e como fazê-lo. De acordo com Ávila (2006, p. 89), ao citar o poeta espanhol Antonio Machado: “Caminhantes, não há caminho. O caminho se faz ao caminhar”, procura-se retratar bem o processo do crescimento, não por acaso, mas pela descoberta de conhecimentos. O Autor citou Machado por várias vezes em sala de aula do Mestrado, em 2006, referindo-se ao Desenvolvimento Local em construção.

Na comunidade ‘Buriti Lagoa’, a estratégia de organização comunitária muito avançou daqueles dias para os de hoje. Os indivíduos evoluíram ao participarem do processo de interação social, contribuindo substancialmente para o exercício da cidadania, o que resultou em instrumento capaz de desempenhar papel relevante no processo.

3.2 ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

Associação de Moradores pode ser entendida como o tipo de associação²⁷, criada por moradores de qualquer bairro, em qualquer cidade, de qualquer estado federativo.

²⁷ Associar: resulta da reunião legal entre duas ou mais pessoas, com ou sem personalidade jurídica, com objetivos em comum. Agregar, unir, compartilhar, ajuntar (duas ou mais coisas ou pessoas) (FERREIRA, 1986, p. 186).

Objetiva estabelecer a mediação entre Poder Público e Comunidade, e esta última entre si, no que se refira aos problemas, às necessidades e às ansiedades, aos desejos e às possibilidades referentes à segurança, à saúde, à educação, ao lazer, à estrutura física, a prestações de serviços públicos etc., de âmbito local.

Os membros da associação de moradores são eleitos pelos moradores, em assembléia constituída e legal, por escrutínio (voto) ou por aclamação, de acordo com o respectivo estatuto, segundo as normas ditadas legalmente. Vale informar que os integrantes das associações não recebem nenhum tipo de remuneração financeira, participações ou parcelas do seu patrimônio, auferidos mediante o exercício de suas atividades. As associações de moradores são filiadas à federação das associações de moradores do município à qual pertence. A Associação de Moradores da Comunidade Buriti Lagoa, no período de 2004 a 2006, era filiada à UCAM - União Campograndense de Associação de Moradores²⁸.

Toda comunidade pode ter sua associação de moradores, como apresenta a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 10 de dezembro de 1948, alínea 1 do Artigo 20: “Toda pessoa tem direito à liberdade de reunião e de associação pacíficas”. Concessão confirmada pela Convenção Européia dos Direitos do Homem, ratificada pela Lei n. 65/78, referendando:

1. Qualquer pessoa tem direito à liberdade de reunião pacífica e à liberdade de associação, incluindo o direito de, com outrem, fundar e filiar-se em sindicatos para a defesa dos seus interesses.

Para que se tenha um mínimo de organização, deve-se seguir os trâmites básicos para se formar uma associação, segundo o Sistema de Cotações Prediais/PRO/SíndicoNet (2007):

1. Comunicação a todos os moradores do interesse de formar uma Associação;
2. Interesse de organização do local, visando ao bem-estar de toda a comunidade;
3. Aceitação de mais de 2/3 de todos os moradores para formar uma Associação;
4. Para uma primeira reunião, apresentar objetivos da Associação, problemas enfrentados com soluções e minuta de um estatuto para a associação, ou indicação de pessoas que os elaborem;
5. Toda reunião deve ter uma Ata. Após existir uma minuta de estatuto, que deverá ser aprovada por 2/3 do grupo, deverá haver uma ata de aprovação

²⁸ Fonte: Presidente à época Sr. M.P.N, em sua entrevista.

desta, para a constituição da Associação, com indicação do corpo deliberativo e administrativo. Este pode ser formado por:

- a) Presidente;
- b) Vice-Presidente;
- c) Secretário, tesoureiro ou, se preferir, membros do conselho Consultivo e membros do conselho Fiscal;
- d) Pode haver indicações de outros cargos, como responsáveis por lazer e comissão de obras, entre outros.

Elaboração do estatuto

Para se elaborar o estatuto da Associação, deve-se observar a inclusão dos itens básicos:

- 1) denominação, fins e local da sede;
- 2) quem fará parte e se existe possibilidade de desmembramento;
- 3) todos os deveres e direitos dos associados moradores;
- 4) fontes de recursos financeiros para a manutenção da associação, bem como forma e quantidades de rateios para a manutenção ou alteração na estrutura do local onde a associação exercerá suas atividades;
- 5) como será a administração e os métodos de deliberação;
- 6) modos de se alterar o estatuto e se dissolver a associação;
- 7) inclusão de normas de conduta nas áreas onde a associação exercerá suas atividades, tais como: piscinas, salão de festas, estacionamentos nas ruas etc.
- 8) regras diversas que se façam necessárias para o bom andamento do dia-a-dia da associação, tais como horários de retirada do lixo, horários para a manutenção das edificações que estão na área onde a associação exercerá suas atividades etc.
- 9) quórum para alterações de regras que não constem do estatuto;

Como base comunitária organizada para o enfrentamento dos fenômenos pertinentes, local de união de forças de solidariedade, as associações de moradores constituem-se espaços privilegiados, essenciais para o exercício da cidadania.

3.3 O PROCESSO DE MOBILIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO - INFORMAÇÕES COLHIDAS JUNTO AOS DIRIGENTES INTERNOS (AGENTES INTERNOS)

As informações coletadas por questionários revelam a seguinte situação na Comunidade Alvo/‘Comunidade’ da Associação de Moradores Buriti Lagoa, de acordo com os estratos escolhidos.

3.3.1 Presidente e membros da diretoria da associação de moradores

A Associação de Moradores do ‘Buriti Lagoa’ (Foto 3), inicialmente foi constituída por doze pessoas, das quais oito permaneceram ativas por um período que foi compreendido do início de sua formação, em 2004, até o final de 2006, conforme relato do então presidente eleito, Sr. M.N. de 62 anos, entrevistado em 27 de maio de 2007, às 15h, em sua residência.

Foto 3 - Associação de Moradores da ‘Comunidade’ Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS.



Foto: Diogo Santana (2004).

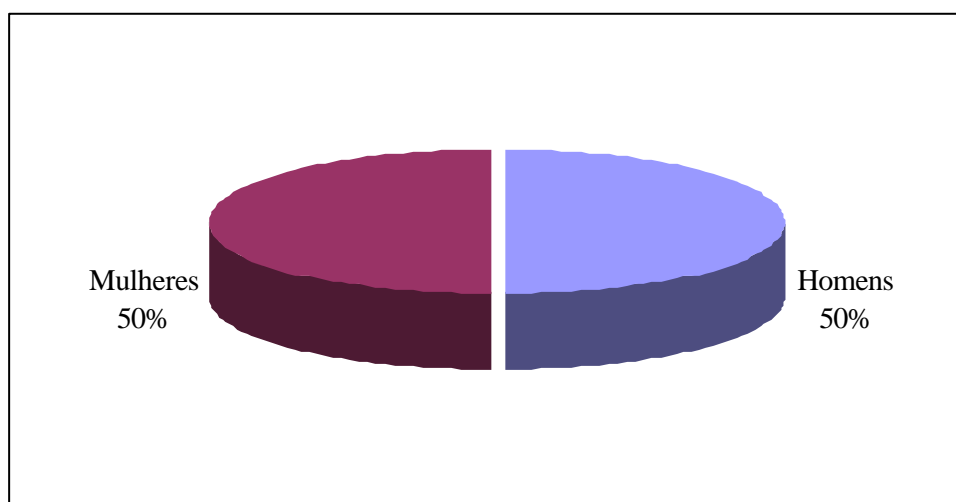
Como resposta aos motivos que levaram aquelas pessoas a formarem a Associação de Moradores do ‘Buriti Lagoa’, o Sr. M.P.N. (em 19/05/2007) declarou: “[...] na vida comunitária, algumas lideranças ou não, são atraídas por questões exclusivamente políticas [...]”, para “[...] vender seu trabalho comunitário a algum político ou para se firmarem com políticos, por isso algumas associações fracassam”. No seu entender, as pessoas que com ele formaram a então Associação de Moradores, permanecendo juntas até o fim do mandato, foram motivadas pelo intuito de valorizar a comunidade e de se autovalorizarem. Unidos por um passado não muito distante, segregados em um ponto da malha urbana sem arruamento, sem acesso, sobrevivendo em situação de extrema miserabilidade e irregularidade habitacional, haja vista que ocupavam área pública, viram e fizeram da chance de mudar, de transformar a história que viveram em comum para melhor. Houve baixas na Associação de Moradores, no transcorrer de sua atuação, e os motivos para a

não permanência no grupo foram por óbito e mudança de endereço, segundo o Presidente. Em comum acordo entre os pares, essas baixas não foram substituídas, segundo M.P.N., porque: “teríamos de tornar a registrar em Cartório a papelada da Associação e tava dando tão certo, que resolvemos não mexer”, acrescentou: “com a morte da Senhora G.S., resolvemos que o lugar dela (a vice-presidência) não seria ocupado”.

A Senhora M.N. (20/05/2007) menciona que a atuação dos oito dirigentes que continuaram na Associação foi diferenciada para mais ou para menos expressiva, de pessoa para pessoa, porém, segundo a entrevistada, nada depreciativo que revelasse ou interferisse negativamente na dinâmica estabelecida em prol da coletividade. Ela relata que a comunidade em geral não participa como deveria: “[...] são poucas as pessoas que participam diante de tanta gente, mas é uma participação com qualidade, que arregaça as mangas e trabalha com a gente”.

Na composição da Associação de Moradores do ‘Buriti Lagoa’, um dos indicadores da atuação feminina, que conta com o reconhecimento deste estudo, é o contingente formado pelas seis mulheres, cuja situação pressupõe que seja a de ‘**co-mando**’, revelando a paridade, ou seja, 50% formada por homens e 50% por mulheres. Conforme revela o Gráfico 1, o equilíbrio ratifica as conquistas sociais, sobre a questão de gênero, as quais apontam a mulher cada vez mais tomando para si a responsabilidade pelos problemas coletivos.

Gráfico 1 - Composição da paridade na Associação de Moradores do Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS.



Essa formação não gerou conflitos e tensões entre as necessidades, anseios e perspectivas de atuação dos membros da Associação de Moradores junto à representatividade comunitária, acostumada a ter à frente, majoritariamente, pessoas do sexo masculino. Pelo contrário, auxiliou como ponto convergente para a conquista de parcerias, como citado no Capítulo 4, quando a iniciativa atendeu às expectativas iniciais das mulheres em geral, as da própria comunidade e as das que lá chegavam, que viram nisso o reconhecimento público do agrupamento que se formava.

A Senhora M.N ressaltou a importância de participar do ‘Mulheres Sem Limites’, grupo formado pelo Projeto Social do Programa Habitar Brasil BID/HBB, no qual a informação e a capacitação apreendida, como os treinamentos de liderança, aliada ao estímulo das potencialidades individuais, por meio dos vários cursos ministrados em parceria com a Organização Não Governamental/ONG Moradia e Cidadania (Foto 4), a possibilitaram galgar a posição de empoderar e se envolver com qualidade e o rigor que a instância exigiu, ou seja, a “tomar parte” da composição da Associação de Moradores. Esse aspecto expressa valores transmitidos pelos conhecimentos que foram assimilados por M.N., do modo que lhe foi transmitido e apreendido, que transformou as relações sociais existentes.

Foto 4 - Núcleo do grupo mulheres sem limites/parceria ONG Moradia e Cidadania, em Campo Grande/MS.



Foto: Diogo Santana (2005).

Percebe-se na Associação de Moradores o valor do espaço relacional e o de pertença, em que a vivência e a territorialidade estão implícitas.

Segundo Martins (apud AMARO, POVOA, MACEDO, 2008, p. 50):

Sentimento de pertença - processo psicossocial de ação ou intervenção sobre um espaço visando personalizá-lo, que se traduz sob forma de apego ao lugar (apropriação afetiva, desenvolvimento de laços afetivos, posse alimentada pelos contatos sensoriais que fazem perceber um ambiente como familiar).

À medida que o estímulo às potencialidades individuais, às quais, somadas às das demais pessoas, produz conhecimento novo sobre um prisma, ele conduz a uma reflexão sobre o seu processo, permitindo, assim, o seu aperfeiçoamento e eventuais ajustes no seu rumo.

3.3.2 Processo construtivo da identidade da associação de moradores

Para melhor compreender a Associação de Moradores da Comunidade 'Buriti Lagoa', buscou-se, nos discursos dos primeiros protagonistas deste estudo, os elementos que respaldaram a construção da identidade dessa Associação. Seus relatos permitiram que ocupem seu verdadeiro lugar na história, seja na local, na regional ou na municipal e, além disso, que sejam o sujeito do processo de construção de uma comunidade mais igualitária.

Como logística física, a Associação de Moradores tem como base o Centro Social Nosso Progresso, conforme Foto 5 a seguir, espaço construído pelo Projeto Buriti Lagoa por meio do Programa Habitar Brasil BID/HBB, que, anteriormente servia de escritório local do referido Projeto, cujo nome foi escolhido pela comunidade do Buriti Lagoa, por meio do voto. As entrevistas realizadas com os dirigentes ocorreram nesse espaço e nas residências, sempre nos finais de semana, quando a disponibilidade de tempo era maior. Aproveitou-se para conhecê-los, observar toda a dinâmica e convívio existente e fazer fotos.

No transcorrer da entrevista, com as pessoas mais à vontade, surgiam histórias e discussões que, à vezes, levou-se a desviar a atenção e dispendeu algum esforço para retomar

o foco do estudo. Percebeu-se que barreiras eram vencidas, pesquisadora e pesquisados interagiram, o que aguçou mais a vontade de desvendar os fenômenos existentes.

Foto 5 - Centro comunitário da Comunidade Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS.



Foto: Madalena Castilho (2005).

Segundo Ávila (2000a), a identidade dos sujeitos varia historicamente, com tendências a ser permanente nas sociedades tradicionais, e incerta nas sociedades modernas, em virtude das constantes mutações nos papéis e pelas várias maneiras de olhar o mundo.

Cada alternância no sistema de significados proporciona uma explicação de sua própria existência e de seu mundo. Essa alternância é relativa, e permite o conhecimento de outra dimensão da consciência sociológica - a percepção de que não somente as identidades, mas também as idéias são relativas, dependendo de localizações sociais específicas.

Ávila (2000a, p. 37) destaca:

O termo *identidade* tem dois horizontes de significação, um individual e outro coletivo:

- do ponto de vista individual, *identidade* quer dizer a propriedade ou o conjunto de propriedades fundamentalmente típica(s) de cada ser - não importa de que reino gênero ou espécie -, pela(s) qual (is) este se diferencia de todos os demais seres da natureza;
- coletivamente falando, *identidade* se refere a propriedade(s) além da(s) individualizante(s) aludida(s) acima - igual(is), comum(ns) a dois ou mais seres, em razão da(s) qual(is) estes podem se associar ou agrupar.

A entrevista concedida por meio do questionário respondido pelo Sr. O.S. (em 24/11/2007), que ocupou o cargo de tesoureiro, no período de 2004 a 2006, aponta como ponto de convergência na Associação de Moradores do ‘Buriti Lagoa’ o “nosso” Presidente, Sr. M.P.N.:

[...] ele desempenhava duas funções ao mesmo tempo, era Presidente do CAISC - Centro de Apoio à Pessoa Idosa do São Conrado, que, com a assessoria das Assistentes Sociais do Projeto Buriti Lagoa, foi a nossa primeira instância legalizada, com CGC²⁹ e tudo; e foi o escolhido pelos moradores, por voto, para ser o nosso Presidente da Associação de Moradores do Bairro São Conrado e do Projeto Buriti Lagoa. Sua atuação se funde nas duas frentes.

[...] “seu M” é uma pessoa que não mede esforços, trouxe muitas coisas para cá. Sentimos mais fortalecidos, mais capacitados, mais competentes. Juntos, trouxemos os cursos de capacitação de lideranças, de alfabetização, de informática, culinária, pintura em tecido e outros mais. Tudo que se aprende é válido. Não foi tarefa fácil, percebo que poderíamos ter avançado mais. Falhamos em não conseguir trazer todos os moradores para a Associação, para participar mais. Penso que faltou mais divulgação de nosso trabalho. O mais importante feito nosso foi montar a biblioteca, ali as crianças de nossa comunidade podem aprender mais, pesquisar e ler revistas e gibis. Este intento foi referencial para que outras comunidades se mobilizassem para conseguir sua própria biblioteca.

Embora sua análise esteja centrada numa questão bem pontual - no caso, a atuação deficitária da comunicação e divulgação dos trabalhos da Associação de Moradores em relação à comunidade como um todo - percebe-se claramente sua crítica à não participação dessa comunidade por colocar-se em oposição a uma integração do espaço público e da instância pública que representa a Associação de Moradores.

O senhor O.S. ao descrever a atuação e ponderar o papel do dirigente comunitário, disse: “[...] não estávamos pensando politicamente (no sentido partidário), estávamos pensando no bairro, nas famílias desse bairro”. Ele enfatiza que a Associação foi o divisor de águas em sua vida de liderança comunitária: “[...] tive motivos para lutar pela comunidade. Antes o desentendimento entre as lideranças locais nos separava, descobrimos isso na carne”. Essa visão do coletivo foi possível, por intermédio do conhecimento adquirido nas várias vivências cotidianas promovidas pela dinâmica local.

²⁹ Segundo o site da Rede de Informação para o Terceiro Setor: CGC significa Cadastro Geral de Contribuintes, hoje CNPJ - Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas.

O sentimento de pertença é aflorante; a percepção de como foram capazes é motivo de orgulho de todos os integrantes, aliada ao processo de preparação para ocuparem a Associação, ministrado por uma empresa de consultoria especializada, que levou os dirigentes eleitos a emprestarem suas habilidades e potencialidades a serviço da coletividade. A interação integrou-os por meio do conhecimento adquirido e transformado a partir de sua ‘ruminação’, relembrando Ávila (2006).

A organização da Associação de Moradores do Buriti Lagoa foi o meio usado pela comunidade para apresentar os seus interesses em comum, ou seja, o que diferenciava os seus dirigentes com outro morador do bairro não era o sentimento, e sim a sua capacidade de identificação, de interagir. A isso chamamos de comunitarização. Segundo Ávila (2006), o sentido da comunitarização é tomar proveito de algo, ser conhecido, reconhecer e gerar novos conhecimentos.

Percebemos que, na construção da cidadania, a organização das pessoas alvo para a participação real, concreta e efetiva, resultou de um processo educativo contínuo, considerando suas respectivas identidades. Porém, para essa conquista, não existiu um modelo a seguir, foi construída em conjunto.

3.3.3 A estrutura endógena

Com base nas Tabelas 3 e 4, constatou-se, a partir do questionário aplicado, que 50% dos Dirigentes ativos possuíam, na época, mais de 60 anos, dos quais, 37,5% eram aposentados. Isso teoricamente poderia ser um indicador de que a atuação foi diretamente ligada ao fator disponibilidade de tempo, tendo em vista que o lado financeiro não é tão preocupante; esse dado poderia ser um facilitador para a participação, não para a atuação. Os Dirigentes trabalharam voluntariamente, não recebendo nenhum incentivo financeiro.

Tabela 3 - Faixa etária dos dirigentes da Associação de Moradores do Buriti Lagoa, à época, em Campo Grande/MS.

Idade	Quantitativo	Porcentagem
38-45 anos	2	25 %
46- 59 anos	2	25 %
60-70 anos	3	37,5 %
71-78 anos	1	12,5 %
TOTAL	8	100 %

Fonte: Dados obtidos a partir das entrevistas e questionários realizados.

Tabela 4 - Situação empregatícia dos dirigentes da Associação de Moradores do Buriti Lagoa, à época, em Campo Grande/MS.

Situação	Quantitativo	Porcentagem
Emprego formal	2	25 %
Emprego informal	2	25 %
Aposentado	3	37,5 %
Não trabalha	1	12,5 %
TOTAL	8	100%

Fonte: Dados obtidos a partir das entrevistas e questionários realizados.

A Tabela 5 a seguir revela que o fator econômico pode não ter sido determinante para algumas daquelas pessoas, que, conscientes de seu papel de cidadãos e de agentes em potencial para o desenvolvimento, deixaram de se expressar como transformadores da realidade vivida em prol da coletividade. A participação maciça foi, porém, de quem possuía maior disponibilidade de tempo para se dedicar às atividades da Associação. Isto não classifica em termos qualitativos a atuação, é só para exemplificar, segundo e conforme o que a Senhora M.N. mencionou, em relação ao grau de atuação dos dirigentes.

Tabela 5 - Participação dos dirigentes da Associação de Moradores do Buriti Lagoa, à época, em Campo Grande/MS.

Item	Assiduamente	Às vezes	Porcentagem
1	5	-----	62,5%
2	-----	3	37,5%
Sub-total	5	3	-----
TOTAL	8		100%

Fonte: Dados obtidos a partir das entrevistas e questionários realizados.

Pode-se crer, em relação às Tabela 2, 3 e 4 acima mencionadas, referentes àquela comunidade e àquele espaço de tempo, que a atuação não estava diretamente ligada à participação e que esta, por sua vez, estava diretamente relacionada com o fator disponibilidade de tempo, aliada à potencialidade, à competência, à habilidade individual e à dedicação às causas coletivas. Percebe-se que o fator educação foi fundamental na atuação desses dirigentes na Associação. A educação abrangente (não a formativa, tendo em vista que como já mencionado, prioritariamente na Tabela 2, esta era baixa), fundamental no contexto de toda a dinâmica local, constituiu-se no canal de solidariedade, coesão dos membros da Associação entre si e com a comunidade, fator importante no processo do Desenvolvimento Local.

Ávila (2000a, p. 44), acrescenta ainda:

As pessoas, ainda individual e agrupadamente, podem se educar para tornarem também os atos de mobilização e cooperação cada vez mais lógicos, viáveis, agradáveis, eficientes e significativos.

Em suma, a educação de pessoas e grupos comunitários para a solidariedade e a respectiva coesão constitui, sem sombra de dúvida, aspecto estrategicamente fundamental no contexto de toda a dinâmica local.

A participação advém da educação de vivência, herdada, particularizada. Ganha forma e volume à medida que as “coisas” interiores de cada um ou da coletividade se unem, tornando-se únicas, desejadas, almejadas. Ela pode ser expressa e modificada a partir do ideário construído no dia-a-dia, o qual valoriza a dignidade do homem, sua postura anti-institucional, sua luta social e organização autônoma de base.

3.3.4 Destaques dos fenômenos referentes ao questionário aplicado

Procurou-se sintetizar as respostas dos dirigentes em um mesmo bloco, mediante as perguntas pertinentes do questionário. Eis os pontos mais expressivos:

Pesquisador: “Como é a sua relação com os outros dirigentes da Associação?”

Dirigentes:

“[...] a melhor possível, todos se conhecem há mais de 15 anos, sempre moramos no mesmo local”.

“[...] vivemos os mesmos dramas. Quando só tinha a Associação de Moradores do Buriti³⁰, nunca nos sentimos parte integrante de lá. Morávamos no São Conrado, lugar sem acesso de ruas, próximo à beira do córrego Buriti, e éramos chamados de favelados”.

Pesquisador: “Como a Associação era vista pela comunidade em geral?”.

Dirigentes: “[...] éramos aceitos. Eles nos achavam competentes. A grande maioria não participava. Diziam que não tinham tempo, que até gostariam de vir, mas não dava, quando tinham tempo estavam cansados; Os que vinham eram muito atenciosos, participavam dos cursos, era muito bom, saíam satisfeitos. Quem frequenta aqui fala bem, quem mora longe e não frequenta fala mal”.

Pesquisador: “Qual a contribuição das parcerias na atuação da Associação?”.

Dirigentes: “foram de grande importância. Trouxeram informações que nos auxiliou a melhor compreender nosso dia-a-dia, enfrentar nossos problemas. Aproximamos uns dos outros. Antes era cada um pra si e Deus pra todos. Isto refletiu para a comunidade. Mesmo após a saída de alguns parceiros institucionais, estabelecemos parcerias com novas instituições, possibilitando ampliar nosso trabalho comunitário”.

Pesquisador: “em uma escala de 0 a 5, em que o zero corresponde a ruim, um a regular, dois a bom, três muito bom, quatro ótimo, cinco excelente, na sua opinião, qual a nota que a Associação de Moradores mereceu pela atuação e contribuição para melhorar a qualidade de vida da população?”

³⁰ Referência à Associação de Moradores do Conjunto Habitacional Buriti, loteamento regularizado pela Prefeitura há mais de 20 anos.

Dirigentes: “4”.

A preocupação de compreender como se estabeleceu a dinâmica na Associação de Moradores, levou-nos a discutir com os dirigentes as suas percepções internas, como eles se viam e quais eram os significados de sua atuação no cotidiano da entidade. Reconhecer a importância do conhecimento por meio da informação repassada pela parceria, como o saber não restrito à educação formativa e ao ensino tradicional, conforme reporta Ávila (2000a, p. 86), “[...] como estratégia de desenvolvimento endógeno [...]”, foi de fundamental importância para o fortalecimento da Associação, tendo em vista que sabia que, se assim não fosse, esta seria ‘engolida’ pelo sistema.

3.3.5 Comentário geral

Entendeu-se que as comunidades se formam e se acabam, ou seja, têm começo, meio e fim mediante tempo, espaço e local. A comunitarização trabalha as pessoas para aproveitarem algo; é um ponto de equilíbrio da globalização, é um investimento social, revelando-se mais importante do que a própria existência da comunidade pronta.

Segundo Pierson (1969, p. 139):

Os ‘FOLKWAYS’ e os ‘MORES’ de qualquer grupo altamente integrado constituem um sistema dinâmico: isto é, as maneiras de agir do povo em apreço estão todas ligadas entre si, dependendo todas umas das outras. Cada costume tem relação funcional com cada um dos demais e com o todo.

Para Pierson (1969, p. 137) a distinção entre ‘FOLKWAYS e MORES’ é:

[...] folkways são as maneiras de agir (ways) que caracterizam um povo (folk). São as formas de conduta que um povo desenvolveu durante sua vida. [...] como meio de agir adotado por certo povo em face de dado problema. Pode ter sido encontrado até apenas por acaso, mas funcionou, isto é, produziu resultado satisfatório. Foi então aos poucos adotado, na sua maior parte inconscientemente, tornou-se parte da vida social do povo e, depois, transmitiu-se às gerações seguintes.

[...] Os ‘mores’ são os ‘folkways’ que foram destacados como particularmente importantes na vida do grupo em questão. Representam as formas ‘sagradas’ de comportamento, ‘intocáveis’.

As heranças sociais, segundo Pierson (1969), são passíveis de modificação, daí por que as comunidades se modificam continuamente. As habilidades podem sucumbir diante

desta instabilidade, as potencialidades se renovam, são inerentes. Descobrir e incentivar as potencialidades locais, entendido segundo Ávila *et al.* (2000b, p. 58) com: “[...] o termo que expressa a idéia de precisão, mais ou menos aprimorada, de cada capacidade de ser”.

3.4 PERCEPÇÕES DAS PESSOAS QUE FREQUENTAM A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES/AGENTES EXTERNOS

Procurando formar um pensamento crítico e prospectivo de como a Associação de Moradores era vista fora do âmbito interno, aplicou-se os questionários com as pessoas que a frequentaram. O modelo aplicativo aqui em referência esta em anexo.

Percebe-se que esse estrato reconhece que a Associação procurou construir a igualdade enquanto promovia a diversidade, isto é, ofereceu de forma não direcionada oportunidades variadas de inclusão social para um público diversificado. Auxiliou no encontro de soluções para uma sociedade mais globalizada, em que ela desempenhou o importante papel de mediadora enquanto espaço de cultura de encontro.

Os dados coletados foram conseguidos por meio de questionários semi-estruturados e correspondem ao público B do universo pesquisado, anteriormente citado no Capítulo 2.

Em tempo, para as entrevistas dos estratos B e C, utilizou-se o verbete ENTREVISTADO (A), numerado em ordem crescente, como forma de preservar a identidade das pessoas que colaboraram neste estudo.

3.4.1 Visão externa, vivência

A Entrevistada 1 foi remanejada da Rua Praia Grande, s/n, São Conrado, da beira do córrego Buriti, pois, por seu quintal “passava” o córrego. “Minha casa tinha duas pecinhas, meu quarto e a sala que era cozinha, tudo junto e fui para bem próximo ao Centro Social Nosso Progresso”. A Entrevistada 1 é mãe de dois rapazes, um casou e foi embora e o outro ainda mora com ela, na casa para a qual ela foi remanejada pelo “HBB”, como eles identificam o Projeto Buriti Lagoa desenvolvido entre 2001 e 2005 pela Prefeitura de Campo Grande.

Ela relatou que seus filhos conseguiram emprego depois que fizeram o curso de “computação” no centro comunitário. A família sempre participava das atividades promovidas, sentiu-se sempre bem recebida, conseguindo assimilar o que aprendeu, como escrever o próprio nome e ler a bíblia. Analfabeta, ela fez o curso de alfabetização para Jovens e Adultos oferecido pela Associação de Moradores. Segundo a Senhora E., os seus dirigentes eram atuantes. “No começo foi uma disputa com outro líder comunitário que queria também entrar na chapa, mas ele queria a associação pra ele, não ia dar certo, ainda bem que as gurias³¹ abriram os olhos deles (dos dirigentes)”.

A Entrevistada 1 tem 58 anos de idade, mora na Região há 20 anos e há 4 anos vive no paraíso, referindo-se às melhorias realizadas pelo Projeto Buriti Lagoa. Mencionou que sempre participou das promoções que foram realizadas pela Associação de Moradores para angariar fundo como as galinhadas, pasteladas e bailes, dentre outras, para pagar as pequenas despesas do dia-a-dia: o consumo do telefone instalado no escritório da Associação, aquisição de papel sulfite ou o “cafezinho” do final das reuniões.

Segundo o Projeto de Participação Comunitária, as despesas com água e luz estavam vinculadas ao executivo municipal, tendo em vista tratar-se de um espaço físico público.

Percebeu-se que a comunidade, enquanto agente externo participante, estava atenta às questões pertinentes à Associação. Observa-se que o participar acaba por inseri-la como parte do processo, ciente dos acontecimentos, os quais proporcionaram a autonomia mínima suficiente para classificar o que era bom ou ruim para a coletividade.

3.4.2 Participação para unir os potenciais

A estudante de Pedagogia, Entrevistada 2, de 24 anos, moradora há oito quadras do Centro Social Nosso Progresso, informou que na gestão do período de 2004 e 2006, trabalhou voluntariamente na Biblioteca do Centro Comunitário (Foto 6). Menciona que a possibilidade de ler e estudar valeu o esforço por todas as tardes em que dispensou cinco horas diárias para cuidar do recinto.

³¹ A Entrevistada 1 referiu-se ao termo “as gurias” às Profissionais Sociais que assessoravam a formação da Associação de Moradores pelo Projeto Buriti Lagoa/EMHA/PMCG.

Foto 6 - Biblioteca comunitária do Centro Comunitário do Buriti
Lagoa, em Campo Grande/MS.



Foto: Iara Pereira da Silva Santana (2005).

A Entrevistada 2 mencionou que via a Associação de Moradores diferente das que conhecia. Relatou que havia discussão entre os dirigentes, porém só no campo das idéias, nunca pessoal. “Talvez por serem pessoas adultas e bem informadas não havia picuinhas, não percebia isso”.

Revelou a importância da capacitação das lideranças com atividades de empreendedorismo aliadas ao comprometimento que todos os integrantes tinham com a Associação. “Eles se reuniam sempre para traçar como resolver os problemas, os quais não eram poucos”.

3.4.3 Comentário geral

Percebeu-se que a Associação de Moradores foi vivenciada por vários atores da comunidade, cada estrato representativo focalizou o processo de dentro para fora e de fora para dentro. Observou-se certa sincronia entre os sinais, sintomas e variáveis emitidos pelos dois últimos estratos, conforme apresentados no Capítulo 4.

Particularmente neste estrato, percebeu-se, em todas as entrevistas, o clima de confiança e de espontaneidade. Essas pessoas continuam a ver aquela Associação de forma plena, de não ausência enquanto representatividade, de fazer parte. E melhor, se vêem como aqueles que sempre estiveram dentro, nunca fora dela, de forma não passiva e sim ativa. O sentimento de pertença é afluente. A condição de cidadão se revelou presente, incorporada à sua dimensão, fora de seu mundo privado (casa, família e dos grupos privados em geral), quando as pessoas passaram a atuar no espaço público da Associação de Moradores, seja na construção do espaço público, seja na representação dos seus interesses individuais e/ou dos coletivos.

A formação para a cidadania naquela instância trouxe a contribuição de formar cidadãos além do reflexivo, formado para o conflito, ou seja, para a criatividade contínua, ampliada. Quando essas pessoas identificam na Associação de Moradores uma estância politizada, tornam-se politizadas.

3.5 PERCEPÇÕES DETECTADAS JUNTO AOS PARCEIROS/AGENTES EXTERNOS

Para melhor entendimento, o estrato C corresponde aos agentes externos classificados como Parceiros Governamentais e Não Governamentais. A coleta de informações foi realizada por meio de visitas institucionais, contatos telefônicos e por meio digital. As entrevistas com esse público alvo foram realizadas por meio dos questionários, encaminhados aos destinatários por e-mail e respondidos pelo mesmo canal. Essa ferramenta tecnológica foi considerada mais ágil e eficiente, tendo em vista a distância entre as pessoas procuradas e a pesquisadora.

Vale salientar que as entrevistas colhidas foram inseridas nesta dissertação conforme a percepção deste estudo. Os questionários correspondentes a cada parceria, na sua íntegra, encontram-se em anexo.

3.5.1 Coordenadora Nacional da Área Social do Programa Habitar Brasil BID/HBB do Ministério de Estado das Cidades - Entrevistada 3

As Associações de Moradores têm desempenhando papéis diferenciados em cada comunidade, mas principalmente desenvolvem o papel de reivindicadores dos direitos não atendidos das famílias e têm-se constituído o meio de ligação entre as famílias e os governos locais.

Para o Programa Habitar Brasil BID/HBB, a existência de uma representação da comunidade é uma exigência do seu Regulamento Operacional, pois se entende que uma comunidade organizada deve ser representada por entidades que congreguem os interesses da maioria da população.

Desde a fase da concepção até a fase de pós-ocupação, espera-se que as Associações participem do projeto, conhecendo as suas etapas, difundindo as idéias do projeto junto à comunidade, discutindo o projeto com a equipe técnica e especialmente funcionando como o controle social da comunidade no acompanhamento e no desenvolvimento do projeto como um todo.

A participação de todos pode se dar de diversas maneiras, por meio de grupos de diversos interesses, e deve ser permeada pela atuação das Associações de Moradores.

No projeto Buriti Lagoa, o diagnóstico inicial da área objeto do projeto apresentou a existência de quatro Associações de Moradores, sendo que uma delas estava inativa. Ainda havia na área duas Associações Comunitárias de Mulheres, um Clube de Mães e a Associação Zumbi dos Palmares.

Essas entidades tiveram papel significativo na apresentação, discussão e aprovação do Projeto Buriti Lagoa. No decorrer do desenvolvimento do empreendimento e do trabalho social, uma das Associações de Moradores, mais voltada para a região em que se insere a intervenção, foi de vital importância para a equipe do Projeto e para a comunidade como um todo.

Houve, por parte do município, a valorização do trabalho junto às entidades representativas da comunidade, sendo que um dos objetivos específicos do projeto social era “habilitar a comunidade sobre gestão comunitária no desenvolvimento local sustentável, com ênfase no desenvolvimento e fortalecimento comunitário”.

No desenvolvimento do projeto, foram previstas e realizadas dez oficinas para capacitação de lideranças comunitárias, conforme a Foto 7, dois *workshops* que fomentaram a confraternização, a participação comunitária e as parcerias com outras entidades e secretarias afins do município.

Foto 7 - Capacitação das lideranças pela consultoria DEPHES - Centro Comunitário do Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS.



Foto: Iara Pereira da Silva Santana (2006).

Segundo a Entrevistada 3: “De uma maneira geral pode-se dizer que os representantes das comunidades e/ou lideranças receberam e produziram conhecimentos que foram difundidos junto à comunidade”.

A reflexão da Entrevistada 3 é bastante válida ao contemplar a oferta de conhecimentos e sua apreensão pelos dirigentes da Associação de Moradores, fazendo desse patrimônio acumulado, aliado à amplitude da visão de coletivo, o diferencial transformador na evolução daquela comunidade.

3.5.2 Agente externo, Secretário Municipal de Habitação na época - Entrevistado 4

De acordo com o Entrevistado 4, o Projeto Buriti Lagoa, de todos os que foram implantados na área habitacional, foi o melhor e mais completo Projeto executado pela Prefeitura Municipal de Campo Grande, na administração da qual ele participou. Foi o Projeto com os melhores resultados.

“A minha visão foi que o Projeto Buriti Lagoa teve corpo e alma”, comentou o Entrevistado 4. O corpo representa as ações executadas pelo Projeto em si: as casas, o arruamento, o Centro Comunitário, o Centro de Múltiplo Uso, o Parque Linear, ou seja, a infra-estrutura habitacional, urbana e comunitária que se implantou na região.

A alma se construiu nas ações desenvolvidas no campo social, que tiveram como palco a Associação de Moradores, conforme diz o Entrevistado 4 (2008): “[...] foi o lugar, o indutor das ações que se constituíram a alma daquele Projeto, sem a qual o mesmo não teria o êxito que teve”. Se não fosse a atuação, o comprometimento, a competência da Associação de Moradores as atividades que ali se realizaram, o Projeto seria um corpo inerte. “Tenho orgulho de ter participado das ações: os bailes dos idosos, as galinhadas para angariar fundos, enfim, de tudo. Sempre fui muito bem tratado por aquele grupo”. O projeto não teria tido o sucesso se não fosse a participação ativa daquela Associação de Moradores, conforme se vê nas Fotos 8 e 9.

Foto 8 - Cursos de culinária - Centro Comunitário do Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS.



Foto: Diogo Santana (2006).

Foto 9 - A galinhada - Centro Comunitário do Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS.



Foto: Diogo Santana (2006).

O Entrevistado 4 não mencionou divergências na atuação da Associação de Moradores da Comunidade Buriti Lagoa, tamanha a magnitude de seu auto-desenvolvimento, em que o estímulo às potencialidades locais, aliado ao comprometimento e destreza individuais e posteriormente coletivas, estruturaram efetivamente.

As convergências foram muitas: destaque para a interface com as parcerias que ali se constituíram, segundo o Entrevistado 4:

[...] o trabalho de desenvolvimento pessoal; o espírito de união entre os dirigentes. O espaço acolhedor muito bem cuidado e que ficou de herança para que as demais gestões continuassem seus trabalhos. A Associação ainda hoje é um orgulho na concepção dos moradores. Para nós do executivo municipal a Associação de Moradores continua sendo o espaço de referência da nossa ação naquele bairro.

Nessa fala, percebeu-se claramente que a intervenção por meio do Projeto Buriti Lagoa despertou o sentimento de pertença naquela Associação. A apreensão de valores proporcionada pelo Poder Público levou os dirigentes da Associação de Moradores a construção e ampliação dos conhecimentos individuais e coletivos, resultando na formação de cidadãos visíveis, portanto percebidos, reconhecidos ao olhar externo.

A Associação estruturou-se de maneira que as futuras gestões desfrutassem da semente deixada pela essência constitutiva incorporada no âmago que transcende o espaço. Pode-se entendê-la como a impregnação da territorialidade constituída.

Nessa perspectiva, a Associação de Moradores da Comunidade ‘Buriti Lagoa’ se caracterizou com autonomia moral, cuja formação por meio de ações educativas impregnou as pessoas do local, fazendo com que esta Entidade se mantivesse e se perpetuasse, conforme a fala do Secretário de Habitação na época, como referência para a coletividade.

3.5.3 A visão da Organização não Governamental (Ong) Moradia e Cidadania - Entrevistada 5

O início da parceria, segundo a Entrevistada 5, integrante da OnG Moradia e Cidadania³², surgiu do convite da Coordenação Social do Projeto Buriti Lagoa para visitar o local, e assim começou o contato com a Associação de Moradores do Jd. São Conrado. “Foi-nos informado sobre seus projetos, dentre os quais incluíam a instalação de uma biblioteca comunitária”. Não havia, na região, espaço e nem utensílios apropriados de acesso com aporte literário que suprisse as necessidades escolares das crianças da comunidade. Quando os alunos precisavam pesquisar sobre determinado assunto, tinham que se deslocar para o centro da cidade. O local mais próximo era a Biblioteca Municipal do Horto Florestal, distante 10 km.

A ONG Moradia e Cidadania percebeu de imediato que a comunidade tinha potencial e isso aguçou a aproximação. A Entrevistada 5 descreve (2007):

Os sonhos e as convicções de lutar pelos anseios e perspectivas da comunidade, diante das dificuldades do local, aliado à competência, nos cativou. Assim, não foi possível ficar de fora e iniciamos nossa parceria para que juntos trilhássemos o caminho da construção coletiva.

A partir do momento em que a comunidade viu suas necessidades sendo atendidas, como se seu grito tivesse ecoado e ouvido por muitos, ela passou a participar mais e sentir-se mais valorizada. Descobriu-se no coletivo a possibilidade de sonhar o sonho de todos, em que a utopia se tornou concreta, menos individualizada, facilitando a vida de todos na Região.

Os fatores, que fizeram com que a ONG Moradia e Cidadania se aproximasse da comunidade, foram a empatia e a vontade de mudar percebidas nas atitudes e falas daquelas pessoas, cuja essência transmitiram a paixão pelo trabalho social. Isso veio ao encontro dos objetivos da ONG, fazendo com que os esforços fossem somados e adquirissem corpo, alcançando êxito em tudo o que fora planejado de comum acordo entre ambas as partes.

³² ONG Moradia e Cidadania - iniciativa criada pelos funcionários da Caixa Econômica Federal, que se uniram em âmbito nacional (2000), com coordenações estaduais, baseada nas propostas: 1ª idealizada pelo Sociólogo Betinho intitulada “Ação da Cidadania, contra a Fome, a Miséria e pela Vida” e 2ª, nas oito metas para o milênio, da ONU.

Dificuldades ocorreram, e o grande desafio foi mobilizar a comunidade, fazê-la integrante do todo. Esse obstáculo foi superado assim que os resultados se materializaram.

Estabeleceu-se entre a parceria e a Associação de Moradores do Buriti Lagoa, um elo muito grande, desencadeando em respeito mútuo.

A qualificação implantada pela ONG proporcionou o surgimento e o planejamento de outros projetos, elaborados pelos Dirigentes da Associação de Moradores, que foram avaliados pela Entrevistada 5 como melhoria na renda familiar. Observou-se a elevação da auto-estima por meio da autonomia da Associação em conquistar outras parcerias, as quais resultaram em mais ações benéficas para aquela gente.

É fortemente perceptível, neste relato, a existência da potencialidade local; acreditar na comunidade e saber que ela quer mudar saiu positivamente do plano da cogitação para o estado da concretização. Passou a ser o que antes estava no campo das idéias subliminares, ou seja, estava lá, bastou o ‘provocar’ para se efetivar.

Com o sucesso de parcerias como esta com a ONG Moradia e Cidadania, segundo o Presidente da Associação de Moradores na época, Sr. M.P.N., outras parcerias, como a com o Banco do Brasil (doando e instalando mais computadores para a sala de informática) ocorreram, e multiplicando o desenvolvimento daquela comunidade, a partir do despertar da autovalorização, do acreditar em se ter potencial, em se fazer a diferença por si só.

Conforme mencionado na introdução desta Dissertação, em que Ávila (2003), destaca o homem como eixo central do seu próprio desenvolvimento, isso é real e visível no caso da Associação de Moradores da Comunidade ‘Buriti Lagoa’, sem deixar de referendar o valor da atuação dos agentes externos nesse âmbito.

3.5.4 Contribuição para o aperfeiçoamento

Os parceiros, enquanto agentes externos, foram de indiscutível importância para o aprendizado daquela gente, mas não foram os decisivos. Segundo Ammann (1980): “[...] o desenvolvimento comunitário é um processo de mudança social, em que você não desenvolve a comunidade; a comunidade se desenvolve em si”.

Ao contextualizar o resultado da pesquisa dos três estratos escolhidos, percebeu-se a similaridade nos dados extraídos. Utilizando os resultados apresentados, foi possível verificar os significados que permitem classificar os dados e analisá-los. No Capítulo n. 4, esses dados foram organizados em sinais, sintomas e variáveis. A análise aqui feita não pretende “avaliar” os dados, mas apresentar os fenômenos que possa reverter-se em tendência na perspectiva do Desenvolvimento Local.

Mudança é parte essencial da vida, seja ela positiva ou negativa; é inevitável. No passado, assumia-se que as mudanças eram provenientes das pessoas detentoras do poder. Reis, imperadores ou políticos faziam decretos ou leis para determinar novidades, novos impostos e novas regras. Na realidade, as mudanças são mais efetivas quando instigadas pela população, as leis e decretos dos governantes são feitos geralmente quando as pessoas mudam suas atitudes de tal maneira que quem estipula as leis é obrigado a determinar novas regras para acompanhar a população.

Ferrari (2007) escreve:

Mudando seus valores, mudam suas escolhas, e, mudando suas escolhas, você muda o seu destino. E melhor: quando tudo isso é feito a partir de uma tomada de consciência, você tem o seu destino em suas mãos. Como pode perceber a partir do controle e mudança de seus pensamentos, você pode iniciar uma rica caminhada em direção à mudança efetiva de sua vida.

Os impactos positivos da atuação da Associação de Moradores provocaram mudanças visíveis no cotidiano de seus integrantes naquele tempo. As semelhanças nos relatos das pessoas que ocuparam diferentes posições no processo, em uma vivência comum convergiram na medida em que os pontos de vistas foram expostos, revelando a busca constante à melhoria de vida, determinantemente, de dentro para fora. Ficou patente o empoderamento frente à maturidade e capacidade da Associação de Moradores em voga. O centro comunitário “Nosso Progresso” é um legado importante deixado pelo Projeto Buriti Lagoa/HBB, que a Associação de Moradores sabiamente usufruiu e ampliou.

A capacitação denominada de Treinamento de Lideranças ministrado pela Consultoria DEPHES - Desenvolvimento do Potencial Humano Empresarial e Social -, foi importante impulsionadora do despertar das potencialidades existentes *in loco*. Utilizando a metodologia que envolvia a participação ativa, propiciou a conquista da autonomia efetiva.

Nessa vertente, os três estratos (A, B e C), revelam que esses segmentos convergiram para as seguintes questões:

1. A transformação a partir da reprodução de conhecimentos;
2. Impacto positivo da atuação e capacidade dos dirigentes da Associação de Moradores;
2. Sentimento de pertença altamente perceptível e o reconhecimento mútuo;
3. Capacitação, informação, participação e inserção;
4. Incentivo às potencialidades, inovação;
5. Comprometimento, quebra de paradigmas: competências e habilidades;
6. Integração, diversidade, referindo-se à transformação de comportamentos.

A Associação de Moradores apresenta as manifestações de seus relacionamentos internos e externos, passíveis de aproveitamento para formação e endogeneização comunitária de cultura e iniciativas de Desenvolvimento Local nessa “comunidade”, por meio dos relatos transcritos neste documento. Os fenômenos e a dinâmica interna se revelam. Entender o processo é a nossa intenção. É o que desvendaremos como proposta do Capítulo 4, a seguir.

CAPÍTULO 4

MANIFESTAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES PARA INICIATIVAS COMUNITÁRIAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL

O principal objetivo deste Capítulo foi e continua sendo, o de cotejar informações resultantes dos anteriores Capítulos 2 e 3, com referenciais teóricos abordados no Capítulo 1 (cotejamento este mais centrado nos itens 4.1 e 4.2, à frente), intentando - por ele - apurar ou fazer emergir as chamadas **MANIFESTAÇÕES CONVERGENTES PARA FORMAÇÃO, ENDOGENEIZAÇÃO E INICIATIVAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL**, focadas no item 4.3. Portanto, neste item se encerraram as análises e interpretações técnicas, tanto deste Capítulo quanto da própria Dissertação, embora os últimos fechos de fato se caracterizem pelas **CONSIDERAÇÕES FINAIS**.

Em outros termos, e por tentativa de ilustração visual, toda a processualística da pesquisa, expressa nesta Dissertação, seguiu a dinâmica do **PANORAMA ESTRUTURAL-FUNCIONAL** sugerido pela Figura 4 - a seguir -, olhada de baixo para cima, ou seja, no sentido do **TEMA? PROBLEMA? OBJETIVO-INTENCIONAL** para o **OBJETIVO ALCANÇADO**, na parte superior:

Figura 4 - Panorama estrutural-funcional da pesquisa/dissertação.

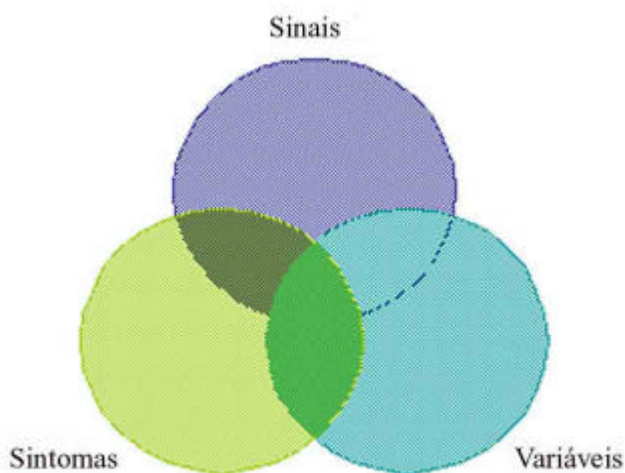


Pelo direcionamento vertical (de baixo para cima) da Figura 4, observa-se que toda a processualística operacional da pesquisa se alicerçou no **OBJETIVO-INTENCIONAL** e dele fluiu por Capítulos de encaminhamentos até se chegar ao **OBJETIVO-ALCANÇADO**, principalmente nos termos do mencionado item 4.3, explicitado à frente. Em face dessa processualística operacional, entendeu-se oportuno reiterar, também aqui, o original e integral teor do aludido **OBJETIVO INTENCIONAL: identificar, analisar e caracterizar, na Associação de Moradores de Comunidade ‘Buriti-Lagoa’, manifestações de seus relacionamentos internos e externos, passíveis de aproveitamento para a formação e endogeneização comunitária de cultura e iniciativas de Desenvolvimento Local nessa “comunidade”**.

Portanto, à luz desse objetivo se evidenciou neste Capítulo, a interação entre o estudo empírico e o conceitual teórico em que os sinais retrataram o pensar e o agir da comunidade, mediante suas relações internas e externas; os sintomas apresentam a junção dos campos deste estudo: o empírico e o conceitual, e as variáveis revelam as iniciativas para o Desenvolvimento Local, conforme a Figura 5 a seguir, cujos dados estão detalhados nos Quadros 1, 2 e 3, adiante. Nesse sentido a cadeia de conhecimento desta investigação fará

emergir as três grandes lógicas que este estudo se propôs desvendar. Essas lógicas pretendem servir para retroalimentar estudos futuros.

Figura 5 - Sinais, sintomas e variáveis.



4.1 RELAÇÃO ENTRE RESULTADOS E REFERENCIAIS

A proposta desse estudo buscou, por um lado, utilizar-se do acervo literário de vários autores acerca do conceitual do Desenvolvimento Local, assegurando o embasamento teórico conceitual compatível com o objetivo dessa pesquisa investigativa, conforme apresentado no Capítulo 1. E por outro, instigou-se em identificar, analisar e caracterizar os fenômenos existentes na ‘Comunidade’ da Associação de Moradores do Buriti Lagoa. A inter-relação entre os dois lados mostrou-se complementar e eficiente, revelados nos Capítulos 2 e 3. O resultado apontou para a existência de uma Comunidade que concordou, defendeu e considerou que a intervenção do Projeto Integrado Buriti Lagoa foi altamente positiva, a qual transcendeu os objetivos da urbanização, proposta pela Prefeitura Municipal de Campo Grande/MS.

O êxito da intervenção só foi possível, por que os dirigentes da Associação de Moradores tinham potencialidades, possuíam vontade de mudar, tiveram iniciativas, foram receptivos aos novos conhecimentos, o que resultou no fortalecimento do grupo com maior

teor de organização. A intervenção do Projeto Buriti Lagoa possibilitou que a Associação de Moradores se exercitasse para o desabrochar, ou seja, parafraseando Ávila (2000a, p. 49), em referência do autor à metodologia reproduzida na “República” de Platão, que guarda a relação analógica com a indução do parto (a mãe de Sócrates era parteira): “[...] parir o seu próprio conhecimento com a ajuda indutiva do mestre”.

Ao sinalizar que estava fortalecida como grupo, a Comunidade da Associação de Moradores enfrentou os seus elementos de vulnerabilidade com suas próprias capacidades endogeneizadoras. Este dado foi convergente em todas as percepções descritas pelos agentes internos e externos. Segundo Ávila (2000a), o desenvolvimento está nas pessoas e, para que se aflore, basta despertar ou ‘permitir’ ser despertado.

Ressalta-se que o processo vivenciado naquele período pelos dirigentes da Associação de Moradores, os quais, à frente de uma comunidade estigmatizada e sofrida, revelaram que este grupo, soube representá-la de forma concisa e determinada. A princípio, timidamente organizado, porém não desprovido de potenciais, compartilhando interesses e laços relacionais solidários, conforme vimos no Capítulo 2, subitem 2.2 Territorialização (histórias orais).

A representatividade da Associação de Moradores passou de mera formalização de se ter alguém ou um grupo para reivindicar algo para todos, para ocupar lugar de destaque dentro e fora do local, ganhou alma, conforme menciona o entrevistado 4, no Capítulo 3. O espaço conquistado teve mérito, sobretudo mediante as capacitações realizadas pelas ONG Moradia e Cidadania e pela DEPHES Consultoria, nos treinamentos de lideranças em que as forças internas interagiram, ocasionando o que Pierson (1969) denomina de interação. Ao relacionar essa afinidade da Associação de Moradores do Buriti Lagoa com as iniciativas de Desenvolvimento Local, volta-se ao referencial teórico, propriamente em Ávila (2000a), que menciona a importância de se estimular as forças das iniciativas locais para que a comunidade possa cada vez mais elevar sua auto-estima e confiança em si, buscando as soluções para os seus problemas, necessidade e aspirações. A partir do momento em que as manifestações existentes vieram à tona na pesquisa, por meio de ações compartilhadas, ficou evidente que a Associação de Moradores da Comunidade Buriti Lagoa tinha potencial.

Os referenciais teóricos do Capítulo 1 foram configurados a partir do perfil inovador e em construção do conceitual do quê é o Desenvolvimento Local. Conforme relatamos naquele Capítulo, há uma gama de autores que convergem ou divergem sobre os

vários tópicos conceituais de abrangência do DL. Particularmente este estudo foi constituído por documento bibliográfico de referências indicadas pelo Orientador, por outros professores do Programa do Mestrado/UCDB, pela Internet e por outros acervos de Instituições que tiveram alguma ligação, na época, com o Projeto Buriti Lagoa, como: Governo Federal (Constituição Federal), Ministério de Estado das Cidades (Programa Habitar Brasil BID/HBB), Caixa Econômica Federal (Prêmio Melhores Práticas em Gestão Local, orientações básicas e estudo de caso do Projeto Buriti Lagoa realizado pelo IBAM/ Instituto Brasileiro de Administração Municipal), Campo Grande (EMHA/PLANURB – Projeto Integrado Mudando para Melhor Buriti Lagoa e Projeto de Participação Comunitária, Perfil Socioeconômico de Campo Grande).

A relação entre Resultados e Referenciais constituiu-se em ferramenta primordial, fundamental e indispensável deste estudo investigatório, considerando-se o atendimento ao objetivo da pesquisa, ou seja, trazer à tona as manifestações do público pesquisado e poder caracterizá-las como iniciativas para o Desenvolvimento Local.

4.2 RELAÇÃO ENTRE SINAIS, SINTOMAS E VARIÁVEIS NESTE ESTUDO

Como forma organizada de apresentar esse estudo, estabeleceu-se que os Sinais foram caracterizados pelas manifestações da Associação de Moradores, ou seja, como ela se apresentou. Os Tópicos Conceituais apresentados no Capítulo 1 apareceram como os Sintomas, tendo em vista que são o que são de acordo com os conceitos dos autores em destaque no Capítulo 1. A fusão dos Sinais e Sintomas culminou nas Variáveis.

Para melhor entendimento, os resultados foram dispostos em formato de quadros organizados em sinais, sintomas e variáveis, e as percepções do universo pesquisado, ou seja, a dos públicos A, B e C, de acordo com os estratos escolhidos. Priorizou-se iniciar com as percepções dos Dirigentes da Associação de Moradores enquanto Agente Interno, revelando como eles se vêem, conforme Quadro 1 a seguir.

4.2.1 Como a associação de moradores se vê

Quadro 1 - Sinais, Sintomas e Variáveis relacionados aos agentes internos - dirigentes da Associação de Moradores do Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS.

Sinais/Manifestações	Sintomas/Tópicos conceituais	Variáveis
<p>Os Dirigentes da futura Associação de Moradores participaram do processo de concepção e gestão do seu desenvolvimento, aderindo à operacionalidade do Projeto Buriti Lagoa em 2001.</p> <p>O Sr.O.S., ocupante do cargo de Tesoureiro na Diretoria da Associação de Moradores em entrevista para a pesquisa (24/11/2007): “[...] não estávamos pensando politicamente (no sentido partidário), estávamos pensando no bairro, nas famílias deste bairro”.</p>	Comunidade	<p>Organização comunitária.</p> <p>Esse estrato reconhece como comunidade a Associação de Moradores do Buriti Lagoa. Com interesses e necessidades comuns ou semelhantes.</p>
<p>O registro da não participação de parte da população do Buriti Lagoa na Associação de Moradores foi considerado por um Dirigente como oposição a uma integração do espaço público e da instância pública que ela representa. As pessoas não estão acostumadas ou não lhes foi oportunizado participar.</p> <p>O processo educativo fez com que o modelo de como fazer fosse construído dia após dia (Relembrando o Poeta Espanhol Antonio Machado, já citado neste estudo).</p>	Cidadania	<p>A educação³³ como importante e imprescindível na adoção de novas posturas comportamentais.</p>
<p>O Presidente da A.M., na época, já tinha experiência à frente de um grupo de idosos. (CAISC);</p> <p>Determinantes para o fortalecimento dos agentes internos: os cursos de lideranças, alfabetização, informática.</p>	Potencialidade	<p>O envolvimento no processo de aproveitamento de potenciais.</p> <p>A elevação de competências.</p>
<p>O sentimento de pertença foi aflorante. O orgulho dos Dirigentes ao se sentirem capazes de exercer a representatividade da comunidade Buriti Lagoa.</p>		

³³ Ratificando a nota explicativa de rodapé n. 4: a formação educacional não se restringe à instituição escolar.

Sinais/Manifestações	Sintomas/Tópicos conceituais	Variáveis
<p>A Região do Lagoa (mencionado no Capítulo 2) é conhecida pela população local como Região Buriti Lagoa.</p> <p>A relação entre os Dirigentes era de harmonia e sintonia, revelando que os membros se sentiam parte do todo: “[...] vivemos os mesmos dramas. Quando tinha só a Associação de Moradores do Buriti, nunca nos sentimos parte integrante de lá”.</p>	Territorialidade	Construção do território da Associação de Moradores.
<p>A capacidade dos Agentes Internos da Associação de Moradores de interagir com a comunidade (agentes externos) e com os parceiros (agentes externos) os diferenciou de outro morador da Comunidade Buriti Lagoa.</p> <p>“Quem frequenta aqui fala bem; quem mora longe e não frequenta fala mal”.</p> <p>A composição da Diretoria da Associação de Moradores da Comunidade Buriti Lagoa foi composta por 6 mulheres, entre os 12 componentes, revelando a paridade na composição, segundo a Sr^a M.N (entrevistada em 20/05/2007): “[...] tomamos parte nessa Diretoria devido ao respaldo na capacitação e formação do Grupo de Mulheres Sem Limites.”</p>	Comunitarização	<p>Plenitude no processo de decisão.</p> <p>Superação de dirigismo externo.</p> <p>Identidade.</p>
<p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Todos os aspectos acima configuram e remetem ao processo de DESENVOLVIMENTO LOCAL</p>		

Personalizando a Associação de Moradores do Buriti Lagoa, de acordo com as *performances* encontradas a partir deste estudo, percebeu-se o salto de qualidade que aquela ‘Comunidade’ vivenciou. Os Agentes Internos, os Dirigentes da Associação de Moradores, expressaram a sua importância nas amostras descritas acima e revelaram suas percepções que

configuraram o pensamento de comunidade no que diz respeito ao Desenvolvimento Local, enquanto participantes endógenos do processo construtivo, em que tiveram papel fundamental de agregar valores às iniciativas desenvolvidas com aquela comunidade. A análise se baseou no conceito de Ávila (2000a, p 30) acerca do quê é comunidade. “[...] conjunto populacional considerado como um todo [...]”.

No que concerne à Cidadania, pode-se pensar nas relações entre os homens e até onde cada um é livre para agir sem prejudicar o outro. Quando se pensa em comunidade, questiona-se a existência ou não de um modelo ideal de comunidade para o Desenvolvimento Local. Seguramente, os diversos autores mencionados no Capítulo 1 convergem para o que se permite interpretar como não existência de uma comunidade pronta para o Desenvolvimento Local. Tem-se de encontrar, pois, a desconstrução do que se classifica de ideal para a construção baseada na própria essência da comunidade a se construir. É o que este estudo encontrou na Associação de Moradores da Comunidade Buriti Lagoa, mediante o conhecimento dos fenômenos de divergência e convergência, remetendo à identificação das *performances* comunitárias.

As divergências existiram moderadamente diante das convergências. Dentre elas, a principal foi a distância de algumas moradias do Centro Comunitário Nosso Progresso (lugar logístico das grandes atividades da Associação de Moradores) significou para os dirigentes, dificuldade de participar, de parte da comunidade local, como se a participação estivesse agregada à idéia de se morar nas proximidades. A outra foi a falta de comunicação/divulgação, apontada como grande responsável pela não participação.

As convergências foram pautadas pela capacidade de apreender conhecimentos e valores e de vivenciar as novas posturas por meio das capacidades, habilidades e competências desses dirigentes, definindo e delimitando os interesses que a representatividade impunha, permitindo-se despertar para o emergir das potencialidades existentes. Por incrível que seja o Centro Comunitário Nosso Progresso, apareceu como aspecto convergente, enquanto espaço territorializado, ou seja, configurou-se enquanto espaço vivido. Segundo Tuan (1993), conforme mencionado no Capítulo 1, o lugar é a base territorial; é nele que as relações entre pessoas e local acontecem. É o espaço organizado.

De acordo com o pensamento de Le Bourlegat (2000), o lugar é: “[...] cuja essência é a própria história vivida em comum”. Para a comunidade do Buriti Lagoa, o espaço-local se tornou ponto convergente para que as coisas acontecessem, e aconteceram.

Lá, as diversas capacitações constituíram importantes canais de superação às amarras com o assistencialismo que impera nas comunidades carentes. Dentre essas, destaque para a formação do Grupo Mulheres Sem Limites, cuja essência constitutiva foi proporcionar e impulsionar a força do gênero na condução dos desafios pertinentes, o que fortificou as relações sociais endógenas da Associação de Moradores.

A aferição da *performance* da Associação de Moradores pelos dirigentes foi ótima. O reconhecimento do aprendizado e o despertar das potencialidades individual e grupal foram significativos para a auto-avaliação. A capacidade de desabrochar foi a estratégia de desenvolvimento e fortalecimento endógeno.

No que se refere ao entendimento detectado na dinâmica da Associação de Moradores Buriti Lagoa, considerando o conteúdo do Quadro 1, pode-se dizer que as manifestações lá encontradas, de acordo com as percepções dos agentes internos no processo de concepção e gestão do cotidiano comunitário, convergiram para o Desenvolvimento Local.

4.2.2 Como a Associação de Moradores foi vista pela Comunidade do Buriti Lagoa

Na seqüência das percepções do universo pesquisado, o Quadro 2 apresentou como a Associação de Moradores foi vista pela Comunidade do Buriti Lagoa (agente externo), que de alguma forma se manteve em contato com aquela instância comunitária.

Vale lembrar que, no Capítulo 2, referendando o universo pesquisado, mencionou-se que para esse estrato optou-se pelos moradores que freqüentaram e/ou mantiveram algum laço relacional com a Associação de Moradores, tendo em vista atender ao objetivo desse estudo.

Quadro 2 - Sinais, sintomas e variáveis relacionados aos agentes externos - comunidade que frequentou a Associação de Moradores do Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS.

Sinais/Performances	Sintomas/Tópicos conceituais	Variáveis
A relação dos Dirigentes era baseada no entendimento, na solidariedade e nas afirmações. As discussões aconteciam no campo das idéias. R.V.A. (2007) mencionou: “Talvez por serem pessoas adultas e bem informadas, não havia picuinhas [...]”.	Comunidade	A Associação de Moradores do Buriti Lagoa: uma comunidade dentro de outra comunidade. Com interesses e necessidades semelhantes.
A Senhora E.T.S (2007) “No começo foi uma disputa com outro líder comunitário que queria também entrar na chapa, mas ele queria a associação pra ele, não ia dar certo [...]”. O trabalho voluntário da moradora R.V.A. (2007), na Biblioteca Comunitária, proporcionava-lhe maior acesso aos livros, por conseguinte, maior informação.	Cidadania	Capacidade de discernimento
A Associação de Moradores propiciando capacitações, promovendo a elevação das capacidades e habilidades dos comunitários, tornando possível a inserção desses no mundo do trabalho. O mérito do Treinamento de Lideranças (ministrado pela Consultoria DEPHES) foi visto como muito importante por esse estrato.	Potencialidade	Promoção de se abrir para o mundo. Gestão do cotidiano.
A proximidade da unidade habitacional e o centro comunitário, possibilitando maior vivência com o local.	Territorialidade	A proximidade como critério de significado individual e social. Interação entre o homem e o espaço.
As promoções para angariar fundo, realizadas pela Associação de Moradores citadas pela Senhora E.T.S.	Comunitarização	Participação na concepção de transformações endogeneizadoras.
<p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Todos os aspectos acima configuram e remetem ao processo de DESENVOLVIMENTO LOCAL</p>		

Para os moradores do estrato B, os Agentes Externos, o relacionamento interno da Associação de Moradores da Comunidade Buriti Lagoa se caracterizou pela predominância das relações primárias que se configuraram a partir dos vínculos que se estabeleceram no cotidiano daquelas pessoas, de forma espontânea e informal. Os Dirigentes convergiram, articularam e interagiram baseados na dinâmica de vizinhanças e da história em comum vivida por todos, de acordo com as histórias dos primeiros habitantes do local. Isso caracteriza o que Ávila (2000a, p. 31-32) denomina de comunidade, ou seja, ela se configura “[...] por grupos de pessoas que se convergem, articulam e interagem através de relacionamentos primários [...]”.

Para Pierson (1969, p. 139) “[...] a maneira de agir que caracteriza um povo”, é chamada por ele de *folkways*, “são as formas de conduta [...]”. Os Agentes Externos, aqui constituídos pelos outros moradores da Comunidade Buriti Lagoa, consideraram que a conduta da Associação de Moradores foi sempre a de respeitar a população, defendendo antagonicamente os interesses coletivos em detrimento dos individuais, revelando a competência da representatividade comunitária levada a sério por aqueles Dirigentes.

Essas condutas têm a ver também com o aporte referente à promoção de capacitações que objetivam propiciar e elevar as potencialidades existentes entre os moradores que freqüentaram a Associação de Moradores na época. O sentimento de pertença se revela como apropriação natural e espontânea do ambiente vivido cotidianamente. Os conhecimentos apreendidos no Centro Comunitário Nosso Progresso fez com que esses Agentes Externos associassem o local com as *performances* dos dirigentes, conforme Santos (1996) revela como espaço humanizado, espaço do pertencimento, o que resulta em território. O que se manifesta nesse âmbito se traduz como territorialidade.

As *performances* da Associação de Moradores foram vistas por esse estrato como instrumentos que serviram de alicerce para a implementação dos serviços lá desenvolvidos por parcerias privadas ou públicas, permitindo otimizar as ações e promover o desenvolvimento de todos os moradores da Comunidade Buriti Lagoa.

4.2.3 A Associação de Moradores vista pelos parceiros públicos e privados

O processo de implementação das ações executadas pela Associação de Moradores tornou visível a capacidade de seus dirigentes, resultante do aprimoramento proporcionado pelos Treinamentos de Lideranças e demais capacitações pertinentes a essa temática. De acordo com o objetivo norteador desse estudo, os relacionamentos externos foram importantes no contexto daquela ‘Comunidade’, por que permitiram o fomento e criação de canais expansivos à melhoria de vida da população local, no prisma do Desenvolvimento Local.

A fluência na gestão da Associação de Moradores transcendeu o âmbito interno da Comunidade Buriti Lagoa. O que ocorria em alguns casos, era que, em vez de os Dirigentes buscarem as parcerias, elas se apresentavam a eles. Isso demonstrou a organização e solidez comunitária adquirida, conquistada, construída. Como os Dirigentes tinham conhecimentos acerca de possíveis ‘aproveitamentos’ de mão única, as intenções dos parceiros eram checadas, discutidas entre os pares, analisadas e só depois aceitas ou recusadas. Segundo o Presidente na época, Sr. M.P.N., o fracasso de algumas associações está diretamente ligado à forma como são administradas, o que é ratificado por Ávila (2000a), quando o autor menciona que o Desenvolvimento Local parte do âmago da comunidade, de dentro para fora. Essa sensibilidade favorece a organização necessária para discernir sobre seu próprio caminhar. Os interesses tinham de ser mútuos, sempre em busca de melhorar a vida das pessoas, proporcionar-lhes qualidade de vida endógena e exógena. Nada esteve separado, houve equilíbrio em tudo.

O Quadro 3 apresenta como a Associação de Moradores era vista pelos agentes externos, o estrato C do universo pesquisado, os parceiros privados ou públicos.

Quadro 3 - Sinais, Sintomas e Variáveis relacionados aos agentes externos - parceria privada e pública da Associação de Moradores do Buriti Lagoa, em Campo Grande/MS.

Sinais/Manifestações	Sintomas/Tópicos conceituais	Variáveis
Difusão dos conhecimentos apreendidos junto à comunidade; A Associação foi vista pelo Entrevistado 4 (Capítulo 3) como a alma do Projeto Buriti Lagoa.	Comunidade	Autonomia
Fomento às parcerias. Receptividade às novas parcerias	Cidadania	Formação de cidadãos reconhecidos e percebidos. Respeito mútuo
Associação de Moradores habilitada sobre gestão comunitária. Ênfase ao Treinamento de Lideranças e às Oficinas de Capacitação. Estimulo às potencialidades. A ONG Moradia e Cidadania reconheceu a capacidade da Associação de Moradores: “[...] aliada à competência, nos cativou, assim não foi possível ficar de fora [...]”.	Potencialidade	Reprodução de conhecimentos. Capacidade Endogeneizadora. Possibilidade de se planejar.
Destaque em relação às outras representatividades comunitárias da Região, no que concerne à inserção de seus Dirigentes no início do Projeto Buriti Lagoa. O Entrevistado 4 atribui à Associação o palco indutor das ações executadas no Centro Comunitário.	Territorialidade	Soma de esforços. Materialização da vontade de transformar a vida para melhor.
Valorização de suas <i>performances</i> por esses Agentes Externos. Espaço de referência do executivo municipal.	Comunitarização	Empoderamento.
<p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Todos os aspectos acima configuram e remetem ao processo de DESENVOLVIMENTO LOCAL</p>		

4.3 MANIFESTAÇÕES QUE CONVERGIRAM PARA A FORMAÇÃO, ENDOGENEIZAÇÃO E INICIATIVAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL

As *performances* da Associação de Moradores da Comunidade Buriti Lagoa apresentaram unidade do ponto de vista dos envolvidos no processo, na época (2004 a 2006): convergiram para a formação e endogeneização comunitária de cultura e iniciativas de Desenvolvimento Local, ratificada por todo o arcabouço exposto neste estudo investigatório, ora apresentado.

Os sinais emitidos pelos três estratos do universo desta pesquisa, de acordo com os Quadros 1, 2 e 3, ratificaram os sintomas pontuados (convergentes e divergentes) e salientaram que várias comunidades se formaram no local, e configuraram a Associação de Moradores do Buriti Lagoa como uma ‘Comunidade’ que detêm potencialidades e peculiaridades muito favoráveis a implementação do Desenvolvimento Local. Não como uma comunidade qualquer, tendo em vista as características e iniciativas provenientes dos conceitos apresentados no Capítulo 1³⁴, ou seja, nela foram encontrados vivência, partilha, equilíbrio, espontaneidade, simplicidade, identificação, união, comunhão, consenso, potencialidade, cidadania, territorialidade, convergência e divergência, visíveis por meio de suas *performances*.

Seguindo o raciocínio consensual do apanhado teórico sobre comunidade, se estabelece que ela pode ser entendida como o conjunto de seres vivos inter-relacionados que habita um mesmo lugar, “[...] regida minimamente por regras de conduta, de organização [...]”, conforme acrescenta Ávila (2000a). De acordo com essa idéia, as comunidades encontradas e identificadas para este estudo foram: a da Região do Lagoa (constituída por todos os moradores da Região); a dos moradores-alvo do Projeto Buriti Lagoa (constituída pelas 764 famílias cadastradas); a dos moradores que freqüentaram a Associação dos Moradores (público B da pesquisa); a dos parceiros (iniciativa pública ou privada/público C da pesquisa); a das lideranças locais (formada por todas as lideranças locais); a do Grupo Mulheres Sem Limites (evidenciando o gênero feminino) e a ‘Comunidade’ da Associação de Moradores do Buriti Lagoa (formada pelos Dirigentes), foco deste estudo.

³⁴ A forma de avançar e retornar aos enunciados e conceituais entre os capítulos deste estudo, fez-se necessário para ratificar a lógica de raciocínio, fortalecendo o pensamento e expandindo os conhecimentos.

Ao identificar a existência da ‘Comunidade’ - formada pelos Dirigentes da Associação de Moradores -, os sintomas (manifestos nos respectivos Quadros) revelaram que essa “grande comunidade” se mostrou extremamente favorável às suas culturas endogeneizadoras, resgate do legado herdado dos moradores, os primórdios, do Capítulo 2, cujas manifestações já possuíam certa organização comunitária.

Ao ‘ruminar’ os conhecimentos potencializadores, ampliando as parcerias e otimizando as ações existentes, a Associação desmistificou a idéia de que tudo só funcionou por causa da interferência do Poder Público (agentes externos) no local, isso, com inegável mérito, é certo, porém não foi determinante. Fortificada e independente, pela sua postura de poder e discernimento sobre os desafios que se apresentou no processo de concepção e gestão do seu desenvolvimento, essa ‘Comunidade’ produziu um formato de manifestação cultural que deixou marcas visíveis, de acordo com as percepções do Público formado pelos estratos B e C, do universo pesquisado, revelando-a como única, moldada, amadurecida e alicerçada nela mesma, êxito do empoderamento de seus pares, o qual elevou a auto-estima dos dirigentes da Associação de Moradores. Isto se revelou, conforme depoimentos, quando da busca e conquista das novas parcerias, diferenciando-os do estereotipado, em que as respectivas potencialidades individualizadas e coletivas fomentaram a comunitarização. Vale dizer que o formato a que se refere é único no sentido de que não existe outro, é diferente dos demais. Se, ao contrário, essa ‘Comunidade’ não metabolizasse, e/ou não tivesse capacidade e potencial, não haveria o empoderamento peculiar que se viu, e o que se encontraria, com grande probabilidade, fosse o assistencialismo, o qual gessa o assistido, tornando-o dependente e subserviente.

Não se pode deixar de comentar a identidade cultural, longe de ser considerada abstrata, ganhou forma por meio das manifestações cotidianas. Notou-se que nada esteve parado, tudo se moveu e circulou, conforme se apresentou nos Capítulos 2 e 3 . Nesse molde, somou esforços, materializou vontades, aspirações e desejos, transformou vidas para melhor. Enquanto lugar de fluxo, a sede da Associação de Moradores estimulou e reproduziu a essência da comunidade local, por meio das diversas formações das representatividades da população local, como: o Grupo de Mulheres Sem limites, o Grupo de Idosos, o Grupo de Jovens (por meio da dança e violão), o Grupo do Jornal Comunitário etc., e por que não dizer, do grupo dos moradores que não freqüentou as atividades lá desenvolvidas, pela opção, pela liberdade de não participar, expressão de cidadania (levou-se em conta que cidadania é inerente a qualquer pessoa, aqui se reportou pelo simples fato de morar na região alvo, de

estar e fazer parte da comunidade). O espaço-local, territorializado e apropriado pela demanda acima, revelou-se um ponto extremamente convergente para o Desenvolvimento Local.

Como potencialidades convergentes para “comunidade” no prisma do Desenvolvimento Local, as relações internas e externas da Associação de Moradores foram fundamentais à compreensão e análise de seus fenômenos. Pode-se dizer que mereceu destaque, a partir desse processo investigativo, o despertar das potencialidades existentes. É fato que os interesses coletivos se sobrepusessem aos individuais, sem, contudo, necessariamente eliminá-los. Mas, para que tudo isso servisse de trampolim para novos rumos, foi preciso querência determinante de quem estava dentro do processo. Teve de vir do âmbito interno para fora. Do local para o global, e não vice-versa.

Reportando-se a Ávila (2000a), o fato de o processo ter sido de dentro para fora, fez da “comunidade” (a Associação de Moradores), a construtora de sua territorialidade, a partir do desabrochar de sua cidadania plena, aquela da mão na massa, exalando todo o sentimento de pertença, que formou sua identidade, ou seja, formou o conjunto de elementos peculiares daquela ‘comunidade’.

O agente externo, ao auxiliar na formação e fortalecimento da Associação de Moradores munuiu-a de instrumental legal e adequado para a sua emancipação social. Verificou-se que, na época, o Poder Público foi emancipado de suas possíveis atribuições ‘assistencialistas’. Não cabia àquela “comunidade” esse tipo de intervenção. E essa concepção foi fortalecida internamente quando a Associação teve o discernimento de escolher a competência de discutir e a vontade consciente de decidir sobre o seu rumo, sua existência e principalmente a sua permanência, superando o processo, corriqueiro e comum do “dirigismo” externo.

São fatos o reconhecimento e a importância da intervenção do Executivo Municipal, conforme o depoimento do Secretário Municipal de Habitação, na época, entrevistado 4, mencionado no Capítulo 3, ao se referir ao Projeto Buriti Lagoa/HBB, como divisor de “águas”, ou seja, no que tange à Política Municipal de Habitação, executada antes e depois dessa intervenção. O trabalho atendeu aos anseios e necessidades daquela comunidade, com: a expansão do acesso viário, a infra-estrutura adequada, a construção de habitações, a regularização de moradias, a mitigação para os córregos Buriti e Lagoa etc., e principalmente, desencadeando uma série de iniciativas, que foram endogeneizadas por todos os envolvidos locais, as quais fomentaram as diversas formas de organização comunitária, prioritariamente, a da Associação de Moradores da Comunidade Buriti Lagoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos sobre *associações de moradores* são caracterizados por êxitos e fracassos. Determinar a predominância de um ou de outro conceito dependerá do poder de envolvimento, entendimento e postura de cada “comunidade”, tanto das pessoas que a representam como das que são por ela representadas. Como cada “comunidade” possui dinâmicas próprias, desvendar as particularidades que dinamizaram a ‘Comunidade’ da Associação de Moradores do Buriti Lagoa foi o desafio deste estudo.

O estudo partiu do princípio de que os cidadãos tiveram em suas mãos boa parte das soluções dos problemas prementes e da capacidade de promover o bem-estar, desencadeando o crescimento, a qualidade de vida e a ação solidária, a favor de todos, a partir de suas potencialidades, coesão e criatividade.

Encontrou-se na Associação de Moradores da Comunidade Buriti Lagoa uma “comunidade dentro de outra, e interfaciada com outras”, cujos fenômenos norteadores se caracterizam como potenciais e fundamentais iniciativas para o Desenvolvimento Local, a partir de bases endógenas de pensamentos, que desabrocharam e reproduziram novos conhecimentos, possibilitando-lhes emergir para rumos independentes às amarras existenciais.

Este estudo referiu-se às formas como a mencionada Associação se apresentou e como foi sua estrutura de poder, política e moral, desvendando os elementos constitutivos e identitários: suas *performances* comunitárias, a territorialidade dos seus componentes, como estes se articularam entre si e como aquelas pessoas conseguiram potencializar uma série de forças e capacidades próprias que, somadas ou aliadas às potencialidades das outras, reproduziram novos conhecimentos, transformando suas vidas, as dos demais moradores do local e, inclusive, também de todas as pessoas que na época compartilharam aquela dinâmica.

As *performances* sinalizaram que a Associação de Moradores do Buriti Lagoa cumpriu o seu papel, o de estar a frente das questões comunitárias, ao conquistar a

credibilidade dos moradores locais e das parcerias instituídas, firmando-se por meio de suas potencialidades e particularidades, revelando-se uma ‘Comunidade’ favorável à implementação do Desenvolvimento Local. Trabalhou, compartilhou normas e valores na incessante busca de elevar a qualidade de vida de todos os moradores da Comunidade Buriti Lagoa; abriu-se e desabrochou para o seu auto-desenvolvimento. Interagiu entre si e com os outros moradores, como também, fora do âmbito interno da Região do Lagoa, em cadeia cada vez mais expansiva.

O Projeto Buriti Lagoa/HBB foi referência nacional e internacional, recebendo dois Prêmios Nacionais e, conforme retratou-se no Capítulo 2 (subitem Êxito da Intervenção), foi indicado para o Prêmio *Best Practices and Local Leadership Programme* - BLP (Global de Excelência de Melhores Práticas para a Melhoria do Ambiente de Vida)–, oferecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), realizado pela Municipalidade de Dubai, Emirados Árabes Unidos, em 2006.

A expressiva organização da ‘Comunidade’ (da Associação de Moradores) demonstrou, pelos canais internos e externos, que aqueles dirigentes ao expandirem seus conhecimentos, adquiridos pela interação de suas potencialidades, proporcionaram -por suas *performances*- a descentralização espacial do seu desenvolvimento. Surgiu um novo contexto local, em que os interesses daquela Associação, enquanto representante oficial de uma comunidade maior, passaram a ocupar o centro das atenções, implementando a cooperação entre diferentes atores e se constituindo perspectivas propícias, a novas tanto alternativas quanto iniciativas compatíveis com o Desenvolvimento Local.

A relevância das *performances* na dinâmica local criou novas possibilidades de diversificação para a Política Municipal de Habitação. O público externo do universo pesquisado referendou a Associação de Moradores da Comunidade Buriti Lagoa como o *local* com essência de organização social, cultural e política capaz de oferecer possibilidades para a renovação da vida comunitária em prisma de Desenvolvimento Local.

Este estudo destaca três pontos fundamentais que permitiram realçar o objetivo da investigação: 1) a revolução que se deu pela integração educativa entre os agentes internos e externos; 2) a ampliação da organização comunitária; e 3) a reprodução dos conhecimentos e verdadeira territorialização, marcada pelo sentimento de pertença e identificada por manifestações de suas *performances*. Estes pontos consistiram na implementação da lógica

central, voltada à construção endógena de uma comunidade, com potencial e iniciativas hoje caracterizadas como convergentes para o Desenvolvimento Local.

Como a pretensão desta investigação foi e continua sendo a de que ela efetivamente se torne de alguma forma útil, em termos de futuro, esta pesquisadora confessa que teve certa dificuldade imediata de trabalhar (selecionar, entender, organizar, aplicar, etc.) todo o universo conceitual direta e indiretamente abrangido no âmbito do Desenvolvimento Local. E isso apesar de sua relativamente longa história de atuação na área de comunidade, envolvendo a exercitação de habilidades concernentes tanto a elaboração quanto a execução de projetos para “comunidades” diversas, inclusive desenvolvendo trabalho de âmbito social com “comunidades tradicionais”, como foi o caso da primeira Aldeia Indígena Urbana “Marçal de Souza”, para atendimento de índios fora de suas aldeias.

Em relação a essa dificuldade de domínio conceitual do Desenvolvimento Local, é bom sempre ter a lembrança de que ‘Esse problema é decorrente de nossa formação ainda quase só orientada para o prático [...]’, Ávila (2000a, p. 14). Mas dois fatos contribuíram de maneira decisiva para o respectivo processo de superação desta mentalidade: por um lado, o Grupo de Pesquisa, voltado ao estudo de “Comunidade *versus* Desenvolvimento Local”, coordenado pelos Professores Dr. Vicente Fideles de Ávila e Dr. Sérgio Ricardo Martins, foi de inestimável importância para isso; e, por outro, a superação - enquanto fato -, que só começou a ser efetivamente exercitada ao longo do próprio desenrolar desta pesquisa.

Isso, porque por dois intensos anos, do primeiro momento de sua concepção a este de encerramento, a pesquisa exigiu e ao mesmo tempo proporcionou oportunidades teóricas e aplicadas de ampliação dos ângulos pessoal, social, profissional e científico desta pesquisadora. Proporcionou e expandiu inclusive o ângulo de visão de que, por um lado, este trabalho investigatório não pode parar nele mesmo (tem de voltar e mostrar pontos estratégicos de possível fecundação, em termos de Desenvolvimento Local, lá na “comunidade” a que se refere) e, por outro, que conhecimentos, realidades, problemas e soluções constituem objeto de ininterrupto processo-de-diagnose-permanente.

REFERÊNCIAS

AMARO, Ana; POVOA, Andréia; MACEDO, Lúcia. **A arte de fazer questionários**. 2004 p. 3. Disponível em: <www.jcpaiva.net/getfile>. Acesso em: 22 fev., 2008, 9h30 min.

AMMANN, Safira Bezerra. **Ideologia de desenvolvimento em comunidade no Brasil**. São Paulo/SP: Cortez, 1980.

ÁVILA, Vicente Fideles de. Pressuposto para formação educacional em desenvolvimento local. **Interações** - Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Campo Grande, v.1, n. 1, p. 63-75, set. 2000a.

_____. *et al.* CAMPOS, Izaura Maria Moura; ROSA, Maria Wilma Casanova; FERRO, Regina de Fátima F. C.; PAULITSCH, Robinson Jorge. **Formação educacional em desenvolvimento local**: relato de estudo em grupo e análise de conceitos. Campo Grande: UCDB, 2000b.

_____. **Educação escolar e desenvolvimento local**. Brasília: Plano, 2003a.

_____. **Cultura, desenvolvimento local, solidariedade e educação**. Campo Grande-MS. Disponível em: <www.ucdb.br/coloquio>. 2003. Acesso em: 28 jan. 2006b, 14h45min.

_____. **Cultura de sub/desenvolvimento e desenvolvimento local**. Sobral/CE: Uva, 2006.

BRASIL. **Convenção europeia dos direitos do homem** Lei nº 65/78 de 13 de Outubro de 1978. A Assembléia da República decreta, nos termos dos artigos 169, n. 2, alínea j da Constituição. Disponível em: <<http://www.aprendereuropa.pt/document/ConvEuropeiaDH.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2007, 20h.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 40/2003 e pelas Emendas Constitucionais de R. Brasília: Senado Federal, 2003.

BRASIL. Ministério de Estado das Cidades. **Programa habitar Brasil Bid - HBB**. Normatização operacional. Brasília: Nacional, 2000.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3.ed. São Paulo/SP: Lisa S.A., 1989.

CAIXA Econômica Federal. **Caderno de orientação técnica social - COTS**. Brasília-DF, versão/Jun., 2003.

CAIXA Econômica Federal. Buriti Lagoa. **O projeto que mudou a vida em uma das áreas urbanas mais miseráveis do país**. Prêmio CAIXA Melhores Práticas em Gestão Local. s/d. Disponível em: <www.caixa.gov.br>. Acesso em: 20 ago., 2007, 16h.

CAMPO GRANDE (Município). Empresa Municipal de Habitação. **Projeto integrado mudando para melhor Buriti Lagoa**. Campo Grande: Unidade Executora Municipal - UEM, v. VII, set. 2001. Mimeo.

CAMPO GRANDE (Município). Empresa Municipal de Habitação - EMHA. **Projeto de participação comunitária**. Diagnóstico institucional da região - educação ambiental. Serviços e equipamentos comunitários existentes na região. Set., 2001.

CAMPO GRANDE (Município). Instituto Municipal de Planejamento Urbano. **Perfil socioeconômico de campo grande**. 13.ed rev. Campo Grande: Planurb, 2006.

CAMPO GRANDE (Município). Empresa Municipal de Habitação - EMHA. **Projeto mudando para melhor buriti lagoa - relatórios e mapas**. Ago., 2005.

CASTIEL, Luis David. Promoção de saúde e a sensibilidade epistemológica da categoria 'comunidade'. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v. 38, n. 5, out., 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo Cesar da Costa (Orgs.). **Geografia: conceito e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 15-47.

COSTA, Reginaldo Brito da (Org.). **Fragmentação florestal e alternativas de desenvolvimento rural na região centro-oeste**. Campo Grande: UCDB, 2003.

DEFLEM, Mathieu. 2001. **Ferdinand Tönnies (1855-1936)**. Disponível em: *Routledge Enciclopédia de Filosofia*, editado por Edward Craig. London: Routledge. Versão traduzida

<<http://translate.google.com/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://www.cas.sc.edu/socy/faculty/deflem/zToennies.html&sa=X&oi=translate&resnum=3&ct=result&prev=/search%3Fq%3Dt%25C3%25B4nnies%2BFerdinand%26hl%3Dpt-BR>>. Acesso em: 20 dez. 2007, 12h36min.

DEMO, Pedro. **Ciência, ideologia e poder:** uma sátira as ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1988.

FERRARI, Eunice. **Mudança.** Disponível em: <<http://reginasonhadora.spaces.live.com/blog/cns!FECF16E05A13510D!116.entry>>. Acesso em: 28 nov. 2007, 16h12 min.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa.** 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico.** 2000.

LE BOURLEGAT, Cleonice. A ordem local como força interna de desenvolvimento. **Interações** - Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Campo Grande, v.1, n.1, set. 2000.

MARQUES, Heitor Romero *et al.* **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico.** Campo Grande: UCDB, 2006.

MARTÍN, José Carpio. Los retos por una sociedad a escala humana: el desarrollo local. In: SOUZA, M. A. A. (Org.). **Metrópole e globalização:** conhecendo a cidade de São Paulo. São Paulo: EDESP, 1999, p. 169-177.

MARTINS, Sérgio Ricardo. O desenvolvimento local: questões conceituais e metodológicas. **Interações** - Revista Internacional de Desenvolvimento Local, v.5, 2002, p. 51-59.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

PIERSON, Donald. **Teoria e pesquisa em sociologia.** São Paulo: melhoramentos, 1969.

PORTUGAL, Cristina. Teorias aspectos teóricos e filosóficos [Por]. **Revista Brasilenã de Aprendizaje Abierto Y a Distancia.** Publicada em: 02/01/2005 a las 15:00. Disponible em:<<http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=3esp&infoid=1061&sid=69>>. Acesso em: 18 jan. 2008, 15h32 min.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

SANTANA, Marcos Silvio de. Artigos Jurídicos. **O que é cidadania**. Disponível em: <<http://www.advogado.adv.br>>. Acesso em: 27 jan. 2008, 14h.

SANTOS, Milton. Pobreza e desenvolvimento local. Brasília: ARCA Sociedade do Conhecimento, 2002.

_____. **A natureza do espaço** - técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SINAIS. **Observatório de sinais**. Disponível em: <www.observatoriodesinais.com.br>. Acesso em: 8 out. 2007, 14h.

SINDICONET. **Associação de moradores**. Disponível em: <www.sindiconet.com.br/informe-se/view.asp?id=1408>. Acesso em: 22 dez. 2007, 14h.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1993.

WIKIPÉDIA. **Interação**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Intera>>. Acesso em: 8 out. 2007, 10h.

_____. **Sintoma**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sintoma>>. Acesso em: 8 out. 2008, 8h59min.

APÊNDICES

APÊNDICE A

**FORMULÁRIO DA *PERFORMANCE* INTERNA DA ASSOCIAÇÃO DE
MORADORES/ COMUNIDADE ‘BURITI-LAGOA’**

IDENTIFICAÇÃO

N. _____

Data: ____/____/2007

Estrato: _____

Horário: ____h: ____min

RESULTADO DA ENTREVISTA

1. () Aceita espontaneamente

2. () Aceita com resistência

3. () Recusada

4. () outro: _____

1. DADOS GERAIS

1.1 Nome do entrevistado: _____ Sexo ()F ()M

1.2 Idade: _____ 1.3 Estado Civil: _____

1.4 Naturalidade: _____

1.5 Nacionalidade: _____

1.6 Profissão: _____ 1.7 Ocupação: _____

1.8 Telefone de contato: () residência () comercial () celular () Associação de Moradores () outro: _____

1.9 Escolaridade

a) () analfabeto () desenha o nome

b) () semi-analfabeto

c) () ensino fundamental incompleto () ensino fundamental completo

d) () ensino médio incompleto () ensino médio completo

e) () ensino superior incompleto () ensino superior completo

1.10 Renda Familiar Mensal - (em salário mínimo)

a) () 1 SMM

b) () 2 SMM

c) () 3 SMM

d) () Mais de 3 SMM

e) () não sabe

f) () não respondeu

1.11 Tempo de moradia na comunidade

a) () menos de 1 ano

e) () 15 a 20 anos

b) () 1 a 5 anos

f) () 20 a 25 anos

c) () 5 a 10 anos

g) () Mais de 25 anos

d) () 10 a 15 anos

i) () não sabe

2. RELAÇÃO COM A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES/AM

2.1 Sua participação na AM começou em:

- a) ☐ desde o início, ou seja, desde sua formalização em 2006
- b) ☐ entrei para compor a chapa
- c) ☐ substitui um membro que saiu

2.2 Participo da AM por que:

- a) ☐ acredito no movimento comunitário
- b) ☐ acredito na AM
- c) ☐ quero mudar a vida desta comunidade
- d) ☐ não estou fazendo nada então ajudo

2.3 Por meio da Associação de Moradores consegui:

- a) ☐ ajudar a mudar a minha vida e a de minha família
- b) ☐ ficar mais próximo dos políticos
- c) ☐ trazer mais ônibus, asfalto, mercados, etc. para a comunidade
- d) ☐ ser mais conhecido na comunidade

2.4 Conhecimento sobre os documentos da A.M/Registro existencial formal da Instituição (estatuto, atas de reunião, composição da AM, etc).

- a) ☐ conheço todos os documentos
- b) ☐ conheço parte da documentação
- c) ☐ não tenho conhecimento de nada

Por que ☐ não me interessei ☐ nunca me mostraram ☐ Não respondeu

2.5 Capacitação para ser membro da AM

- a) ☐ participei integralmente
- b) ☐ participei parcialmente
- c) ☐ não participei

Por que ☐ não me interessei ☐ estava trabalhando ☐ quando entrei não houve mais capacitação ☐ outro: _____

3. ATUAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES/AM

3.1 Meu cargo função é:

3.2 Participo das atividades da Instituição:

- a) ☐ reuniões
- b) ☐ assembléias
- c) ☐ festas
- d) ☐ quando precisam de mim
- e) ☐ dos cursos
- f) ☐ não respondeu

3.3 Freqüento a AM

- a) ☐ todos os dias
- b) ☐ quando tem atividades que são boas
- c) ☐ quando me convocam
- d) ☐ quando estou disponível
- e) ☐ não respondeu

3.4 Meu papel na AM

- a) () auxílio de todas as atividades da AM
- b) () desempenho tarefa específica
- c) () participo de reuniões quando é preciso
- e) () participo de reuniões quando posso

4. Como vejo a A.M?

5. Para Você, a A.M. é vista pela comunidade como?

- a) () fundamental e importante para o bairro
 - b) () para captar prestígio
 - c) () para captar cursos e palestras para a comunidade
 - d) () espaço agregador de idéias
 - e) () não sei o que a comunidade pensa
- (ver como a AM se imagina na visão popular local)

6. Para Você, a A.M. é vista pelo poder público e parceiros em geral como?

- a) () fundamental e importante para o bairro
 - b) () para captar prestígio
 - c) () para captar cursos e palestras para a comunidade
 - d) () espaço agregador de idéias
 - e) () não sei
- (ver como a AM se imagina na visão dos agentes externos)

7. Como me relaciono com os outros membros da A.M.

8. A comunicação da A.M. com os agentes externos é:

- a) ()
- b) ()
- c) ()
- d) ()
- e) ()

9. Como me relaciono com os agentes externos (a. poder público, b. parceiros; c. comunidade)

a-

b-

c-

10. O Projeto Buriti Lagoa ajudou como a A.M.

- a) () fundamental e importante para o bairro
- b) () Tr
- c) () para captar cursos e palestras para a comunidade
- d) () espaço agregador de idéias
- e) () não sei o que a comunidade pensa

11. Como é a dinâmica da A.M.: _____

12. A A.M. tem regras ?

a) (☐) Sim. Quais?

b) (☐) Não.

c) (☐) deveria ter. Por que?

13. Como a A.M. conclama a comunidade para a participação:

14. Dê uma nota de 1 a 5 da A.M. mediante sua existência e representatividade da população do Buriti Lagoa

1(ruim) 2 (razoável) 3 (bom) 4 (muito boa) 5 (ótima)

APÊNDICE B

FORMULÁRIO DA *PERFORMANCE* EXTERNA DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES/ COMUNIDADE ‘BURITI-LAGOA’

IDENTIFICAÇÃO

N. _____

Data: ____/____/2007

Estrato: _____

Horário: ____h: ____min

RESULTADO DA ENTREVISTA

1. () Aceita espontaneamente
2. () Aceita com resistência
3. () Recusada
4. () outro: _____

1. DADOS GERAIS

1.1 Nome do entrevistado: _____ Sexo () F () M

1.2 Representa: _____

1.3 Parceria: () Sim () Não

1.4 Se parceiro (a). Em que ação? _____

1.5 Comunidade; () Sim () Não

1.6 Telefone de contato: () residência () comercial () celular

outro: _____

1.7 Tempo de atuação na comunidade

- | | |
|-----------------------|------------------------|
| a) () menos de 1 ano | e) () 15 a 20 anos |
| b) () 1 a 5 anos | f) () 20 a 25 anos |
| c) () 5 a 10 anos | g) () Mais de 25 anos |
| d) () 10 a 15 anos | i) () não sabe |

2. RELAÇÃO COM A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES/AM

a) () desde o início, ou seja, desde sua formalização em 2005

b) () formal sistemática c) () formal esporádica

d) () informal sistemática e) () informal esporádica

f) () nenhuma

2.1 Participo com a AM por que:

- a) () acredito no movimento comunitário
- b) () acredito na AM
- c) () quero mudar a vida desta comunidade
- d) () não estou fazendo nada então ajudo

2.2 Conhecimento sobre os documentos da A.M/Registro existencial formal da Instituição (estatuto, atas de reunião, composição da AM, etc).

- a) () conheço todos os documentos

b) () conheço parte da documentação

c) () não tenho conhecimento de nada

Por que () não me interessei () nunca me mostraram () Não respondeu

3. Participo das atividades da Instituição:

a) () contribuindo com ações

b) () assembléias

c) () reuniões

d) () quando precisam de mim

e) () não respondeu

4. Frequento a AM

a) () todos os dias

b) () quando tem atividades que são boas

c) () quando me convocam

d) () quando estou disponível

e) () não respondeu

5. Como vejo a A.M?

6. Para Você, a A.M. é vista pela comunidade como?

a) () fundamental e importante para o bairro

b) () para captar prestígio

c) () para captar cursos e palestras para a comunidade

d) () espaço agregador de idéias

e) () não sei o que a comunidade pensa

(ver como a AM se imagina na visão popular local)

7. Para Você, a A.M. é vista pelo poder público e parceiros em geral como?

a) () fundamental e importante para o bairro

b) () para captar prestígio

c) () para captar cursos e palestras para a comunidade

d) () espaço agregador de idéias

e) () não sei

(ver como a AM se imagina na visão dos agentes externos)

8. Como me relaciono com os outros membros da A.M.

9. A comunicação da A.M. com os agentes externos é:

a) ()

b) ()

c) ()

d) ()

e) ()

10. Como me relaciono com os outros agentes externos (a. poder público, b. parceiros; c. comunidade)

a) ()

b) ()

c) ()

11. O Projeto Buriti Lagoa ajudou como a A.M.

a) () fundamental e importante para o bairro

b) () Tr

c) () para captar cursos e palestras para a comunidade

d) () espaço agregador de idéias

e) () não sei o que a comunidade pensa

12. Como é a dinâmica da A.M.:

13. A A.M. tem regras ?

a) () Sim. Quais?_____;

b) () Não.

c) () deveria ter. Por que?

14. Como a A.M. conclama a comunidade para a participação:

15. Dê uma nota de 1 a 5 da A.M. mediante sua existência e representatividade da população do Buriti Lagoa

1(ruim) 2 (razoável) 3 (bom) 4 (muito boa) 5 (ótima)

APÊNDICE C

AGENTE EXTERNO - MODELO APLICATIVO

COORDENADORA NACIONAL DA ÁREA SOCIAL DO PROGRAMA HABITAR BRASIL BID/HBB E GERENTE SUBSTITUTA DE PROJETO, MINISTÉRIO DE ESTADO DAS CIDADES, BRASÍLIA/DF.

Entrevistada: Assistente Social K.J.T./CRESS 12013/RJ, entrevista respondida por e-mail, no dia 11/02/2008, às 16h36min, encaminhada em 26/11/2007 via e-mail.

1. Enquanto agente externo, como a Associação de Moradores pode ser vista na contextualidade da Comunidade Buriti Lagoa?
2. Os integrantes da Associação de Moradores, em sua opinião, reproduziram conhecimentos?
3. Em sua opinião houve a valorização ao trabalho desenvolvido junto à Associação de Moradores?
4. Qual o trabalho educacional desenvolvido com a Associação de Moradores?

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE HABITAÇÃO À ÉPOCA E ATUAL SECRETÁRIO
ESTADUAL DE HABITAÇÃO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL.

Entrevistado: Engenheiro e Advogado Sr. C.E.X.M., entrevista gravada, concedida em seu gabinete, Secretaria Estadual de Habitação/SEHAB, Parque dos Poderes, Bloco 14, no dia 28/01/2008, às 14h:30min.

1. Em sua opinião, enquanto agente externo, como o Senhor viu e vê a Associação de Moradores da 'Comunidade' Buriti Lagoa?
2. Pontuar se houve convergência ou divergência na Associação de Moradores da 'Comunidade' Buriti Lagoa? Quais?
3. Qual a relação da Associação de Moradores e a Comunidade? Como essa relação foi vista pelo executivo municipal?
4. Qual a relevância do Centro Comunitário no contexto local?

ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL / ONG MORADIA E CIDADANIA, À REPRESENTANTE DA ONG À ÉPOCA DA ENTREVISTA.

Entrevistada: Assistente Social, CRESS 1377/MS A.D., entrevista respondida por e-mail no dia 28/11/2007, às 16h:10min.

1. Como e por que A ONG Moradia e Cidadania se tornou parceira da Associação de Moradores da Comunidade Buriti Lagoa?
2. Como a ONG avalia o reconhecimento da comunidade em relação à Associação de Moradores?
3. Aponte um fator facilitador e um fator dificultador da Associação de Moradores durante o período da parceria.

APÊNDICE D

DEPOIMENTOS DE PESSOAS DA REGIÃO SOBRE O PROJETO

BURITI LAGOA³⁵

Depoimento 1

“Faz muitos anos que sonhamos com um Projeto assim.
É muito importante sair daqui. Graças a Deus que vamos para um lugar melhor”.

Naudir de Fátima

Rua Major Juarez, 210 - São Conrado
Selo 364 - Área de remanejamento
54 anos, amasiada, moradora há 25 anos

Depoimento 2

“Na qualidade de representante dos moradores, quero em nome da comunidade, parabenizar este Projeto pela sua seriedade e porque através de técnicas bem elaboradas vai nos tirar de uma causa que vem nos afrigindo há muito tempo. Queremos agradecer a atitude humana do nosso Prefeito, juntamente com a sua Empresa Municipal de Habitação - EMHA, através de seu Presidente, Dr. Marun. Agradecemos também o apoio da Câmara de Vereadores”.

José Barbosa dos Santos Filho (in memória)

Presidente da Associação de Moradores do Bairro São Conrado - Setor II
Rua Praia Grande, 148 - São Conrado
Selo 308 - Área de remanejamento
52 anos, casado, morador há 14 anos

Depoimento 3

“Acho o Projeto muito bom, pois vamos mudar para uma casa bem melhor”.

Geralda Martins Dias

Rua Praia Grande, 13 - São Conrado
Selo 260 - Área de remanejamento
Casada, 07 anos residindo no local

³⁵ Respeitou-se a grafia original dos depoentes.

Depoimento 4

“Como representante do movimento comunitário e morador da região envolvida no Projeto sinto-me gratificado com tamanha abrangência e seriedade do mesmo, pois veio propiciar aos moradores um tipo de vida melhor, uma moradia mais digna e saudável. Parabenizo à PMCG por nos ter priorizado neste Projeto e à EMHA pela maneira séria, digna e eficiente no desenvolvimento deste, principalmente os técnicos sociais que souberam agir com eficiência e paciência suficientes para contornar as diversas situações, muitas vezes embaraçosas”.

Celso Lopes

Presidente da Associação de Moradores do Buriti
Rua Cristóvão Álvares, 765 - Buriti
Casado, 41 anos, residente no bairro há 16 anos

Depoimento 5

“Esse Projeto é bom. A situação vai ficar bem melhor porque agora eu posso até melhorar minha casa. Vai ficar ótimo”.

Evaristo Areco

Rua Antonio Bandeira, 581 - Buriti
Selo 190 - área de regularização
Casado, 57 anos, morador há dez anos

Depoimento 6

“Acho que é um Projeto muito bom que veio beneficiar a saúde da comunidade, propiciando a melhoria das moradias de toda a região que ele vai abranger além de dar a garantia de se ter um patrimônio. O projeto ambiental vai dar uma nova vida à toda comunidade”.

Marino Nunes Pereira

Moradores do Jardim São Conrado
Rua Vitória Zardo, 781 - São Conrado
Casado, 55 anos, morador há 13 anos

ANEXO

REPORTAGEM PUBLICADA NO SITE DO PNUD, SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA HABITAR BRASIL BID/HBB E O PROJETO BURITI LAGOA³⁶



Notícias

Campo Grande (MS), 04/06/2004

Era cortiço, hoje é parque de 18 mil m²

Projeto revitaliza área em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, gera renda, despolui córregos, pavimenta ruas e cria rede de esgoto

CHICO MENDES **da PrimaPagina**

No registro, Mariano Nunes Pereira tem 59 anos de idade, mas na prática, segundo ele, “uns 25”. Extrovertido, seu Mariano, como é conhecido no bairro onde vive em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, se mostra tão empolgado que mal consegue narrar os diferentes rumos que sua vida já tomou. “Sou vivido rapaz, já fui capataz no Pantanal, ex-cabo do exército, e sou casado com uma índia purinha que conheci na aldeia”, detalha. Com tanta experiência, ele a inda é capaz de dar a receita para que as autoridades paulistas despoluam o rio Tietê e melhorem a qualidade de vida em São Paulo. “Conheço bem esse pedaço, e aquele rio (Tietê) é fedido demais, a cidade fica muito feia. Vocês têm que fazer que nem a gente”.



Seu Mariano se refere aos córregos Buriti e Lagoa, que cortam o bairro de São Conrado, onde ele reside com a sua esposa, a índia Madalena. Hoje, praticamente despoluídos, os riachos são parte da paisagem local, mas até pouco tempo eram o estorvo da comunidade. “Quando chovia era esgoto pra tudo que é lado. Muita gente perdeu objetos por causa dos alagamentos”.

³⁶ Disponível no site: <http://www.pnud.org.br/saneamento/reportagens/index.php?id01=422&lay=san>. 4 jun., 2004.



Há três anos, o Buriti-Lagoa foi escolhido entre as áreas mais precárias em saneamento e qualidade de vida do Brasil. Por causa disso, acabou sendo beneficiado pelo governo para abrigar as obras de melhoria sanitária do programa Habitar Brasil/BID, que conta com o apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e do PNUD.

Iara Santana, responsável pela implementação do programa, relata que a maioria das casas apresentava condições sub-humanas. “Tinha gente morando em barraco com menos de 30 m² sob teto de lona e praticamente dentro d’água. Isso sem contar os que não tinham banheiros”. Antes da intervenção, todo o esgoto da área era direcionado para os córregos. “O mau cheiro era insuportável”, diz.

Mobilização da comunidade

Segundo seu Mariano, a violência também atrapalhava a vida no bairro. Ele conta que os que não moravam em São Conrado, conhecido também como Buriti-Lagoa, tinham receio de entrar na área. “Uma vez eu peguei um táxi da rodoviária e tive que descer bem antes da minha casa por que o motorista se recusou a entrar no bairro”, conta. Para a moradora Josefina Areco, havia muitos terrenos baldios, “que os ladrões utilizavam para se esconder”.

O contrato do programa Habitar Brasil prevê a criação de uma rede de ação social nas áreas atingidas antes do início das obras. No Buriti-Lagoa, a intervenção começou em abril de 2001. “Primeiro, fizemos um trabalho de fortalecimento da comunidade, promovendo palestras sobre educação sanitária e ambiental e geração de renda”, explica Iara.



O programa social é o primeiro a começar e o último a acabar, pois a ajuda dos técnicos do projeto só termina depois que as obras estiverem concluídas. Além das palestras, já foram realizados no Buriti-Lagoa vários cursos de profissionalização, como o de jardinagem, salgados, doces e informática.

Geração de renda

“O curso de doces adoçou a minha vida”, brinca seu Mariano, que hoje se orgulha da nova profissão, de onde tira a sua renda mensal. “Vendo doces na Prefeitura, no varejo e onde pedirem”. Josefina Areco também se beneficiou dos cursos oferecidos e hoje já tira seu sustento da fabricação de salgados. “Quando tem festa aqui no bairro o pessoal encomenda e eu faço”, relata a dona de casa.

No bairro foi construído um centro comunitário, que conta com uma cozinha industrial, onde acontecem as aulas de culinária. Segundo Iara, o próximo passo é utilizar o espaço para produção de alimentos. “Queremos comercializar o que será feito aqui, como uma cooperativa”, diz.

Para fazer as reformas necessárias no bairro, foi preciso remanejar um grupo de 350 famílias que viviam em áreas de risco, próximas aos córregos. Os casebres que essas famílias habitavam deram lugar a um parque de 18 mil m², por onde também passam os riachos Buriti e Lagoa.

Hoje, uma das atrações prediletas do seu Mariano é passear pela área verde do parque e ver as meninas. “Só ver, por que a velha ta sempre comigo”, brinca. Já Josefina Areco prefere tomar seu tererê, bebida típica do Mato Grosso do Sul, debaixo das árvores.



As famílias que foram retiradas do local onde hoje fica o parque ganharam um novo lar de alvenaria com todas as instalações elétricas e sanitárias. Segundo Iara, a Prefeitura desapropriou os terrenos baldios que havia no bairro para construir as casas. Já outras 410 famílias foram beneficiadas com melhorias habitacionais. “Fizemos banheiros, cozinhas, teto, ou seja, tudo que fosse necessário dependendo do estado em que se encontrava a casa”, explica.

Ficou mais fácil se locomover dentro do bairro também. Josefina se recorda do tempo em que saía de casa e enfrentava metros de lama até chegar ao ponto de ônibus. Não tinha um só dia em que ela não se sujava de terra. Hoje, porém, o cenário está quase inteiramente asfaltado. “Foram 48 mil km² de asfaltamento”, conta a responsável pelo projeto.

Para acabar com o esgoto que corria a céu aberto, Iara diz que foram construídos mais de 6 mil metros de drenagem. Todas as ações em conjunto acabaram “ressuscitando” os córregos Buriti e Lagoa, que hoje corta tranquilamente a área do parque sem exalar o mau cheiro de antes.

“Isso tudo aqui é uma beleza. Eu estou no paraíso”, resume seu Mariano. Depois de revelar o segredo para despoluir o Tietê ele passa a receita da juventude: “É vinho com catuaba rapaz”.